

# Conversando com *Divaldo* Pereira *Franco*

*"Era um avião Douglas!  
Deslumbrei-me com a viagem,  
principalmente a visão de Curitiba,  
dos arredores, com as araucárias,  
que me fascinaram até as lágrimas."*



Federação Espírita do Paraná

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

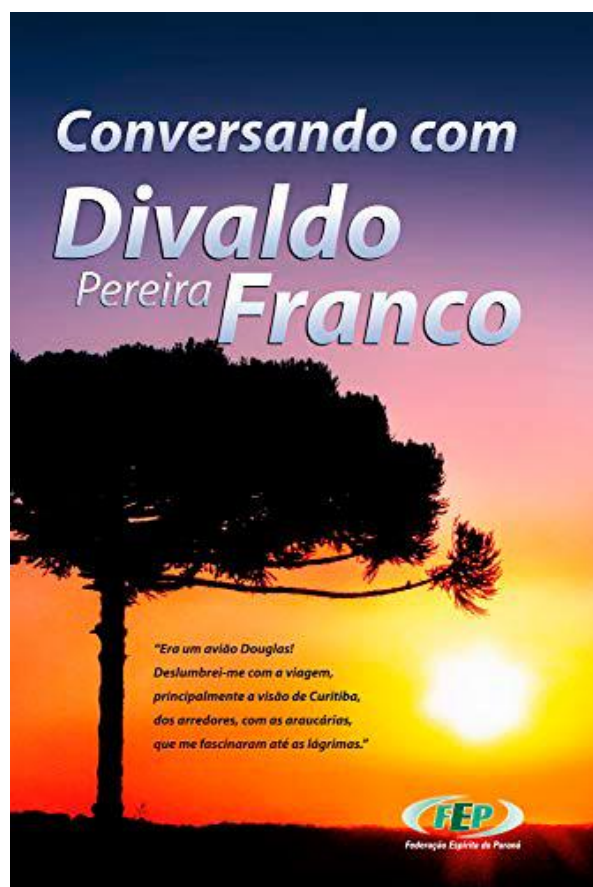
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)



# Conversando com Divaldo Pereira Franco

## Prefácio

Palavras de agradecimento

Conviver com Divaldo Franco, ainda que em momentos fugazes, é respirar fraternidade em clima de enlevo e construtividade espiritual.

Desde que aportou, pela primeira vez, em terras paranaenses, em de abril de , o incomparável tribuno e médium, fidelíssimo aos preceitos espíritas, estabeleceu vínculos indestrutíveis com o Movimento Espírita do Estado.

São anos de uma forte relação de companheirismo e trabalho, em nome do Senhor, nestas paragens abençoadas por onde um dia passaram figuras inesquecíveis como José Lopes Netto, Lins de Vasconcellos, Abibe Isfer, João Ghignone, Napoleão de Araújo, Honório Melo, entre outros pioneiros de ideal espírita.

Sempre que possível, Divaldo nos visita, atendendo, célere, aos apelos de nossa expressiva comunidade de estudiosos e lidadores da grande tarefa de soerguer o ânimo de uma sociedade ainda combatida sob o peso de um materialismo esmagador.

Não foi diferente, quando apelamos ao seu coração para estar conosco no período natalino de . Brindou-nos com belíssima palestra em de dezembro, sob o título "Jesus e a canção de Natal\*"

que consta, na íntegra, no final deste livro.

No dia imediato, acedeu a solicitação da presidência da Federação e conversou longamente com todos os membros de sua diretoria Executiva e do Conselho Federativo Estadual.

Foram instantes inesquecíveis de comunhão espiritual. Suas inspiradas palavras emocionaram às lágrimas!

Respondeu, com impressionante desenvoltura, as perguntas feitas! Todas estão, com as respostas, nas páginas luminosas deste livro que, certamente, constituirá um marco precioso nessa relação de mútuo respeito e indefinível admiração.

Belos e esclarecedores, os textos que se seguem serão de importância vital para todos que, sinceramente, desejam crescer em conhecimento e espiritualidade.

Temas atuais foram abordados, lançando luzes sobre as escuras vielas e os tortuosos meandros das opiniões pessoais sem compromisso doutrinário. Todos sentiram a presença dos elevados benfeitores que orientaram Divaldo. Ele, mais uma vez, humilde e dedicado, fez-se portador da libertadora mensagem do Espiritismo.

Em nome da família espírita paranaense, a Federação agradece, no limite de suas forças, pelo empenho desse amigo, que se fez mais que amigo, um verdadeiro irmão que jamais deixaremos de abraçar em nosso eterno reconhecimento.

**Francisco Ferraz Batista**

**Presidente da Federação Espírita do Paraná — FEP**

# O livro de San Michele e a comovente história de Floppette

**"O livro de San Michele" e a  
comovente história de Floppette**



Queridas irmãs, queridos irmãos espíritas, nossos votos cordiais de muita paz.

Desnecessário acentuar a emoção que nos invade, retornando mais uma vez a essa Casa, para nós veneranda, que nos acolheu pela primeira vez no dia de abril de , quando aqui passamos, por sugestão do nosso confrade paulista, José Gonçalves Pereira, a fim de conhecermos o trabalho de assistência social desenvolvido pela Federação Espírita do Paraná.

Fomos recebidos no aeroporto pequenino do passado, pelos nossos irmãos João Ghignone e Abibe Isfer. Desde então, nesses transatos anos, temos tido a imensa alegria de aqui retornarmos anualmente, às vezes repetindo a experiência no mesmo ano e contar da nossa emoção ao conhecer o Paraná naquela época. Eu nunca havia visto um pinheiro. A imagem das terras tórridas do polígono das secas é que dominava a minha imaginação.

Quando o avião sobrevoava Curitiba, eu estava muito preocupado, porque Gonçalves Pereira me havia dito que era muito fácil identificar o senhor Ghignone. Ele estaria no aeroporto, esperando-me. Era um senhor italiano, baixo, de bigode. Uma descrição muito vasta. Então me dei conta: e se ele não estiver no aeroporto, o que será de mim? Tinha o endereço da caixa postal e não da residência. Aí é que senti a extensão do problema. Não tinha dinheiro para pegar um táxi, ir a Curitiba, voltar. Assaltou-me um verdadeiro pânico.

Naquele momento eu vi entrar um Espírito. Veio diretamente até mim, sorriu e disse:

— Olha Divaldo, sou Lins de Vasconcellos. O Ghignone está lá embaixo te esperando, fica tranquilo. Tranquelizei-me!

Era um avião Douglas! Deslumbrei-me com a viagem, principalmente a visão de Curitiba, dos arredores com as araucárias que me fascinaram até às lágrimas.



Quando entrei na pequena sala do aeroporto, todo mundo era baixo, de bigode e usava casaco. Era abril e naquele tempo fazia muito frio.

Vi o Dr. Lins acercar-se de alguém e apontar-me. Aproximei-me e perguntei:

- Senhor Ghignone?
- Pois não?
- Sou Divaldo Franco.
- Ué, mas já chegou?

Naquela época, o avião parava aqui de três em três, de quatro em quatro horas, e ele não me havia visto.

Eu disse:

B g— É, o Dr. Lins me falou a respeito do senhor. Ele havia sido testamenteiro do Dr. Lins. A partir daquele momento, nasceu uma empatia e uma grande paixão pelo Paraná.

No dia seguinte fomos a Ponta Grossa, pela estrada antiga.

O senhor Abibe dirigia um furgão azul que era uma maravilha. O senhor Ghignone controlava a velocidade; quando ultrapassava 100 km/h, era um desastre, a poeira, agradável e vermelha, era um pó muito saudável aquela época. Estava deslumbrado!

Quando começou a subir a primeira montanha que levava a Ponta Grossa, o primeiro altiplano, havia um vale muito lindo.

Então, seu Abibe disse:

- Meu filho, ali é o nosso vale de Josafá<sup>1</sup>.

Essas imagens ficaram impressas na minha alma. Nunca mais se diluíram.

Chegando a Ponta Grossa, encantei-me com a cidade e tive a sensação de alguma época ter vivido aqui no Paraná.

Esse intróito é para dizer do grande amor que eu sinto pelo Paraná, pelas terras, pelo seu povo e a gratidão pela acolhida, desde o primeiro momento.

Agradeço, profundamente sensibilizado, ao Dr. Francisco Ferraz Batista, por haver me honrado com a oportunidade de aqui estar com os senhores. Confesso meu constrangimento de estar diante dos trabalhadores espíritas do Paraná, rogando escusas, antecipadamente, por qualquer deslize, que por certo houvera, por quaisquer equívocos ou excesso de entusiasmo.

Na FEB, o presidente Nestor Masotti, sempre nos pede que, numa tarde depois das atividades normais, invariavelmente no sábado, a partir das 19 horas, mantenhamos um contato informal com os representantes das federativas nacionais e alguns poucos convidados, narrando uma história, alguma coisa que sirva de marco.

Esta noite eu estava pensando, que mensagem eu poderia trazer para nossa reflexão? Foi quando o Dr. Lins de Vasconcellos apareceu fazendo-me recordar uma página que considero bela, porque real, da literatura universal. Certo dia, em Uberaba, quando estávamos na Vila dos Pássaros Pretos, atendendo os aflitos, Chico Xavier lia uma mensagem sob um telheiro, para um número reduzido de pessoas. A sua voz era muito fraca. Ele pediu que interpretasse, contando uma história comovedora, acrescentando:

— Meu filho, o mundo está cansado de inteligências, da aridez do raciocínio. Aqui estão pessoas sofredoras, pessoas cujos familiares queridos desencarnaram. Todos vêm com a esperança, com a expectativa de receber uma página que comprove a imortalidade da alma. Conte algo que sensibilize os corações.

Lembrei-me de uma história que eu havia lido na juventude, em um livro que hoje é clássico da

<sup>1</sup>Vale de Josafá - situado entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras, é banhado pelo Rio Cedron que deságua no Mar Morto. Muitos creem que, aí, dar-se-á a ressurreição dos mortos, no dia do juízo final.

literatura Internacional, "O livro de San Michele". O autor Axel Munthe era um médico sueco que se notabilizou em Paris pela audácia, pela coragem. Foi considerado o médico mais notável daquele período do século XX, desde os primeiros anos até a década de trinta.

Ele havia sido discípulo de Jean-Martin Charcot, nas célebres experiências do Hospital de La Salpêtrière, no período de 1880 a 1890, quando a hipnose estava sendo aplicada pelo eminente patologista, para poder penetrar em área desconhecida da memória.

Não se sabendo exatamente onde ficava localizada essa área, o professor Charcot denominou-a como subconsciente, o que irá dar lugar a um livro, publicado por um discípulo dele, Pierre-Marie-Félix Janet, que, na época, foi um grande adversário do Espiritismo.

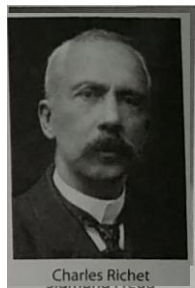
O livro fala a respeito das personalidades múltiplas, de que Pierre Janet havia se utilizado para dizer que todos os fenômenos mediúnicos eram resultados dessas personificações parasitárias, que se encontravam adormecidas no inconsciente.

Merece ressaltar que, naquelas experiências de Charcot, entre os anos de 1880 a 1890, esteve presente Sigmund Freud.

Freud procurava entender a razão porque determinadas enfermidades físicas não possuíam qualquer gênese de natureza física e porque determinados transtornos de natureza psicológica afetavam o organismo. Ele estudava a célebre paciente Bertha Pappenheim, conhecida pelo pseudônimo de Anna O., que sofria de uma paralisia. O seu braço direito ficara imobilizado, sem nenhuma causa orgânica.

Pierre Janet tinha tanto respeito por Charcot, que, quando nasceu o filho, ele deu o mesmo nome, em homenagem ao mestre.

Naquele momento conheceu também outro notável investigador, Charles Richet, que presenteou Freud com um ensaio do "Tratado de Metapsíquica", que seria lançado, mais tarde, em Paris, no ano de 1907. Por preconceito, não o leu. Veio lê-lo 10 anos depois, quando escreve uma carta a uma amiga lamentando não ter lido obra oferecida pelo companheiro Richet, ressaltando o quanto teria contribuído para que ele se libertasse da ditadura da libido.



O Dr. Axel Martin Fredrik Munthe, esse médico admirável, era uma personalidade muito peculiar porque ele se dizia ateu. Preferia os animais às criaturas humanas. Era muito amargo e asseverava ser melhor cuidar de um cão Pastor ou um cão São Bernardo do que ter a companhia de determinadas criaturas humanas.

Ao escrever "O livro de San Michele", revela que a sua vida era feita de circunstâncias difíceis de explicar, de maneira lógica, porque apesar de ser materialista, ele acreditava ter sido a reencarnação de Tibério César. E, por isso mesmo, quando chegou a idade avançada, adquiriu uma vila que pertenceu a Tibério, em Anacapri, mandando embelezá-la, contratando mergulhadores para buscarem no fundo dos oceanos estátuas valiosas, tornando-a novamente pulsante e foi morar ali.

Outra coisa que muito o amargurou, quando recém formado, estando na Itália, participava de um trabalho de assistência aos portadores de uma epidemia que graçara de maneira destruidora, o Cólera Morbus, e atendendo a uma menina de 12 anos, procurou dar o melhor que havia de sua capacidade médica, mas a menina terminou morrendo. A mãe desesperada, napolitana, começou a gritar, pedindo a proteção dos santos para que ele ficasse cego, para que nunca mais pudesse levar nenhuma vítima à morte. Aquilo o impactou de tal forma que começou a temer a cegueira, morrendo cego. É um caso muito especial que merece um estudo aprofundado sobre a lei do carma.

Esse homem notável começa a conhecer as experiências de médicos literários, porque estava começando a escrever "O livro de San Michele". Eram experiências de consultório e essas

experiências iriam se constituir em excelentes obras de literatura. Mais tarde, se tornariam comuns através de outros médicos notáveis, como Christopher Cronin, que recebeu muitas vezes o prêmio Pulitzer<sup>2</sup>. Seus livros foram adaptados e transformados em maravilhosos filmes dos anos dourados, ganhando muitos Oscars.

Pois bem, este homem conta uma história muito curiosa. Ele, apesar de todo esse sentimento de rebeldia contra a sociedade, tinha um grande sentimento de ternura pelos infelizes e, apesar de ter o melhor consultório de Paris, dedicava as noites de quartas-feiras para atender a escola de moças de Passy, no qual as irmãs de Santa Teresa cuidavam de meninas.

Eram meninas abandonadas colocadas na roda<sup>3</sup>, indesejadas pelos pais, principalmente as mães, que eram recolhidas nessa escola.

Certo dia, ele estava em Montmartre, quando entrou em um Café, acompanhado por um amigo médico, o Dr. Norstrom.

Naquele Café, entraram mulheres alegres, exageradamente pintadas, com chapéus escandalosos e com trajes que provocavam comentários. Eram damas da noite.

Produzindo muita bulha, elas sentaram-se à mesa. Ele levantou-se e, acercando-se de uma delas, perguntou-lhe:

Kr— Então Cloé, como vai Floppette?

Ela olhou-o com um tom de censura e disse-lhe numa voz alterada:

— Por favor, deixe-a em paz, ela tem o direito de morrer doutor, o senhor não pode estar perturbando a vida dela. Agora, ela morrerá inapelavelmente, porque está entregue a substâncias venenosas e certamente não ficará livre, está tuberculosa, se o senhor não sabe.

Teve um choque e voltou a sua mesa.

Quando sentou, o colega perguntou:

— Axel, você lida, você tem contato com essas mulheres?

A expressão estava grifada, *essas mulheres*.

Ele sorriu, tomou o café, levantou-se, pegou pelo braço do amigo e disse:

- Vamos caminhar um pouco pelo Boulevard. Gostaria de conversar com você a respeito dessas mulheres.

Os dois saíram andando. Era uma tarde formosa de primavera parisiense. O Dr. Axel Munthe perguntou-lhe:

— Norstrom, você sabe que nos dias de quarta-feira eu atendo o lar de meninas órfãs, dirigido pelas irmãs de Santa Teresa?

— Oh! Sim, sei! Sei dessa sua debilidade em favor da caridade.

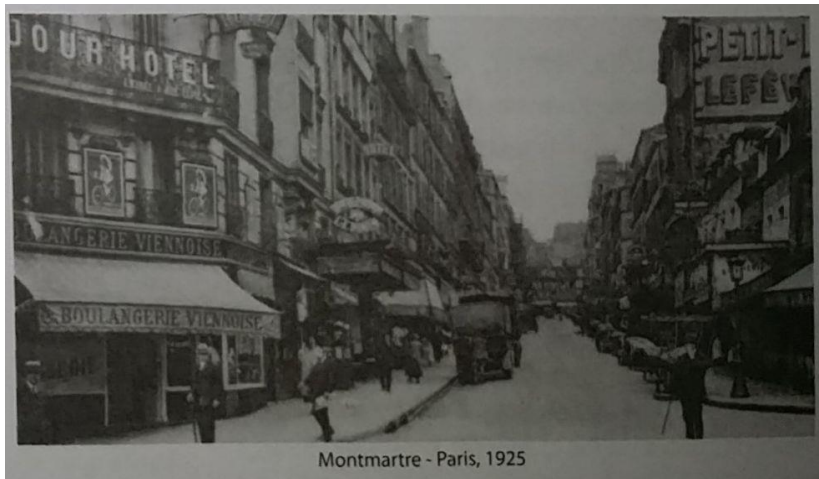
Era uma resposta precipitada. Pigarreou suavemente e disse:

- Pois bem, no último inverno, como de hábito, eu peguei uma carruagem e fui ao orfanato que tinha uma pequena ala hospitalar. As irmãs me haviam feito um bilhete desesperado:

<sup>2</sup>\*. O prêmio Pulitzer foi criado pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, para contemplar os melhores na área de literatura, música e jornalismo.

<sup>3</sup> \ Antigamente, as instituições católicas adaptavam rodas de madeiras às suas paredes externas onde crianças recém-nascidas e indesejadas eram colocadas, sem que os responsáveis fossem identificados





Montmartre - Paris, 1925

"Venha depressa doutor, a paciente está morrendo."

A paciente era uma menina de anos, a suave Marie.

Quando saltei da carruagem, procurei adentrar-me pelos imensos portões do lar de caridade. Da noite, que nevava, saiu uma sombra que veio correndo na minha direção e gritou:

— Doutor, por favor, pare!

Detive-me. Ela se atirou aos meus pés,

abraçou-me as pernas e gritou:

— Pelo amor de Deus, deixe-me entrar!

Era um rosto muito pintado, exageradamente colorido de rouge e então eu lhe disse:

— Peça-me por tudo, menos por esse nome, porque o nome Deus repugna-me.

Ela disse:

— E minha filha, doutor, que está morrendo e ela não pode morrer.

Simplesmente respondi:

— Eu não sei do que se trata.

— Marie, doutor, a suave Marie, é minha filhinha, ela está morrendo. Eu tenho que vê-la, antes que morra.

Mas, senhora...

— Senhorita, doutor, mademoiselle, não sou casada. Se a minha filha morrer, matar-me-ei, porque ela é a única razão pela qual eu respiro.

— Senhorita, eu não posso. São horas, não é hora de visita.

— Mas doutor, ela está morrendo. O cura disse-me que ela está morrendo.

Façamos o seguinte, propus-lhe:

— Dê-me o seu endereço. Se de fato ela estiver morrendo, irei buscá-la, não a deixarei morrer sem o seu beijo.

Deu-me o endereço, era uma rua mal afamada, por detrás da Ópera-Cômica e eu disse:

— Mas então você...

— É doutor, eu sou vendedora de ilusões.

Afiancei que iria buscá-la e ela desapareceu na noite.

As irmãs esperavam-me no longo corredor de arcadas e disse:

— Ela está morrendo doutor. Está com tifo. Ela está morrendo.

A medida que nos aproximávamos da pequena enfermaria, eu podia escutar os estertores agônicos da menina que não conseguia respirar.

Quando cheguei, a vi sob as chamas de vela que tremeluziam. Fui tomado de uma imensa ternura.

Os olhos azuis, muito abertos, a palidez da face, aureolada pelos cabelos louros, a sudorese fria, todo seu corpo em pequeninas convulsões... percebi que estava morrendo.

Então me veio uma ideia louca e disse:

— Madre, está muito cansada?

— Oh! Sim, tenho velado estas noites.

— Pois vá deitar-se, hoje a vigiarei.

A Madre agradeceu, tirou o avental, coioçou-o no gancho atrás da porta. Ouvi os seus passos desaparecerem no corredor.

Alguna coisa tomou conta de mim, tive um gesto desesperado. Peguei o avental da Madre, deixei a linda mocinha a sós, que é um grande crime, saí correndo, busquei a carruagem e dirigi-me ao

endereço.

Era o lugar mais hediondo da prostituição parisiense naquela época.

Subi a escadaria correndo e quando empurrei a porta, ela estava semi-nua, besuntando-se de óleo, preparando-se para o comércio da degradação.

Atirei-lhe o avental e disse:

— Não há tempo a perder, venha, sua filha está morrendo...

Ela procurou limpar o rosto desesperadamente, cobriu a nudez com o avental, descemos as escadas correndo e, quando eu ia saindo, uma daquelas mulheres gordas e detestáveis, uma tia, distendeu o braço e disse:

— Dormir na rua? Cinquenta francos...

As colegas gritavam:

— Floppette, um cavalheiro, um cavalheiro Floppette!

Paguei os cinquenta francos, entramos na carruagem, nevava. Ela se encolheu na almofada de veludo, colocou o ouvido no cristal bisotado. Olhando para fora, de repente, me fitou desafiadoramente e disse:

— Doutor, nem sempre fui o que sou. O silêncio foi quebrado pelo ritmo das patas dos animais nas pedras do caminho.

— Eu era tão bela, doutor! Um dia o amor cantou uma canção muito suave nos meus ouvidos e acreditei no amor.

Então o amante me disse:

— Dê-me uma prova de que você me ama.

Qual seria a prova? Perguntei...

— A sua vida.

E, tão desvairada que era, cedi. O companheiro conquistou-me, levou-me para o hotel. No hotel experimentei toda a comodidade da ilusão.

Dois meses depois, dei-me conta de que estava grávida e quando ele voltava numa das noites para atender-me (era o responsável pelas despesas) disse-lhe:

— Seremos pais, eu estou grávida.

Empalideceu e disse com uma voz rouquenha:

— Mate-o. Mate esse monstro, não quero ser pai nem contratei você para ser mãe, em absoluto!

Disse:

— Mas é filho do nosso amor.

— Amor? Como pode ser tão estúpida? Não amor, eu normalmente tenho afetos momentâneos, depois me liberto, saturo-me com muita facilidade. Nesses dois meses você já envelheceu para mim. Mate e ficarei ao seu lado.

Recusei-me. Como é que eu poderia matar? Abortá-la, era tão fácil abortar!

As *aborteuses*<sup>4</sup>, em Paris, utilizavam-se de laminárias. Era uma operação rápida. Muitas vezes a parturiente morria. Recusei. Ele abandonou-me.

Tive que sair do hotel, mas, antes de sair, recebi a visita de outro homem que me disse:

— Aquele é um canalha. Você foi vítima de um explorador de mulheres. Eu lhe darei aquilo de que você precisa. Você é tão jovem, Floppette.

Eu não percebi que era outra cilada e entreguei-me. Depois veio um terceiro, veio um outro. Mudei do hotel para uma pensão.

Na pensão eu já estava com o ventre muito dilatado, fui para uma casa de cômodos. Sabe por quê, doutor?

Porque a escada da degradação moral não tem o último degrau e o poço da desonra não tem fundo,

<sup>4</sup>. Mulheres francesas que se dedicavam à prática criminosa do aborto.

sempre se cai mais um pouco enquanto não se resolve parar.

Foi nesse ambiente que vim descobrir que todos eram exploradores de mulheres. Havia sido vendida como animal, sem o saber.

Agora, naquela casa de cômodos, deveria atender uma clientela muito baixa: a clientela do cais. Era muito difícil na minha gravidez.

Mas, então, resolvi abandonar tudo para salvar a minha filha.

Dormia sob a Ponte Marie, ali bem próxima de Notre Dame.

Procurei um emprego digno, mas quem dá emprego a uma mulher grávida?

Todos me fechavam as portas, porque a sociedade é paradoxal. Fala sobre honra, ifias não reabilita ninguém. A pessoa, quando está à borda do abismo, são poucos os que não a empurram.

Foi assim que nasceu a minha filha. Quando ela nasceu, era uma estrela. Ela nasceu à porta da maternidade. Não deu tempo! Não deu tempo, mas recebeu todo o amparo. Coloquei-lhe o nome de Marie em homenagem a mãe do Crucificado.

Marie, a doce e suave menina de olhos azuis!

A nossa vida era curiosa, eu a amamentava, o hospital dava-me algum alimento, mas tive que sair. Tentei empregos, tentei trabalho digno, até ser uma varredora de rua. Não havia lugar para mim.

Recorri à Igreja. A Igreja que é mãe, a Igreja que é mestra. Falei ao sacerdote que tinha uma filha. Desejava interná-la numa casa pia, mas não era um sacerdote, era um homem perverso.

Deveria ter um conflito muito grande, porque me olhou com indiferença.

— Mas em que casa pia? Se você deseja dar-lhe dignidade, tem que pagar. E se você deseja entregá-la para que a Igreja cuide, tem que renunciar.

— Mas, renunciar à minha filha?

— Sim. Porque nós tomaremos providências para a sua sobrevivência e você não poderá interferir na vida dela.

— Quem vai adotar uma criança cuja mãe está na porta frequentemente criando problemas?

Pensei, o que fazer?

— É muito caro, padre?

Parecia estar diante de um juiz.

— E muito caro interná-la numa casa pia, onde ela possa ser gente?

— Naturalmente. Você terá que pagar antecipadamente, toda semana. E, quando não pagar, ela irá para o olho da rua.

— Mas, padre, como eu conseguirei dinheiro?

— Você é casada?

Fiquei com vergonha.

— Não padre...

— Ela é filha do pecado, é uma pecadora. E como é filha do pecado, nós teremos que a limpar batizando-a e você nunca mais poderá procurá-la.

— Mas padre, o que farei?

— Você é jovem, você sabe o que fazer. É fácil, desde que você pague.

— Mas, padre o dinheiro será...

— Que importa... O dinheiro de onde vier é dinheiro. Pagaremos mestres, educadores.

Foi assim que a internei. Foi assim que entreguei minha filha, entreguei a minha vida. Ela não teria o meu destino. Fui trabalhar, vendendo o corpo jovem, agora cansado.

Pagava pontualmente, todo sábado. Um dia, perguntei-lhe:

— Mas, por onde anda a minha filha?

— Numa casa pia. Numa casa pia das mais respeitáveis dos arredores de Paris.

Ele não me dizia onde ela estava.

— Mas, doutor, o senhor é homem, não sabe o que é um coração de mãe.

— Lentamente, consegui persuadir o sacristão. O senhor sabe, eu era jovem e ele terminou por dizer onde ela estava.

— Então procurei minha filha, não diretamente. Percebi que nas quintas-feiras, invariavelmente, as monjas vinham passear com as crianças no jardim, especialmente na primavera e no verão.

— Nas quintas-feiras, à tarde, me vestia com dignidade e ficava passeando ali perto das grades do jardim para vê-la. Tinha pedido

para que mantivesse o nome Marie, a suave Marie, em homenagem a Nossa Senhora da Consolação.

Um dia chamei uma irmã e disse:

— Gostaria de brindar as moças com guloseimas.

Ela agradeceu jovial, chamou-as nominalmente. Quando vi a minha Marie, começando andar, era o rosto do pai, não havia dúvidas. Perguntei:

— Poderia tocar nela?

A irmã generosamente a trouxe para junto de mim. Toquei na minha filha. Eu estava vestida como uma dama digna, de forma respeitável doutor, porque ali não comportava outro traje.

E foi assim, todas as quintas-feiras. Quando chego e salto da carruagem com um bouquet de flores, ou com algumas guloseimas, a irmã grita:

— A boa senhora!

Que palavras lindas, a boa senhora! Então Marie vem correndo, eu lhe beijo as mãos.

É assim, há vários anos. No inverno é mais triste, porque não a vejo. No outono, às vezes.

Foi quando, ontem, ele mandou me dizer que a minha filha estava morrendo. Eu não posso deixar de vê-la, doutor.

A carruagem chegou à porta da escola, saltamos. Ela parecia uma ave assustada.

Entramos correndo. Anelava para que a menina estivesse viva, eu a havia deixado a sós. Era um crime imperdoável diante da legislação vigente. Ao escutar os seus estertores agônicos aliviei-me e, quando corri à porta, a lamparina e as velas que tremeluziam deixavam-nos ver o rosto pálido, as olheiras profundas, o esgar, as mãos crispadas.

Procurei-lhe o pulso, a mãe ficou no escuro, olhei para a menina, o olhar estava esgazeado, então disse a mãe:

— Beije-a, ela está morrendo, beije-a!

Veio correndo, debruçou-se sobre a filha, ergueu-a suavemente e a cabeça pendeu para trás.

A menina respirou fundo, e falou numa voz quase sumida:

— Ma mère, ma mère...

Floppette enlouqueceu, deu um grito, jogou a jovem sobre o travesseiro e saiu correndo.

Não a posso beijar, eu sou toda podridão, ela é um lírio! E desapareceu na noite.

Marie, a suave, morreu. Chamei a religiosa ao amanhecer, assinei o atestado de óbito, providenciamos seu sepultamento no pequeno cemitério, na região periférica da Belier e, três dias depois, estava de plantão no Hospital Geral, quando trouxeram o corpo de uma moça que havia tentado o suicídio.

Abrira o bico de gás no banheiro e vedara tudo. Mas fora arrancada dali por uma vizinha que sentira o odor e arrombara a porta. Quando eu olhei, era Floppette.

Fiz respiração boca a boca, trabalhei com colegas por mais de minutos.

Ela respirou, voltou à vida! Mas quando abriu os olhos e me viu, disse:

— Deixe-me morrer. Eu morri no momento em que morreu minha filha, a minha vida não tem nenhum sentido, doutor, deixe-me morrer.

— Não posso Floppette, você é tão pura. O seu corpo foi tocado, mas não sua alma.

Norstrom, você sabe que eu sou um solteiro inveterado, mas uma estranha força fez-me amar a meretriz.

Olhei-a profundamente enternecido e amei-a, não tinha experiência de afetividade. A vida que

me foi muito áspera no começo, havia empedernido os meus sentimentos.

Mas, a presença de Floppette, ali, o seu rosto pálido sem as manchas do rouge, aqueles olhos melancólicos, preencheram-me o vazio do coração.

Pedi-lhe por tudo, que sobrevivesse. Ela meneou a cabeça.

Uma semana depois, estava de plantão, no mesmo hospital, já era o fim do inverno, quando trouxeram um corpo que pescaram no Sena.

Fui chamado depressa, e, quando cheguei, era Floppette. Que havia entre mim e Floppette? Que mistério era este que nos jungia um ao outro?

Trabalhamos para que ela expelisse a água, era quase inútil, mas ela sobreviveu.

Quando abriu os olhos, reconheceu-me e disse:

— O senhor não tem o direito de me impedir, eu já morri doutor.

Floppette, supliquei, Floppette. Foi inútil, foi inútil, eu nunca mais a vi.

Estamos agora na primavera. Sua colega me disse que ela está usando absinto<sup>5</sup> e está tuberculosa, que eu devo deixá-la em paz.

São *essas mulheres*, Norstrom. Poderiam ser minha filha, sua irmã, nossa mãe. Ninguém tem o destino de outro atado em suas mãos.

Norstrom estava profundamente comovido.

Chegamos à porta da casa de Norstrom, na rua Pigalle, o sol já havia se escondido, e sopravam ventos perfumados. Norstrom meneou a cabeça, apertou-me a mão e agradeceu-me:

— Boa tarde Axel. Muito obrigado.

Essa é a história narrada por Axel Munthe, com as variações da minha própria emotividade.

Quando terminei de contar e fazer as correlações dos nossos sofrimentos, dos testemunhos, da força incoercível do bem que nos vincula uns aos outros e entretecer os comentários do texto do Evangelho a respeito de causas das aflições, causas atuais e causas anteriores, que havia sido o tema que Chico lera e pedira para comentar, narrando uma história comovedora, notei que Chico estava com a cabeça encostada à parede, os olhos cerrados, muito pálido, respirando suavemente. Todos fizemos silêncio e quando ele foi recobrando a lucidez objetiva, toquei na sua perna e perguntei, suavemente, como aluno que pergunta ao professor, se havia me saído bem:

— Gostou?

E ele disse:

— Ah! Divaldo você sabe como termina a história de Floppette?

— Terminou aí Chico.

E o que diz o doutor Axel Munthe.

— Não, meu filho, não terminou aí.

Quando você disse que Norstrom agradeceu ao amigo e se foi com lágrimas, Emmanuel me apareceu e me perguntou:

— Gostaria de saber como termina a história Chico?

Respondi:

— Ah! Sim, gostaria...

Aplicou-me um passe magnético, desdobrou-me e levou-me a Paris dos anos vintes e, nos depósitos da memória, fez-me acompanhar o doutor Norstrom.

Eu sentia o doutor Norstrom pensando: mas quem será esta Floppette?

Acompanhei-o. Não foi para casa. Voltou a San Michele.

Chico descreveu San Michele. A estatueta de San Michele, exatamente na esquina de Montmartre, na entrada da grande avenida e explicou:

<sup>5</sup> "Absinto" é uma bebida destilada feito da erva *Artemisia absinthium*. Foi especialmente popular na França, sobretudo pela ligação aos artistas parisienses de finais do século XIX e princípios do século XX.



- Há um anjo, que é São Miguel, São Miguel e o dragão.
- Meu Deus!

Então o Norstrom percorreu as vielas. Vielas que tinham muitos vendedores ambulantes, como certamente até hoje. Foi de travessa em travessa, até que a encontrou. Era uma rua de pardieiros abandonados, quase escombros. Perguntou por Floppette, ela era conhecida:

— Não, não está mais aqui. Aqui ainda é um degrau de estabilidade. Quando se chega ao nível de Floppette, é jogada lá no cais, para ser assassinada, morrer de tuberculose ou suicidar-se. O que e que se espera de uma tuberculosa, de uma viciada em absinto? Deram gargalhadas. Norstrom, no dia seguinte, voltou e eu acompanhava sua mente turbilhonada, procurando naquele caos, naqueles amontoados de pardieiros miseráveis, até que chegou a um deles, de três pisos, subiu a escada que rangia com seu corpo, pois Norstrom era um homem belo e enorme.

Crianças desnudas, esfarrapadas, mulheres tresvairadas que gritavam e que diziam palavras obscenas, os mendigos. Subi com ele até o quarto muito miserável, mal iluminado, com uma clarabóia suja e, sobre uma esteira, encontrou o corpo que estertorava com pequenas hemoptises.

O Dr. Norstrom ajoelhou-se, tocou na mão álgida daquele corpo quase cadaverizado e começou a falar. E uma linguagem estranha. O corpo tremeu, os olhos abriram desmesuradamente e ela respondeu no mesmo idioma. Perguntou-lhe:

- Por que, por que você nos abandonou?

Floppette era sueca, havia sido seduzida em Estocolmo e houvera abandonado a família pelo sedutor que comprava escravas brancas dos países para trazê-las a Paris.

Ela reconheceu o irmão. Era por isso que ele odiava *essas mulheres*. Norstrom ergueu-a nos braços, trouxe-a para fora, levou-a para casa em uma carruagem adrede alugada, procurou dar-lhe o melhor conforto nos últimos momentos da sua vida.

No dia seguinte, três dias depois da narração, de joelhos ao lado da cama, segurava a mão esquelética da irmã que lhe pedia perdão. Floppette desencarnou. Desencarnou amparada pela meiga Marie, a filhinha que veio buscá-la em nome da "Nossa Senhora da Consolação".

Após fazer um grande silêncio, Chico adiantou:

— A partir de hoje, sempre que você falar sobre Floppette, complete a história que o Dr. Axel Munthe nunca soube como terminou e Norstrom não teve coragem de lhe contar a sua tragédia interior.

A história de Floppette é história de muitas vidas. Muitas vidas estioladas pela selvageria dos instintos agressivos da criatura humana.

Na sua pulcritude e ingenuidade, acreditava no amor, mas não sabia que *essas expressões violentas do sexo* não era exatamente amor. Era a libido. Na sua ingenuidade, conseguiu amar e entregar-se in *totum* àquele explorador, que, primeiro, se utilizava das mulheres, preparando-as para o comércio da prostituição e depois vendia-as como escravas brancas à rede de prostituição parisiense, como existe no mundo inteiro.

A história de Floppette, muito bem narrada por Axel Munthe, é a história de quantas e quantas vidas? Quantos portadores de aflições, cujas causas o nobre Codificador do Espiritismo apresenta serem atuais, próximas ou remotas, já que ninguém experimenta vicissitudes, efeitos, sem causas?

O Dr. Lins, esta noite, lembrou-me que abordasse a história de Floppette, porque eu tinha em mente uma outra página. Desejo com esta história homenagear a figura do venerando apóstolo da mediunidade, Chico Xavier, que se transformou realmente no apóstolo do Espiritismo, nos tempos modernos.

Mas, por quê?

Pela sua infinita fidelidade a Jesus. Espiritismo sem Jesus, para Chico Xavier, para nós, e como o próprio Allan Kardec deixa transparecer, não é o Cristianismo de retorno, é um método moderno de metapsíquica humana ou de parapsicologia.

A metapsíquica conseguiu constatar a imortalidade da alma, a fenomenologia subjetiva e objetiva. A parapsicologia, através dos fenômenos psi, conseguiu provar que há fenômenos psi-theta, aqueles que vêm da vida além da vida.

Mas, foi Allan Kardec quem estabeleceu a ética moral em torno dessa imensa, grandiosa fenomenologia, exaltando a promessa do Cristo Consolador que retornaria não só para enxugar as nossas lágrimas, mas para erradicar as causas das nossas lágrimas.

Quando nos referimos ao Consolador, os bons Espíritos nos sugerem que falemos, não somente do Consolador que enxuga suores e pranto, mas aquele que vai às causas do suor e do pranto, porque, se não, seria inócua a sua tarefa. Não removendo as causas, os efeitos seriam permanentes. O Espiritismo veio exatamente para erradicar as causas do sofrimento humano, das aflições, ensinando-nos a ética da caridade.

Em todas as suas viagens, Allan Kardec sempre abordava o tema da caridade, desde a sua primeira visita a Lyon, quando foi homenageado pelos espíritas da sua cidade natal até quando, em , eles elaboram o grande projeto que se tornou guia e modelo para os espíritas de todos os tempos. A caridade, como máxima mais elevada; a caridade, como Jesus pensava, aquele sentido de caridade que só Jesus havia conseguido viver.

Estes são dias de muito desequilíbrio, dias de muita convulsão. É o período máximo da grande transição e não seja de estranhar que apareçam personalidades esdrúxulas em nosso Movimento.

Indivíduos atormentados, antigos clérigos que se decepcionaram no além porque não encontraram nem os anjos nem os céus, e que encarnaram e estão em nosso movimento criando cisões, apresentando dificuldades, falando da necessidade de sermos intelectualizados, de pontificarmos pela lógica e pela razão, longe do sentimento de sublimação e de edificação interiores.



Huberto Rohden

Huberto Rohden, em uma página muito bela, diz que o intelecto é a grande horizontal da vida e que, através do intelecto, podemos desenvolver os nossos atributos do discernimento, da lógica, da razão.

Mas, os nazistas também haviam desenvolvido muito intelecto. Em todos os governos perversos que estiolam a humanidade e que exaurem as últimas forças dos países subdesenvolvidos, disfarçados em desenvolvimento, são portadores de um grande intelecto. É a inteligência sem Deus.

Mas, o amor é a grande vertical. A vertical que nos leva para Deus.

Allan Kardec sintetiza isto quando fala sobre a caridade, a caridade conforme Jesus a entendia, indulgência, misericórdia, perdão das ofensas. É essacaridade, que nós, os espíritas, não podemos, em momento algum, colocar em plano secundário, porque no dia em que Jesus e a caridade ficarem marginalizados nas atividades espíritas, teremos fracassado, totalmente, no compromisso de iluminar as consciências humanas.

Estaremos fazendo um movimento *a la manière* das nossas paixões e não a maneira como Allan Kardec recebeu, em diretrizes formosas, do Espírito de Verdade.

Por isso, a lembrança de Floppette, nesse mundo de floppettes masculinos e femininas, nesse mundo de almas atormentadas, ainda mais agora, no reino da sexolatria, no período máximo da drogadição, da embriaguez dos sentidos, que não nos esqueçamos da ética moral do Cristo. Que não nos esqueçamos do exemplo daquele homem dito ateu, que certamente o era em relação ao Deus antropomórfico que lhe foi apresentado pela religião dominante, mas com esse sentimento de amor. Ele tinha Deus no coração.

Aquele Deus interno de Platão, o Cristo interno dos esoteristas. Aquele que é necessário viajar para dentro, como nos havia dito um sábio da antiguidade, o autoconhecer-se.

Então lembrei-me da história de Floppette, para servir de mote em nossas reflexões deste dia, para que dulcifiquemos o nosso coração.

O próprio apóstolo Paulo, diante das ingratidões do mundo, gritou um dia:

Que a caridade não se esfrie nos vossos corações!

Vivemos uma hora tão árida e corremos o risco de a caridade esfriar-se em nosso coração.

Para concluir, gostaríamos de dizer que mantemos uma creche na Mansão do Caminho, faz trinta anos, atendendo as crianças do bairro. É o bairro mais miserável da cidade de Salvador. Antes, tinha o maior índice de criminalidade, agora tem o menor índice.

Mas, a prostituição, a drogadição, a miséria, são terríveis no bairro do Pau da Lima e adjacências. Nossa creche, com as nossas outras obras, são uma forma de sustento para impedir que os seus descendentes sejam criminosos, derrapem na droga, no vício.

Depois de muitas lutas, de muitas dificuldades com os pacientes, porque é tão difícil ajudar com amor, os chamados pobres, os excluídos, são tão revoltados, que, às vezes, eu pergunto:

— Meu Deus, onde estão aqueles pobres do Evangelho, aqueles pobres tão doces, tão amigos, tão necessitados, onde estão?

Ficaram no Evangelho, de tal forma que São Vicente de Paulo, certo dia, quando mendigava na corte para atender os seus miseráveis do inverno terrível de Paris, um príncipe, tomado de revolta, porque Vicente abandonara a corte, era o confessor, escarrou-lhe na mão.

Ele, sem perturbar-se, guardou a mão direita escarncida e disse ao príncipe:

— Muito obrigado. Isto é o que eu mereço.

E distendeu a mão esquerda, pedindo:

— Agora para os meus pobres, que também pertencem ao nosso príncipe.

O príncipe teve um choque, e então lhe disse:

— Irmão Vicente de Paulo ensina-me a ser tão grande como tu. Como consegues depois de escarncido distender a outra mão?

São Vicente falou com lágrimas:

— Mas, foi assim que o Mestre fez.

— E por que ao invés de detestar-me, distendes a mão piedosa pedindo ajuda?

— Ah, príncipe! Porque aqueles que eu amo e ajudo são tão ingratos, eles blasfemam, eles me agridem, eles me acusam de viver às custas dos donativos em detrimento deles. Então, vós, que me ajudais, tendes o direito de surrar-me, já que eles, que são beneficiados, tanto me sacrificam.

Na Mansão do Caminho, temos o hábito de que toda vez que uma criança chega, deve ser recebida pela diretora, pelo médico e por uma assistente social, porque as pessoas sempre dizem que as crianças apanham.

Às vezes têm um hematoma, uma equimose, por causa de uma queda em casa. No dia seguinte dizem que foram maltratadas.

Nós colocamos filmadoras em todas as salas, das seis da manhã às seis da tarde, para provar que a criança também cai quando corre e que não são as nossas auxiliares que as maltratam.

A criança não entra sem ser examinada. Às vezes, vem com as marcas de surras homéricas e, à tarde, as mães dizem que fomos nós.

Certo dia, veio uma das mulheres habituais, trazendo, sob um tecido muito sujo, a filhinha nos dois braços e disse:

— Ah, não a despertem! Teve uma noite péssima, chorou a noite toda e adormeceu agora, não a desperte.

Mas, a nossa responsável respondeu:

— Mas tem que despertar, porque quando aqui chegamos nós tiramos a roupinha que vai ser lavada, banhamos a criança e damos a roupinha da creche. À tarde, quando vai, toma o banho de saída e veste a roupinha que trouxe, agora lavada e passada a ferro.

A médica insistiu:



São Vicente de Paulo

— Tenho que ver se ela está saudável. Se ela não dormiu é porque deve estar com alguma coisa, talvez com uma gripe, qualquer mal...

— Não. Por favor não a desperte.

A diretora tirou o pano, a criança estava morta, com equimoses.

Foi um choque. Eu estava na Instituição. Chamaram-me. Perguntei:

— Minha filha, o queque aconteceu?

Ah! Dr. Divaldo, foi meu companheiro que a matou. Ela estava chorando muito, ele não podia dormir, jogou-a no chão e pisou, pisou até ela calar, e disse:

— Agora leve, dê entrada e diga que foram os miseráveis que a mataram.

Eu tive um choque moral, emocional, que perdi a voz. Fiz um esforço terrível para prosseguir:

— Ah! Minha filha! Você tem coragem de destruir esse trabalho? Nós temos crianças em nossa rede de escolas e outras internas e você, por causa de um indivíduo desses, ia destruir- nos, levar-me à cadeia?

Eu tinha que ir para a cadeia. Sou uma pessoa jurídica, represento-a.

— Como você pode deixar que matasse sua filha?

— Ele ameaçou me matar.

Procurei esclarecer:

— Mas é sua filha. Não era filha só dele. Percebi que era tão ignorante, tão primária que aquela onda de angústia que me veio, cedeu lugar a uma onda de compaixão. Porque é necessário uma grande compaixão.

Bem, eu tenho que chamar a polícia. Imagine se a criança fosse colocada no berço e, quando nós fossemos ver, a criança estivesse morta? Você ia nos acusar. Seria um escândalo que as televisões fariam. Nunca vieram aqui filmar, mas ia ser notícia mundial, o nosso nome...

É o mesmo que estar malhando em ferro frio. Ela me olhava e dizia:

— O que é que tem Dr. Divaldo? O senhor tem amigos, os amigos abafariam.

— É, mas agora você vai para a cadeia.

Mandei chamar o delegado de polícia, o nosso advogado, entreguei o caso e enterramos a criança. Essa criatura tinha mais três filhos, dois no jardim e um na escola fundamental.

Os amigos disseram-me:

— Tem que pôr essas crianças para fora, para castigá-la.

Respondi:

— Mas, nós vamos castigar as crianças? Pôr para fora, para onde? O sujeito foi para a cadeia, ela foi ouvida e foi liberada.

Insisti:

— Nós temos que manter as crianças aqui.

Vários ficaram um tanto decepcionados.

— Mas, Divaldo, isso é um absurdo, você está sendo conivente com o crime.

Perguntei:

— O que era que Jesus faria nesse caso? Lembrei-me da mulher adúltera: "quem estiver isento de pecados, atire a primeira pedra".

Nós não podemos deixar que a caridade esfrie em nossos corações. Há momentos difíceis nesse "tour de force" com a miséria. Mas, a miséria revoltada é miséria desesperada.

Só com Jesus é que nós podemos manter o sentimento de amor! A proposta doutrinária é de uma beleza cultural insuperável, mas se ela não descer do cérebro para o coração e não sair pelas mãos é somente uma dor.

Foi por isso que, por certo, o Dr. Lins recordou-me essa página sobre Floppette. O mundo está cheio de floppettes e daquele indivíduo que a corrompeu, que, ao invés de merecer o nosso escárnio, o nosso revide, o nosso ressentimento, deve merecer nossa compaixão, como um dia orou o Dr.

Bezerra:

"Senhor, eu não Te peço por aqueles que choram, hoje eu quero pedir-Te pelos que são responsáveis pelas lágrimas. Hoje eu não Te suplico pelas vítimas, eu Te peço licença para rogar pelos algozes."

Hoje, em especial, nesta época de Natal, eu não venho rogar o Teu apoio para os infelizes, mas, sim, para os infelicitadores."

São esses infelicitadores, os que promovem a miséria humana, que merecem a nossa compaixão. Seja então essa a nossa mensagem de abertura do nosso ; encontro.



# A pretensa revisão da Doutrina Espírita

*Muito tem-se falado e escrito, atualmente, sobre a necessidade de revisão da Doutrina Espírita ou sobre a atualização dos conceitos de "O Livro dos Espíritos". O que nos diz a respeito?*



Gravura de Irene Hernandez Malvezi cedida a Federação Espírita do Paraná no 4º Congresso Mundial Espírita, realizado na França, em 2004

Antes de responder a primeira questão, gostaria de referir-me ao diálogo que tive ontem à noite com o Dr. Lins, da opinião que ele deu a respeito da aquisição dessa fazenda, que aliás está com o nome dele. Pediu-nos que falássemos com os amigos que era da programação espiritual obsequiar, carinhosamente, com uma dádiva de Natal a nossa Casa e que a aquisição dessa propriedade, que tem objetivos muito nobres para o futuro, é o presente do Mundo Espiritual para todos, a fim de ampliarmos a nossa área de serviços e fazermos, lá, um Centro de Treinamento, porque a verdadeira Unificação far-se-á pela fidelidade aos postulados doutrinários, em que estaremos trabalhando

dentro da mesma metodologia. O melhor caminho é preparar equipes que pensem e que trabalhem dentro do mesmo esquema. Com essa possibilidade, dos treinamentos periódicos, nós teremos um grande espaço para reflexões, nos arredores da Cidade, como verdadeiro presente do Céu. É o presente do Mundo Espiritual à Federação Espírita do Paraná neste Natal, que ainda estamos vivendo.<sup>6</sup>

Durante a nossa reflexão, subitamente, eu vi descer, aqui do centro, uma espécie de lustre, um candelabro de cinco braços; os braços como verdadeiras ânforas colocadas para cima e, logo depois, uma luz numa tonalidade solferina começou a descer e a jorrar sobre todos nós, o que naturalmente nos deu uma grande emoção. Além do conteúdo da mensagem, também essa psicofera estava sob uma tonalidade muito suave, uma tonalidade solferina para um azul arroxeadado, como sendo a presença dos benfeitores. Tive a ocasião de ver o Dr. Lins, Abibe, Ghignone, e principalmente a Dona Ruth Junqueira, acompanhada pela vovó Schleder, muito emocionada, falando a respeito da caridade que é a grande meta. Elas, que tanto se envolveram com a caridade, estavam muito emocionadas por estarmos reflexionando em torno dessa virtude.

A possibilidade remota de uma revisão da Doutrina Espírita não passa de um *delirium*. Seria o mesmo que pensarmos em reformular o alfabeto. O alfabeto tem sua estrutura básica e com ele podemos formar o arquipélago das palavras e traduzir todo tipo de pensamento.

Como, por exemplo, o surgimento da Física Quântica. Nem por isso se pode reformular o pensamento da Física Linear. Diz-se que ela está superada e perguntam hoje os físicos concepcionistas: *será que a Física linear de Newton estaria superada?*

O Espiritismo, através da Codificação, é o alicerce de uma nova era e não se pode mexer no alicerce sem graves danos para a construção. Ademais, seria um ato de grande presunção de alguns indivíduos quererem retificar a proposta que veio do Mundo Espiritual sob o comando do Espírito de Verdade. Allan Kardec havia previsto a possibilidade de, a cada anos, reunirem-se os espíritas mais responsáveis para fazer uma atualização dos conceitos, dos ensinamentos, mas não da forma que pretendem alguns para poder adaptar os conceitos básicos do Espiritismo às suas próprias paixões e conveniências. Teríamos o Espiritismo à maneira de fulano, o Espiritismo à maneira de beltrano.

O Espiritismo, conforme Allan Kardec o denomina, é uma ciência especial, possuidora da sua própria metodologia de pesquisas.

Muitos amigos dizem: *nós temos que encontrar apoio da ciência. Mas, o Espiritismo não necessita desse apoio. É uma ciência que já demonstrou, à saciedade, a legitimidade dos seus objetivos. Doutrina sui generis, enquanto toda doutrina nasce de uma hipótese na busca de um fato, o Espiritismo nasceu de um fato que explicou a si mesmo. Tem características que não podem ser modificadas. Por isso, não podemos considerar o Espiritismo conforme opiniões, mas dentro da sua própria estrutura.*

Periodicamente, surgem pessoas de muito boas intenções, querendo dar ao Espiritismo um determinado toque, como se ele não o tivesse, através de todas as épocas. Observamos que essas ideias não passam de uma presunção pessoal, em que | pessoa deseja a liderança, quase permitindo transparecer que o Espiritismo | uma Doutrina confusa, que somente alguns têm a capacidade de entender. Dentro dessa perspectiva, nós teremos então uma doutrina não completa.

Quando alguém, por exemplo, me aparece e apresenta uma visão "nova" do Espiritismo eu digo: mas essa é a sua visão. Respeitável, mas não é a visão da Doutrina, no conjunto. Ademais o Espiritismo é tão extraordinário, que cada um o entende dentro da sua capacidade de emoção, de inteligência e de discernimento. Se olharmos do ponto de vista psicológico, dos níveis de consciência, veremos que

<sup>6</sup> Refere-se a uma área de mais de 300.000 m<sup>2</sup>, adquirida pela FEP, em dezembro de 2008. Sobre esta área, hoje, a FEP está construindo um Centro de Treinamento, com quase 3.000 m<sup>2</sup>, destinado ao Movimento Espírita e às atividades de Unificação.



para o indivíduo, na consciência de sono, o fenômeno é extraordinário, porque ele ainda estagia nesse nível e a mensagem deve chegar até ele conforme a sua capacidade de entender.

Aquele que se encontra na consciência desperta, já retira do fenômeno a filosofia, porque já tem um entendimento mais vasto da vida, uma percepção. Aquele que está no terceiro nível, a chamada consciência objetiva, a consciência de si, irá naturalmente à prática dos postulados espíritas.

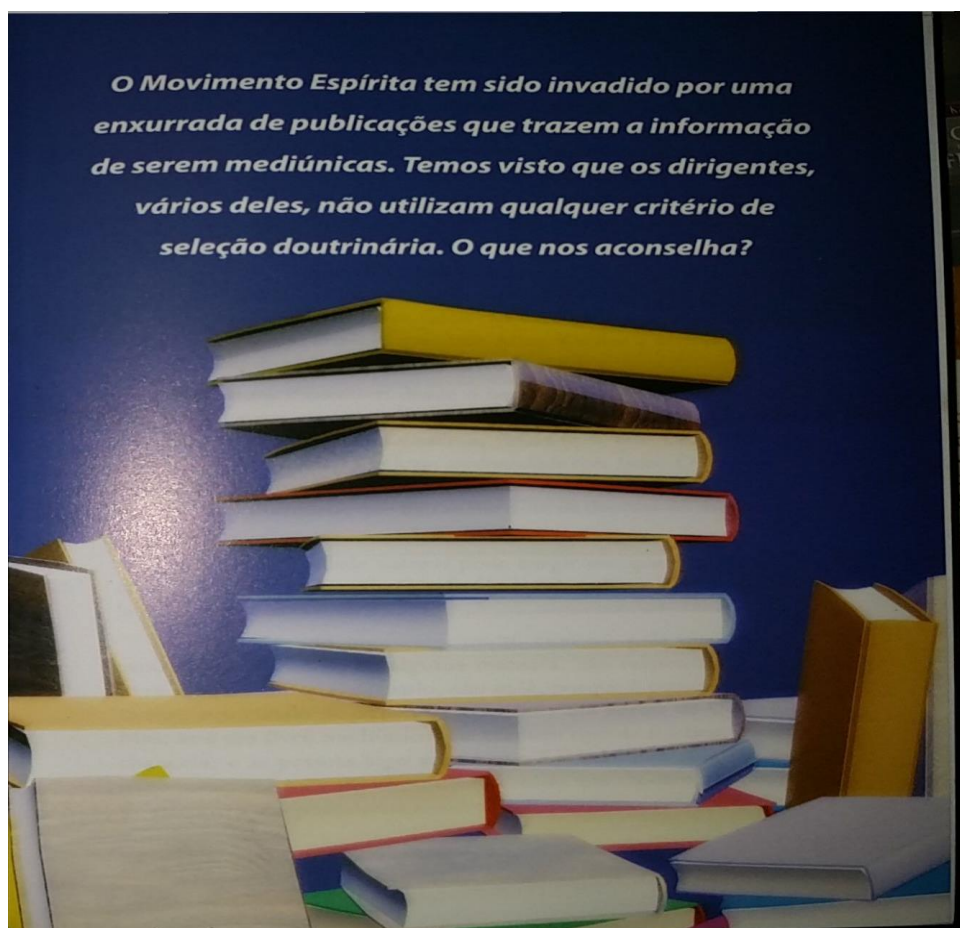
O fenômeno é um meio, não é o fim essencial. A explicação é a luz, mas a ação é o fundamental.

Para aqueles outros, que estão num nível mais avançado de consciência cósmica, como os missionários e apóstolos do Movimento Espírita, a Doutrina é abrangente que abarca todas as criaturas.

Deveremos estar vigilantes para não nos deixarmos embair pelos novidadeiros. O que eles pretendem, em verdade, é fazer um Espiritismo a seu modo, dentro dos estribos do seu comando. O Espiritismo não se submete, conforme disse Jesus, referindo-se aos apóstolos: *Se eles se calarem, as pedras falarão.*

O Espiritismo é uma Doutrina que ficou, graças ao legado de Allan Kardec, completa. Nós não temos como colocar apêndices. Poderemos desdobrar o pensamento, como desdobramos as sete notas musicais em sinfonias ou músicas ligeiras.

## A invasão das obras ditas mediúnicas no movimento espírita



Essa ideia não passa da presunção de alguns teóricos que <sup>7</sup> têm nenhuma vivência dos postulados do Espiritismo, na minha maneira pessoal de ver. O nosso pudor em torno do *Index Expurgatorius*<sup>7</sup> da Igreja Romana leva-nos, sem nos darmos conta, a uma tolerância conivente. Como não nos é lícito estabelecer um mapa de obras que mereçam ser estudadas em detrimento daquelas que trazem informações inautênticas em torno dos postulados espíritas, muitos dirigentes, inadvertidamente, divulgam obras

<sup>7</sup>. É uma lista de livros e publicações proibidos pela Igreja Católica.



que prejudicam mais a compreensão do Espiritismo do que aclaram.

É muito comum dizer: *mas é muito boa!* Mas, | muito boa, porém não é uma obra espírita e no que diz respeito à mediunidade, a mediunidade ficou tão barateada, tão vulgarizada, que perdeu aquele critério com que Allan Kardec a estuda em "O Livro dos Médiuns".

O médium é médium desde o berço. Os fenômenos nos médiuns ostensivos começam na infância e quando têm a felicidade de receber a diretriz da Doutrina, torna-se o que Chico Xavier denominava com muita beleza: *mediunidade com Jesus*. O que equivaleria dizer: a mediunidade ética, a mediunidade responsável, criteriosa, a mediunidade que não se permite os desvios do momento, os modismos.

Mas a mediunidade natural pode surgir em qualquer época e ela surge como inspiração. O indivíduo pode cultivá-la, desenvolvê-la naturalmente.

Vem ocorrendo uma coisa muito curiosa, pela qual, alguns espíritas desavisados, de alguma maneira, são responsáveis: se o livro é de um autor encarnado, não se lê, porque é como se ele não tivesse autoridade de expender conceitos em tomo da Doutrina. Mas, se é um livro mediúnico, ele traz um tipo de mística, de uma chancela, e as pessoas logo acham que é o máximo. Adotam esse livro como um *Vade Mecum*, trazendo coisas que chocam porque vão de encontro aos postulados básicos do Espiritismo.

Entra agora uma coisa que é profundamente perturbadora: o interesse comercial. Vender o livro para ganhar dinheiro, sob a justificativa de que as Casas Espíritas necessitam de recursos. Para atender as necessidades, vendem obras de autoajuda, de esoterismo, de outras doutrinas, quando deveríamos cuidar de divulgar as obras do Espiritismo, tendo um critério de coerência.

Quando visitei Paris pela primeira vez, em , eu fui ver e conhecer a *Union Spirite Française* que ficava na Rua Copernique, número . Era período de férias, agosto a setembro, praticamente a Europa fecha-se e a França, principalmente. A Union estava fechada. Chamou-me a atenção as vitrinas que exibiam obras: não tinha uma espírita. Eram obras esotéricas, eram obras hinduístas, eram obras de Madame Blavatsky. São todas respeitáveis, mas não temos compromisso com elas. O nosso compromisso é com Jesus e com Kardec, sem nenhum fanatismo e sem nenhuma restrição pelas outras obras, que consideramos valiosas para cultura, para ampliação do entendimento. Mas, temos que optar por conhecer a Doutrina que professamos.

A um que insistiu muito, contei uma história dos tempos homéricos, das dificuldades entre palestinos e judeus. Um judeu caiu nas mãos de um Sheik que morava à borda do deserto e, de imediato, ele foi condenado à morte. Deveria ser enforcado daí a três dias.

A notícia foi mandada de oásis em oásis pelo deserto, e, no dia aprazado, uma multidão cercou-se da praça em que o judeu ignóbil ia ser enforcado. No momento azado, o Sheik perguntou-lhe se tinha algum pedido a fazer e ele disse:

— Tenho, sim. Tenho apenas um pedido. Eu desejo pedir ao nobre Sheik que me poupe a vida.

O Sheik disse:

— Mas é impossível, você é nosso inimigo! Nós somos primos pela nossa origem do Pai Abraão, mas isto é impossível. Por que desejaria viver?

— Porque eu sei que o nobre Sheik ama muito os cavalos; os cavalos árabes são de sangue puro, são os melhores do mundo e eu sei que nobre Sheik tem um cavalo ao qual ama com enternecimento.

E continuou:

— A minha vida é inútil. Tive uma ideia, na minha condição de judeu que estudou a Torah<sup>8</sup> e sabe do pensamento de Deus. Proponho-me a pedir um ano de vida para poder ensinar seu cavalo a falar.

O Sheik foi tomado de espanto:

— Mas, você garante que o meu cavalo vai falar?

— Sem dúvida. Se ele não falar dentro de um ano, ao terminar o prazo o senhor me mata, não perco nada. Vai me matar de qualquer forma.

O Sheik emocionado, aplaudido pelos súditos, mandou que o levassem à baía, que ele tirasse o cavalo e tomasse as primeiras providências, assistido por escravos que o vigiavam.

Ele ganhou um ano de vida e saiu eufórico. Quando atravessava a multidão, alguém disse:

— Mas, que judeu estúpido! Será que ele não está vendo que esse cavalo não vai falar nunca!

Ele sorriu e respondeu:

— Não sei. Mas eu ia morrer agora e ganhei um ano e em um ano muita coisa pode acontecer. Pode ser que eu morra, pode ser que morra o Sheik ou pode ser que o cavalo fale. Não perco nada!

Foi uma proposta extraordinária. Aí, adiantei para o médium: pode ser que eu morra antes do prefácio, pode ser que você morra ou o guia reencarne. É possível que o livro fique inconcluso.

uma onda de perturbação para minar-nos por dentro. O Codificador nos lembra que os piores inimigos estão no próprio Movimento, o que torna muito difícil a chamada seleção natural. Nós deveremos ter muito cuidado ao examinar esses livros. Penso que as instituições deveriam ter uma comissão para lê-los, avaliar a sua qualidade e divulgá-los ou não, porquanto as pessoas incautas ou desconhecedoras do Espiritismo fascinam-se com ideias verdadeiramente absurdas.

Tenho ouvido e visto declarações pessoais de médiuns que dizem não serem espíritas e não terem nenhum vínculo com qualquer "ismo"; são livres atiradores e as suas obras são vendidas nos Centros Espíritas, porque vendem muito. Até amigos muito queridos têm, em suas livrarias, nos Centros Espíritas que frequentam, essas obras que são romances interessantes, como os antigos romances de Agatha Christie, de M. Delly<sup>9</sup> e tais. Mas essas obras não são obras espíritas, embora ditadas por um Espírito, mas ditadas ao computador.

Muitos me perguntam: Divaldo, por que é que você não psicografa direto no computador? Eu digo: por carma. Eu já pedi a Joanna, por ser tão fácil, porque eu psicografo ainda, antes à lápis, agora à esferográfica? Tenho um calo. Depois eu tenho que digitar. E uma trabalhadeira. Insisti com Joanna: Por que a senhora não psicografa, me toma e escreve? Respondeu-me:

— Meu filho, no meu tempo não tinha computador. Era máquina, ainda, para ser desenhada no séc. XIX e não pretendo aprender computação agora.

E, sorrindo, ela me diz:

— Necessitamos do fluido nervoso, desse intercâmbio alma a alma, perispírito a perispírito.

Essas obras são muito interessantes, ninguém contesta, mas o tempo que se gasta, lendo-as, é um desvio do tempo de aprendizagem da Doutrina Espírita. As pessoas ficam sempre a margem, não se aprofundam. Observo, em nossa Instituição, pelas perguntas infantis que me fazem.

Ainda, há poucos dias, recebi um e-mail pedindo que eu interrogasse os bons Espíritos a respeito

<sup>8</sup> V Torah ou torá é o nome dado aos cinco primeiros livros da Bíblia, que constituem o texto central do judaísmo. Chamado também de Lei de Moisés ou pentateuco.

<sup>9</sup> Agatha Christie foi uma romancista policial britânica e autora de mais de oitenta livros. Seus livros são os mais traduzidos de todo o planeta, superados apenas pela Bíblia e pelas obras de Shakespeare e M. Delly foi o pseudônimo do casal de irmãos Frédéric Henri Petitjean de la Rosiere e Jeanne Marie Henriette Petitjean de la Rosière, escritores franceses.



do seguinte: a pessoa era espírita, leu as obras de fulano, de beltrano e de cicrano, que não são espíritas e apesar disso é espírita e estava com muita dificuldade financeira. Tinha um pequeno capital e queria investi-lo para poder ter uma vida digna, sobreviver com a aplicação. Perguntava-me o que é que os Espíritos achavam dela construir um motel numa estrada para ganhar dinheiro.

Eu fiquei pensando: ou é brincadeira ou é um teste para avaliar meu equilíbrio. Deixei, é claro. Mas, serve para a gente ver a mentalidade: é espírita.

Um outro. Contou-me uma médica, que havia sido assaltada com o marido. Um grupo de cinco bandidos assaltara-os e levava-os a uma praia. Dois deles vieram | cidade com os cartões de crédito para retirar dinheiro e três outros ficaram, armados. Essa médica, espírita realmente, vendo que os jovens estavam muito aturdidos, tentou uma comunicação qualquer. Percebeu que um deles era mais acessível. Quando os outros dois se afastaram um pouco ali na praia, começou a falar:

— Você é tão jovem, porque está no caminho do crime. Ele respondeu grosseiramente:

— Cale a boca, porque nós temos ordem de matar vocês. Quer retiremos o dinheiro, quer não, estamos esperando o telefonema para matar. Vou dar uma dica: na hora em que os colegas se afastarem, dê-me um soco, pegue uma pedra, faça qualquer coisa, me atire no chão e fuja, porque vocês vão morrer.

— Por que é que você está me dizendo isso?

— Porque eu sou espírita.

Era um ladrão espírita!

Vejam que coisa!

— Eu sou espírita e frequento o Centro Espírita tal. Sou devoto do Dr. Bezerra de Menezes. O Dr.

Bezerra até hoje me protegeu, a polícia não me pegou de jeito nenhum, graças aos passes que eu tomo no

Centro Espírita. Tal é a minha devoção ao Dr. Bezerra que quero retribuir, salvando a vida de vocês. Vou empurrar uma pedra para cá. Podem me jogar a pedra com força, eu desmaio e vocês fogem.



Ficou aturdida, os outros pareciam drogados, ele era um jovem de , anos. Arranjou um jeito, o marido encontrou uma pedra, deu uma pedrada nele e saíram correndo. Perderam-se na escuridão.

Conseguiram salvar-se porque chegaram ao asfalto e receberam ajuda, foram à polícia, tomaram providências. Foram feitos saques que não eram grandes.

Quinze dias depois, exatamente, ela estava no Pronto Socorro, quando dá entrada um jovem que fora esfaqueado. Ela corre para o atender, era o ladrão espírita.

Ele pede:

— Doutora, não me denuncie. Lembre-se que salvei a sua vida.

— Não vou denunciá-lo. O que aconteceu com você?

— Acho que o Dr. Bezerra não está muito de acordo com minha vida e me deu esta lição. Eu vou sair do crime se a senhora me ajudar.

Quanta ingenuidade! Quanto desconhecimento do Espiritismo!

São os *papa-passes*, que acham que o passe resolve tudo. A responsabilidade é dos assistidos, que aplicam os passes mas não esclarecem as pessoas quanto à necessidade da transformação moral para não precisarem de mais passes.

É necessário que procuremos divulgar a Doutrina, conforme nos a herdamos do ínclito Codificador e das entidades venerandas, que preservaram essa Doutrina extraordinária, para que nós possamos contribuir com a construção de um mundo melhor.

A respeito desses livros que proliferam, me causam surpresa, quando amigos com quarenta, cinquenta anos de idade, pessoas lúcidas, pessoas cultas, que nunca foram médiuns, ou, pelo menos,

jamais o disseram, escrevem livros até ingênuos, que nem são bons nem são maus, e rotulam como mediúnicos e passam a vender, porque são mediúnicos.

Realmente, a questão deve ser muito bem estudada, inclusive, penso, que pelo Conselho Federativo Nacional para se tomar uma providência. Não de cercear-se a liberdade — não temos esse direito, mas pelo menos de esclarecer os leitores e procurar demonstrar quais são as características de uma obra espírita e as características de uma obra imaginativa.

Um dos livros mais vendidos, dito mediúnico, tem verdadeiras aberrações, em que a entidade fez do mundo espiritual uma cópia do mundo físico, ao invés de o mundo físico ser uma cópia do mundo espiritual. Inverteu, porque o Espírito está tão físico no mundo espiritual! É um Espírito do sexo feminino, que tem os fluxos cata- mênicos no mundo espiritual e que vai ao banheiro e dá descarga!

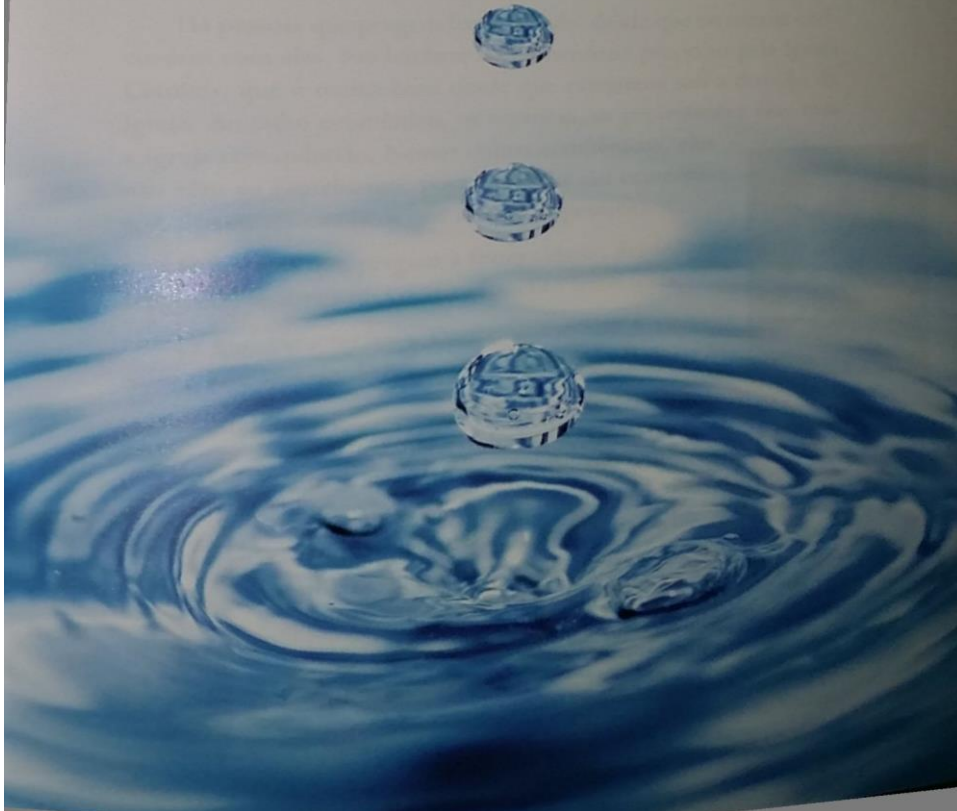
Outras obras, igualmente muito graves, falam de relacionamentos sexuais para promoverem reencarnação no Além. Ora, a palavra reencarnação já caracteriza tomar um corpo de carne. Como reencarnar no Além, no mundo de energia, de fluidos, onde não existe a carne? O Além, com ninhos de passarinhos multiplicando-se, em que as aves vêm, chocam e nascem os filhotinhos. Não é que estejamos contra qualquer coisa, mas é que são delírios, pura fascinação.

Acredito que alguns desses médiuns são médiuns autênticos. Ocorre que eles não perderam a mediunidade, a sua faculdade mediúnica é que mudou de mãos, daquelas entidades respeitáveis para as entidades frívolas que estão criando verdadeiros embaraços, porque em determinados seminários, palestras, fazem perguntas diretas e ficamos numa situação delicada, porque citam os nomes. Toda vez que dizem os nomes eu me recuso responder. Numa pergunta em tese muito bem, mas declinar nomes, não. Não tenho esse direito de levar alguém ao escárnio.

Dessa forma, o problema é mais grave do que parece, porque muitos também estão fazendo disso profissão, embolsam o resultado das vendas. Enquanto outros justificam obras de má qualidade, por terem um objetivo nobre: ajudar obras de assistência social. Os meios não justificam os fins.

# Pureza doutrinária, opiniões divergentes e inolerância

***As cizânias e desencontros no Movimento Espírita brasileiro, infelizmente, nunca deixaram de existir até aqui. Há mesmo pessoas que, à guisa de salvaguardar os princípios doutrinários, sequer toleram que haja opiniões divergentes. Como agir?***



Durante a revolução francesa, notabilizou-se uma mulher que pertencia ao partido Jacobino: Madame Rouland.

Madame Rouland era uma oradora extraordinária. No plenário, a sua voz era muito respeitada. Mas nos dias do terror, Robespierre condenou-a à morte pela guilhotina, em nome da liberdade. No momento em que ela ia ser guilhotinada, enunciou uma frase que ficou célebre: "liberdade, liberdade, quantos crimes se praticam em teu nome!"

Há pessoas que pregam fraternidade, desde que os outros concordem com elas. Faz lembrar o ecumenismo proposto pela Igreja Católica, que é muito bom desde que estejamos sob a direção da Igreja. Ao culto ecumênico, os espíritas, os protestantes vão, mas a Igreja comandando. Nesses cultos ecumênicos, eles não vêm ao Espiritismo, portanto, não são ecumênicos. São cultos católicos que atraem as pessoas.

Há muitos que pregam a fraternidade, desde que sejam eles os dirigentes do pensamento fraternista.

O que caracteriza a Doutrina Espírita é exatamente esse sentido de respeito pela opinião alheia.



Madame Rouland



Robespierre

Quando Kardec estabeleceu a tríade: trabalho, solidariedade e tolerância, não inovou, porque Pestalozzi, o eminente mestre suíço, tinha como lema da educação: trabalho, solidariedade, perseverança. A educação exigia trabalho, solidariedade com o educando e muita perseverança. O que não aprendia hoje, aprenderia depois.

Essa frase tanto impregnou o Codificador de legitimidade, que ele adotou-a com ligeira modificação, substituindo perseverança por tolerância. Ora, se nós não tivermos tolerância, terminaremos a sós. Temos o direito de expender os nossos conceitos e o dever de fazê-los e os demais de ouvirem e discutirem. Mas, discutirmos no plano das ideias, debatermos no plano ético, procurando a melhor solução para sermos divergentes mas, não dissidentes. Divergimos de opinião mas não nos separamos, somente porque o outro pensa ao contrário. Vamos então ver os pontos convergentes, situemo-nos neles e respeitemos os pequenos pontos divergentes, até que haja maior maturidade. Como diz o velho ditado: cada cabeça uma sentença — cada qual tem o direito de pensar conforme a sua capacidade de entender.

Eu me lembro muito de minha mãe, que era analfabeta. Nos fins de semana eu viajava. Ela morava na Mansão do Caminho, numa casinha que nós construímos graças a um empréstimo que fizemos. Quando eu me despedia, na sexta-feira à noite, dizia:

— Mãe, eu vou pregar!

Era uma tradição da Igreja Católica, a palavra que ficou na minha cabeça, sem me dar conta.

— Olha mãe, eu vou viajar para pregar!

— Vá meu filho, Deus o abençoe.

Quando me aposentei, disse:

^^HAgora mãe vou ter bastante tempo para pregar!

Ela me olhou demoradamente, tinha olhos verdes lindos que infelizmente eu não herdei. Certo dia me olhou e comentou:

— Meu filho, eu tenho tanta compaixão de você. Viajar para cima, para baixo, sem parar! Será que neste mundo não tem quem saiba apregar pregos nas paredes. Você tem que ir?

Porque ela confundiu pregar com apregar — colocar pregos nas paredes. Expliquei:

— Não, mãe, eu vou falar sobre Espiritismo.

Mais tarde ela tornar-se-ia espírita, graças às leituras que fazíamos constantemente.

Minha mãe desencarnou em . Retornando uma vez de Miami, senti muitas saudades do Chico. Ele já estava em Uberaba. Aí optei, ao invés de ir diretamente a Salvador, passaria por Uberaba. Era uma quarta-feira, em que ele não recebia ninguém, mas através de amigos, entrei em contato com ele, só para dar um abraço, um abraço de portão para não atrapalhá-lo. Ele disse que não, que iria esperar-me. Pois bem, nós fomos e meu anfitrião, Manoel Chaves, acompanhou-me. Recebeu-nos com o carinho de sempre. Naquela noite, depois de alguma conversação, propôs: Vamos orar. Sentamo-nos à mesa, ele chamou a auxiliar doméstica, uma alma muito delicada para sentar. Colocou o papel para mim, para ele, e ambos psicografamos. Ele psicografou de minha mãe uma mensagem de trinta e seis páginas e eu psicografei uma mensagem de Dr. Bezerra.

Nessa mensagem de minha mãe, Chico Xavier deu uma das provas de imortalidade da alma que resiste a qualquer dúvida ou a qualquer análise parapsicológica. Eu pedi a um amigo, em Feira de Santana, para pesquisar e depois mandei para ele os documentos, demonstrando que ela resistia a qualquer análise contrária.

A mensagem dizia: Meu filho, quando aqui cheguei, fui recebida por uma velha amiga, Maria Domingas Bispo, que desencarnou na nossa querida Feira de Santana, no dia de julho de . Quando ele leu isso, ficou espantado, porque nunca ouvira falar dessa criatura. Em , eu tinha cinco anos... Feira de Santana era um lugarejo e minha mãe falava dessa criatura com tanta ternura, uma companheira de pobreza, como nós.



Eu tinha, nessa ocasião, um irmão com anos e perguntei se ele conheceu essa Maria Domingas Bispo. Ele disse que não.

Retruquei: mas nossa mãe, na mensagem recebida por Chico Xavier, disse que era uma amiga que ela tinha aqui na Terra. Meu irmão então disse: Chico errou! Não, Chico não erra nunca! Para começo de conversa, mãe era baixinha e valente, também não errava nunca! Perguntei aos meus oito irmãos, ninguém conheceu a Sra. Maria Domingas Bispo.

Fui a Feira de Santana, ao Cartório, para tentar encontrar nos atestados de óbitos, nos lançamentos de a . Não morreu ninguém com o nome de Maria Domingas Bispo. Meu Deus, não pode! Chico não erra! Tem que ter uma explicação. Mas, como só pude ficar em Feira de Santana três dias, pedi a um amigo que gosta de Parapsicologia, que tentasse descobrir esta criatura.

— Ah, deixa comigo!

Seis meses, diz ele, investigou, não encontrou e me escreveu: "Divaldo, eu parei na praça da Matriz e disse assim:

— Dona Ana a senhora nos meteu neste problema e agora tire- nos dele: quem é esta bendita criatura?

Tive uma inspiração: em , Feira de Santana era uma área enorme, com bairros distantes, com lugarejos periféricos. Em , a Lei de Municípios desmembrou muitos desses bairros, criando municípios novos. Em , tudo isso era Feira de Santana, mas agora são municípios. Porque é que a gente só está procurando na sede? Lembrei-me de procurar num antigo município que fica a km de Feira de Santana: São José da Itapororocas, de onde veio uma heroína baiana. Fui lá olhar nos arquivos da Igreja, com permissão do padre.

No dia anotado, estava lá: Em de julho de , sepultamos Dona Maria Domingas Bispo, que veio da sede, onde não pode ser sepultada porque era protestante e não teve direito a terreno sagrado."

Ele tirou uma cópia xerox e me mandou. Mandei para um especialista fazer uma análise. O coveiro de , em , já tinha morrido. Todo mundo, a quem pudesse mandar a mensagem, já tinha morrido, inclusive minha mãe. Só quem sabia disto era a morta, Maria Domingas, e minha mãe. É uma prova robusta de imortalidade da alma.

Quando eu conversei com o Chico — sempre engraçadíssimo — disse:

— Chico, mas que coisa notável.

Ele falou assim:

— Uai, meu filho, vai ver que é verdade, né!

Eu disse:

— Eu acho que é!

Vemos aí a mediunidade com caráter de seriedade total. Nós temos tudo isto, por que dissentirmos por coisas mínimas?

O Dr. Armando de Oliveira, que foi presidente da Federação Espírita Brasileira, usava dois verbos: divergir sem dissentir. Podemos discordar, mas não podemos, não devemos afastar-nos somente porque temos opiniões divergentes, o que é muito bom, porque os dedos da mão são diferentes para ter a finalidade de pegar. Se fossem todos iguais, nós não pegaríamos nada. Então, a aparente diferença é exatamente para a unicidade da função.

Diante desses casos, nós deveremos ter muita tolerância com os dissidentes, que estão sempre procurando motivos para impor a própria personalidade em detrimento da causa espírita. Não amam o Espiritismo, usam o Espiritismo para projetar-se, o que muito grave.

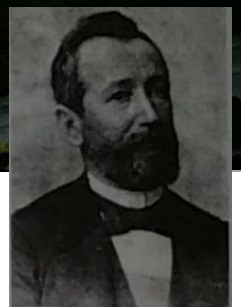


# A heroína baiana

*Gostaríamos que o nosso irmão informasse quem é a heroína baiana a quem se referiu.*



Maria Quitéria



Ildefonso Correia

Maria Quitéria<sup>10</sup>. Como nós estamos aqui, diante de um herói nacional, por Decreto do Presidente Lula, que é Ildefonso Correia, não é? A Bahia também não fica por baixo, tem Maria Quitéria, heroína da Guerra do Paraguai, que por certo o presidente vai reconhecer. Igualdade de tratamento: Bahia e Paraná têm o mesmo direito! Considerada a Joana D'Arc brasileira, é a padroeira do Quadro **Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro**.

## Jovens espíritas seriam favoráveis ao aborto e à pena de morte

Parece-me que a colocação não é verdadeira. Primeiro, porque o jovem, para ser espírita, deve ser militante. Normalmente, é simpatizante, um grupo de corpos jovens arrulhando no Movimento, por algum tempo de transição, Livro dos Espíritos". Movimento porque é Movimento de bons participantes, adeptos, Kardec classificava, mas porque não têm aquela que os faça reflexionar Espírita.

Se o indivíduo que favorável ao aborto e à demonstra que é apenas e não espírita, porque nós contrários a qualquer tipo aquele que venha pelos processos estabelecidos

Não se trata de jovens Juventude ou Mocidade. temos jovens e quando , porque os outros namorar, fazer encontros atividades de teatro, de

finalidade precípua da juventude que é estudar o Espiritismo para poder conhecê-lo.

Muitos pais me dizem:

— Mas Divaldo, meus filhos não querem vir à Juventude porque é aos domingos pela manhã! O domingo pela manhã é o da praia!

E eu digo:

— Quando então? No domingo à tarde?

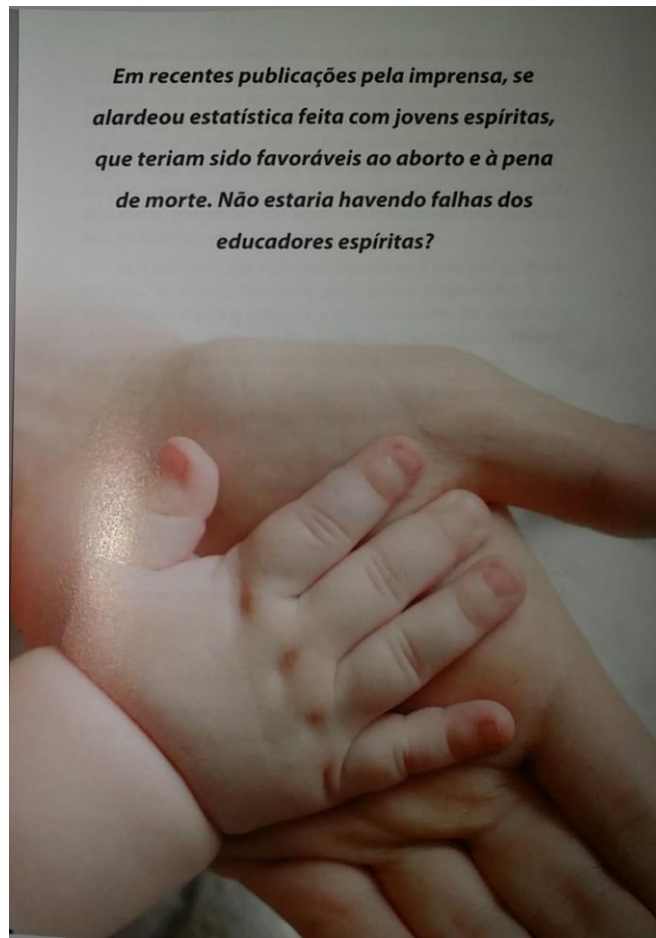
— Não, domingo à tarde eles estão cansados, porque foram a praia até meio dia, uma hora...

— Seria no sábado à tarde?

— Mas, no sábado à tarde eles têm compromissos!

— No domingo à noite?

— Mas, domingo à noite é para ir ao cinema!



sem terem estudado "O Estão participando do muito alegre, é um propósitos. São simpatizantes, como não ainda espíritas, constituição doutrinária seriamente a proposta

milita no Espiritismo é pena de morte, frequentador de reuniões somos frontalmente de morte que não seja fenômenos naturais, pelos pela Divindade.

espíritas. Vejo lá na nossa Há períodos em que nós chega ao fim do ano são , debandaram. Queriam festivos, movimentar as recreação, fugindo da

<sup>10</sup> **IO**. Maria Quitéria de Jesus foi uma militar brasileira, heroína da Guerra da **Independência**.

— Domingo para segunda, de madrugada?  
— Ah, mas eles estão dormindo!  
— Não se preocupem, não precisam mandá-los. O que a gente vai fazer? Não há um dia, um horário próprio para seus filhos. Mas, enquanto nós vivermos será nesse horário, por considerarmos o melhor. Nós não temos nada com as praias, cuidamos aqui é da alma! Podem ir à praia às 8h da manhã. Nosso encontro é às 9h!

Os educadores, os pais, em grande número, são os primeiros responsáveis. Alguns ainda dizem que “não vamos acordar os filhos no domingo, para ir à Juventude de jeito nenhum nem para Evangelização. Acordam todo dia cedo pra estudar, e ainda no domingo...”

Sempre lembro que estudar é bom, mas iluminar-se para a eternidade é melhor, porque eles vão morrer e deixarão o estudo, mas a iluminação eles levam.

Muitos jovens me dizem:

— Esse negócio de vir para Juventude é papo furado.

Eu pergunto:

— Por que é papo furado?

— Porque lá em casa ninguém acredita no Espiritismo.

— Mas como, seu pai é militante?

— Aqui! Precisa ver a fera que é dentro de casa, as brigas homéricas que tem com mamãe, a grosseria para conosco, os nomes que diz! Então, é uma farsa!

— Não! Seu pai é doente, sua mãe está desequilibrada, você precisa gozar de saúde porque ainda não está contaminado! Eles não podem servir de modelo anti-doutrinário. São estudiosos doentes. Eles deviam dar o exemplo, mas não têm forças. Você acha que se estivessem noutro lugar, não seriam piores? Tomando o remédio do Espiritismo ainda estão assim, imaginem se não tomassem. Vocês venham, porque há outros que são exemplo, não é verdade?

— É... há uns que são!

— Então esses valem a pena de serem imitados.

Daí, a problemática do jovem espírita é muito complexa.

Esses trabalhos da imprensa leiga são sempre direcionados contra os ideais superiores. Eu acompanho muito, na medida do possível. Parece que há nessas programações um propósito de destruir tudo que tem um significado religioso ou cristão. As pesquisas que fazem, os resultados que apresentam são sempre desmistificando, como se fosse uma mistificação a proposta cristã, a ponto de em computador, como todos se lembram, eles terem encontrado um fator genético de alguém que viveu no século primeiro. Construíram por computação como seria Jesus. Um tipo atarracado, moreno, uma cara de amargura e de noite mal dormida, terrível. Impingiram que Jesus deveria ter sido assim. A tese é tão estúpida e tão frágil que nem merece consideração.

Imaginem se alguém tira o meu DNA e modela um tipo do século 21. Vai modelar o meu biótipo e não um tipo do século 21. Como somos todos tão diferentes, foram logo arranjar o DNA de um tipo meio chimpanzé para criar a estrutura de Jesus. As pessoas aceitam.

Quando apareceu o livro “O Código Da Vinci”, que foi o maior best seller dos últimos tempos, pessoas ditas espíritas chegavam e diziam:

— E agora Divaldo, como é que nós ficamos?

— Mas, ficamos como?

— Com “O Código Da Vinci”?

— Mas, o que tem a ver o Código?

— Jesus, casado com Maria Madalena.

— Não me diga!

— É, você ainda não viu?

— Já olhei uma três vezes, de capa | capa para ver se entendia!



— É, casou com Maria Madalena.

— É... aí eu acredito, porque Dan Brown foi o Juiz de Paz que casou os dois.

Ele próprio diz que se trata de uma concepção pessoal, mas as pessoas andam procurando mecanismos para abandonar o dever sob justificativas. Abandonariam o Cristianismo, porque Jesus era um homem! Uns dizem que ele viveu maritalmente, outros dizem que ele casou, seus filhos ainda estão na Normandia. Que imaginação rica! Quando o próprio Dan Brown foi responder a um processo em Londres, que a imprensa divulgou muito pouco, por acusação de pastiche, por ter roubado essa tese de um autor inglês. Confessou, na defesa, que para escrever "O Código Da Vinci", ele havia utilizado obras, entre as quais a desse autor. Pegou apenas a ideia, não foi uma cópia, etc... Foi absolvido, é claro! Diz que se trata de uma concepção pessoal. Desejou atacar a "Opus Dei"<sup>11</sup> e a Igreja Católica. Por isso, fez essa concepção absurda sobre Jesus, um indivíduo incapaz de controlar as mínimas sensações e as mínimas emoções.

Há um propósito de revisionismo destrutivo. Isso é **muito grave!** Os jovens aderem a essas ideias e ficam cínicos. Perdem aquele senso de pudor. Para eles o que é que vale agora na pós-modernidade? O culto ao corpo, o piercing, a tatuagem, o corpos arado, mas não um corpo saudável, porque muitas vezes é sarado às custas de exercícios, produtos químicos e biológicos para desenvolver as formas.

É um momento muito sério. Devemos cuidar dos nossos jovens com muito carinho e não considerar a estatística porque pegamos alguns rapazes e moças desavisados que frequentam reuniões. A Doutrina é peremptória: a nossa pena é de vida e não de morte.

<sup>11</sup> b *Opus Dei* (em latim *Obra de Deus*) é uma instituição hierárquica da Igreja Católica, uma prelazia pessoal, composta por leigos, casados, *solteiros* e sacerdotes. Tem como finalidade participar da missão evangelizadora da Igreja.

# A importância discutível das curas espirituais das práticas espíritas

*Há muitas pessoas, no Movimento Espírita, que tecem críticas acintosas às curas nas práticas espíritas. Essas práticas são válidas?*

Devemos recordar que o próprio Allan Kardec, antes de tornar-se espírita, era magnetizador. Ele próprio teve uma enfermidade muito grave nos olhos e foi desenganado pelos médicos da época. Graças a uma sensitiva, que foi hipnotizada, magnetizada, teve a previsão de que se recuperaria totalmente da vista, porque os seus olhos seriam muito úteis para a missão que deveria desempenhar. O próprio Kardec apoiava muito o magnetismo, o magnetismo curador. Nas últimas linhas de "O Evangelho segundo o Espiritismo", referindo-se à obsessão, ele estatui que há muitas obsessões que se tornam tão graves, que se transformam em loucura e que somente o tratamento médico e o magnético podem resolver.

A finalidade precípua do Espiritismo é a cura interior. Curando a alma não haverá doenças

externas. A nossa meta deve ser esta, mas, até chegarmos a ela, os achaques que nos perturbam a marcha, dificultam-nos o trabalho, nos dão o direito de procurar pelo auxílio divino.

Por mais de anos, Chico Xavier dedicou a sua mediunidade apostolar ao atendimento de pedidos de pessoas doentes. Chegavam centenas de cartas. Dedicava duas noites para que o Dr. Bezerra de Menezes atendesse, com orientações espirituais, esses pacientes. Dr. Bezerra atendia por homeopatia. O número das pessoas curadas era muito grande e isso contribuiu para a boa divulgação do fenômeno mediúnico e o interesse posterior para a Doutrina Espírita.

Não é meta do Espiritismo, mas também não era meta do Cristianismo de Jesus curar. O povo tinha necessidade da sensação, do contacto humano, de amparo às suas necessidades para conhecer o taumaturgo Messias. Ele deveria demonstrar a sua força, a sua origem, a missão que iria desempenhar na Terra. Fazia as curas, somente que, com tato psicológico extraordinário, dizia: "agora, vai e não voltes a pecar, para que não te aconteça nada pior".

Nós não devemos nos dedicar às curas, como hoje está na moda, como se outras sessões não fossem de curas.

Temos reflexionado muito e falado aos companheiros que nas suas Casas têm sessões de curas. Toda vez que ou pessoas se reúnem, em nome de Jesus, Ele está presente. Logo se dão as curas, a depender da psicofera que nós criamos. Se numa reunião, especificamente de cura, só vêm os Espíritos guias curadores e nas outras eles não vêm, trata-se de preconceito. Eles vêm em todas e aqueles que sintonizarem serão beneficiados. Vamos evitar essa especificidade, se não iremos atender doentes para o novo *pátio dos milagres*, conforme aconteceu no passado, que querem cuidar do corpo até a próxima doença.

Encontro pessoas que me dizem, como há pouco tempo um senhor:

— Divaldo, há trinta anos estive aqui, muito doente e o senhor me curou.

— Ê, mas eu nunca curei ninguém, não tenho essa faculdade.

— Mas, fiquei bom. Agora eu estou novamente doente e quero pedir ao senhor para ver se dá um jeito de eu ficar bom rápido. Meu irmão, você ficou anos trabalhando para ter a doença. Como é que você quer ficar bom de hoje para amanhã? Vai demorar de a anos, porque depois que a doença entra, para sair é muito mais difícil.

É falso esse conceito de que o Espiritismo não veio para curar corpos, e devemos trabalhar e estudar, mas não recusarmos essas ocorrências que se dão.

Eu, por exemplo, tive um grande incômodo na garganta no ano de . Naquela época, o conhecimento do câncer era muito reduzido e o médico em São Paulo suspeitou que fosse um câncer. Na volta a Salvador, passei por Belo Horizonte e fui visitar Chico Xavier em Pedro Leopoldo. Estava afônico, doía-me muito a garganta, doía a ponto de a própria saliva incomodar.

Naquela noite, uma sexta-feira, Chico levou-me ao Centro Espírita Luiz Gonzaga, e pediu que eu falasse, respondi que não podia. Ele insistiu:

— Faça um esforço.

Vamos fazer! Falei com dores lancinantes, mas falei. Ele psicografava, atendendo o receituário. Depois veio um bilhete, que ainda tenho guardado, assinado pelo Dr. Bezerra: "Pedimos ao irmão Divaldo que volte a falar mais uma vez". Pensei que iria sair dali mudo, mas falei!

Terminada a reunião, lidas as mensagens, eram horas da manhã. Nos dirigimos à casa do Sr. André, onde tomamos um cafezinho com bolo de fubá. Estávamos Chico, Carlos Cavalcanti, Martins Peralva, Arnaldo Rocha e eu. Lá chegando, o Chico disse:

— André, eu vou dar um passe no Divaldo. Levou-me com os demais a um quarto, que tinha uma cômoda, algumas cadeiras, uma janela e uma porta. André veio, pegou um cobertor que nós chamamos *dorme bem*, aquele que tem uma lista, que chamamos também de *bicicleta*, não sei se vocês conhecem, porque ele é curto, quando cobre os pés o peito fica descoberto. Passa-se a noite toda pedalando! É cobertor bicicleta.



O André chegou e colocou o cobertor nas frestas da janela. Achei que era por causa do vento frio. Pedro Leopoldo era, na ocasião, muito fria.

Sentamo-nos, Chico encostou-se à cômoda. A porta foi fechada. Chico pediu que apagasse a luz. Apaguei a luz... ficou escuro como breu. Recomendou:

— Divaldo, faça uma prece.

Eu rouco, doído, comecei a fazer a prece, fechei os olhos, rendi o possível, esperando que ele se levantasse para me aplicar o passe.

Não havia transcorrido minutos, quando ouvi uma voz feminina:

— *Divaldas*, abra a boca.

Eu abri a boca e a voz assim me falou:

— Abra os olhos.

Eu abri. Não morri porque não me lembrei. Diante de mim estava uma jovem de anos, vestida de branco, cabelos louros, cacheados, sobre os ombros, sorrindo com algo na mão, como se fosse uma caneta. Era a Irmã Sheila. Dei-me conta que era uma materialização. O Chico estava arriado sobre a cômoda e o vapor formava Sheila assim defronte a mim, a menos de um metro:

— Vou cauterizar, disse em sotaque alemão, e vai doer muito!

Era como se tivesse uma lampadazinha, hoje tem, mas, naquela época não. Ela a introduziu, acomodando-se na língua. Ouvi um ruído estranho. Senti uma dor imensa, dei um grito... escandaloso. Ela tirou e disse assim:

— Doeu, não é *Diva Idas*?

— Minha irmã, isso não dói, issoum assassinato!

— Vou cauterizar outra vez.

— Ave Maria, e eu aguento?

— Aguenta!

A voz estava clara. Ela sorriu!

— Sheila, já que você veio espontaneamente, posso pedir uma caridade? Me dê assim, qualquer coisa, para quando eu estiver lá fora mostrar que não foi sonho, não foi loucura nem alucinação. Ela ergueu a mão e começaram a cair amores-perfeitos, que eu adoro. Tirei o lenço depressa, guardei-os.

— Mais alguma coisa?

— Ah, não sei se posso pedir!

— Peça!

Eu tinha uma amiga suíça, dona Elisabeth Kitman, que me falava do edelweiss. E ela dizia que era uma flor dos Alpes, das grandes montanhas e somente dava ali. Falava-me de tanta beleza que fiquei curioso para conhecer.

— A irmã era alemã?

— Sim, desencarnei em Hamburgo, no ano de , durante a guerra. Um petardo de uma bomba me bateu no rosto e tombei. Acordei vendo um velhinho venerando, dizendo:

— Sheila, basta de dormir, vamos trabalhar

Saí dali, do campo aonde havia morrido, para poder ajudar os nossos irmãos, era enfermeira, e ele me recambiou para o Brasil.

Tornei a falar:

— Então, você por acaso conheceu edelweiss?

— Oh, *Diva Idas*, é isto?

E caiu nas minhas mãos o edelweiss...eram sempre-vivas. Ela conversou com todos. Arnaldo Rocha ainda está encarnado e se lembra do fato.

Pois bem, vemos aí a cura. Ela depois acrescenta:

— O Senhor precisa muito da sua garganta, meu filho!

O próprio Chico tomava passes. Foi visitar Arigó em , antes de viajar à América, com Waldo

Vieira:

— Dr. Fritz<sup>12</sup> queria curar o seu olho adoentado!

Chico assim se expressou:

— Uai... cura não, Dr. Fritz. E por aí que estou resgatando o velho débito. Se o senhor me curar o olho, o débito vai aparecer noutra lugar e como eu já estou acostumado com o olho doente, prefiro que continue.

Era uma opção.

Mas as curas são inevitáveis e devem ser aceitas, desde que não se tornem o objetivo essencial, mas um instrumento de caridade e misericórdia, sem procurarem os espíritas competir com a medicina nem transformarem o Centro Espírita em clínica, como vem ocorrendo, com terapias alternativas, com as quais não temos nenhum compromisso. Cromoterapia, cristaloterapia, não nos dizem respeito. A nossa tarefa é o Espiritismo, mas não podemos dissociar dos benefícios que advêm quando nós estamos a serviço do Senhor. Existem médiuns habitados para tanto.

## A evangelização de crianças e as fugas dos jovens das casas espíritas



<sup>12</sup> J. Orientador espiritual do médium José Pedro de Freitas (José Arigó). Obteve fama mundial a partir do final da década de 1950, em função das muitas curas realizadas.

Como dizíamos, é um assunto delicado, porque vai depender muito do apoio da família, principalmente dos pais. Há pais que deixam os filhos crescerem para que escolham sua religião. Essa tese me parece muito comodista, porque são os pais que escolhem o educandário, a alimentação, o vestuário, os amigos — pelo menos nas famílias mais distintas. Por que é que na hora da fé religiosa, são os filhos que devem escolher? Falta convicção de fé religiosa.

Nós devemos, ao lado da educação formal, realizar também a educação espiritual da nossa família. Como o Espiritismo, para nós, é a Doutrina mais nobre e eficaz, é justo que encaminhem os nossos filhos, afirmando que enquanto eles estiverem sob as nossas expensas, participarão das atividades espíritas como nós participamos. Quando vocês adquirirem a maioridade, farão da sua vida o que lhes aprouver. Terão condições de avaliar as outras propostas religiosas. Sem uma formação religiosa no lar, por comodismo dos pais, eles não terão como saber qual a doutrina realmente ideal, capaz de prepará-los para os investimentos e os enfrentamentos da vida. Por isso, devemos, primeiro, trabalhar a consciência dos pais para que colaborem conosco, trazendo os filhos. Muitos não o fazem porque terão de vir com eles. Como não querem vir, arranjam desculpas.

Quanto à nossa metodologia, devemos procurar, periodicamente, reunir pedagogos, psicólogos, estudiosos do comportamento, para encontrarmos os melhores métodos, mais compatíveis com os tempos modernos na área da educação, tornando as nossas reuniões mais atraentes porque se nós seguirmos os velhos métodos, as crianças não aguentarão. Por exemplo, terem aula de religião, como tiveram durante a semana inteira aula convencional.

Temos que encontrar um método agradável, de diálogos, de pequenos espetáculos, principalmente jograis, em que a criança se sinta valorizada, onde não seja apenas um ouvinte, mas que participe, sentindo-se integrada naquele conjunto.

Há um risco hoje, quando se fala em teatro espírita, porque muitos jovens vêm atraídos pelas peças teatrais. Depois ficam mais presos ao teatro do que ao Espiritismo. É necessário dosar muito bem, para que participem das apresentações teatrais aqueles que estão nas atividades infanto-juvenis. Sendo o teatro uma complementação e não o essencial.

Felizmente, a metodologia educacional tem evoluído muito e graças aos programas apresentados pela FEB e pela FEP. Esse trabalho vem sendo muito bem realizado, embora os resultados ainda não sejam visíveis porque são de longo curso. Virão mais tarde, com certeza.

Merece ainda considerar uma outra questão. Em Salvador encontramos um meio de envolver os jovens. Visitando doentes, instituições de caridade, envolvendo os jovens que têm muita adrenalina, têm muita energia. Eles precisam de coisa que os desgaste.

Fazemos a reunião, temos o encontro e logo depois vamos visitar doentes, para que eles conversem, para que eles convivam. Nomeamos alguns padrinhos de certos doentes para levar os víveres, a cesta básica no sábado à tarde ou no domingo. Ajuda na limpeza das casas, são casebres miseráveis e isso dá uma motivação muito grande, eles se sentem importantes.

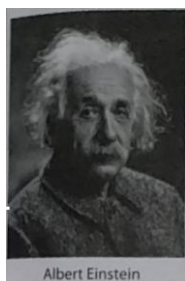
Em nosso bairro há algumas Instituições muito boas. Há o Lar de idosos, com ISO assistidos. A dirigente é uma senhora espírita, mas o Lar não o é. Ela é que é dedicada. Há o Lar de crianças deficientes mentais, que nós colocamos como nosso laboratório. A maioria dos jovens faz parte do trabalho de socorro dessas crianças. Aos domingos, vamos às dez, dez e meia, depois do estudo do dia para levar os meninos a passear. São crianças com problemas mentais e físicos. Cada um adota, emocionalmente, uma daquelas crianças e trabalha para a sustentar no Lar. Essa motivação tem feito com que estejamos hoje com mais de jovens nos vários setores, propriamente, da Mocidade. Foi a única maneira que conseguimos para retê-los. Criamos esportes no domingo à tarde. Eles vinham para jogar futebol, basquete ou vôlei, mas na hora dos jogos punham para fora seus conflitos. Faziam catarse tão agressiva que verificamos a necessidade de um grupo de psicólogos e de educadores estar com eles, o que não era possível. Os colaboradores têm necessidade de dispor de algum tempo para poder cuidar da vida. Todos trabalham durante a semana, no domingo cuidam dos seus afazeres,

das suas necessidades para a semana.

Penso que, se nós envolvermos o jovem em algum tipo de atividade que ele se sinta útil, passa a ver a mocidade como um grupo de ação social que promove o progresso da sociedade. Nas reuniões normais de estudo de "O Livro dos Espíritos", "O Evangelho segundo o Espiritismo", cada um encarrega-se de fazer uma interpretação. Depois fazemos as visitas, que nunca excedem ao meio dia, para que não se tornem cansativas. Na semana imediata, fazemos uma avaliação do trabalho realizado no domingo anterior, sempre com excelentes resultados.

Um dos nossos filhos, que é médico e supervisiona esse trabalho, adotou, por exemplo, uma criança autista, que vivia jogada no chão, com grandes deformações, com muita agressividade. O carinho que tem dado a essa criança é tão comovedor, que a criança já não morde, já não esbofeteia, já consegue ficar em pé, porque ele a leva para um lado e para o outro. Coloca no carro, leva-a para passear. Na Juventude, dá passes e isso serve de modelo, também, para os outros. Cada qual adotou um idoso ou uma criança. Como não há crianças para todos, alguém é responsável e os outros ajudam a angariar recursos para medicamentos, roupas, livros para a educação, ajudam para contratar professores especializados para este Lar, formando um trabalho de equipe. Envolvendo o jovem no trabalho dignificador, ele fica, porque tem muita garra, tem muito desejo de gastar energias e, desta forma, são encaminhados para o exercício da ação caridosa em nome de Jesus.

## Há misticismo e igrejismo no movimento espírita



Albert Einstein

A colocação não se justifica, porque se alguns indivíduos têm este caráter místico, herança natural do seu passado, o Movimento não está ao lado desse comportamento. Podemos observar que o nosso Movimento vem apresentando grandes níveis de cultura, de estudo, de observações, de realizações práticas, obedecendo à proposta do Codificador, em que a fé verdadeira somente é aquela que pode enfrentar a razão

face a face em todas as épocas da humanidade.

Esse misticismo tem caráter pejorativo. Os grandes místicos, em essência, são os grandes embaixadores de Deus. Einstein era um grande místico, quando procurava entender do insondável, o surgimento da vida, as leis que regem o Universo. Newton não deixava de enunciar o nome de Deus, quando estava diante de qualquer incógnita. Assim, também, cientistas de outras áreas tornaram-se verdadeiramente místicos, no bom sentido da palavra, pela sua postura transcendental em relação á Divindade. Tornaram-se pontes por onde as ideias iam ao supremo Senhor e retornassem às ínfimas criaturas. O nosso Movimento, em determinados lugares, apresenta-se com caráter que evoca as tradições católicas, porque a maiorHa dos espíritas atuais tem uma tradição católica, seja desta ou de encarnações anteriores e é natural que ao abraçar uma Doutrina lógica, como o Espiritismo, procure manter também uma atitude compatível com seus hábitos, com seus arquétipos, com as suas heranças, que fazem parte da sua estrutura psicológica. Visitando todo o País, de um lado a outro, não podemos dizer que o Movimento tem um caráter místico nem igrejista. Se nós observarmos, por exemplo, o trabalho da Federação Espírita do Paraná, veremos que ela demitiza esta colocação através dos cursos, dos encontros, das conferências anuais que vem realizando para estabelecer diretrizes de segurança lúcidas, sem qualquer tipo de A colocação não se justifica, porque se alguns indivíduos têm este caráter místico, herança natural do seu passado, o Movimento não está ao lado desse comportamento. Podemos observar que o nosso Movimento vem apresentando grandes níveis de cultura, de estudo, de observações, de realizações práticas, obedecendo à proposta do Codificador, em que a fé verdadeira somente é aquela que pode enfrentar a razão face a face em todas as épocas da humanidade. Esse misticismo tem caráter pejorativo. Os grandes místicos, em essência, são os grandes embaixadores de Deus. Einstein era um grande místico, quando procurava entender do insondável, o surgimento da vida, as leis que regem o Universo. Newton não deixava de enunciar o nome de Deus, quando estava diante de qualquer incógnita. Assim, também, cientistas de outras áreas tornaram-se verdadeiramente místicos, no bom sentido da palavra, pela sua postura transcendental em relação á Divindade. Tornaram-se pontes por onde as ideias iam ao supremo Senhor e retornassem às ínfimas criaturas. O nosso Movimento, em determinados lugares, apresenta-se com caráter que evoca as tradições católicas, porque a maiorHa dos espíritas



## União e fraternidade no movimento espírita

Em uma mensagem de que somos objeto, o Espírito Dr. Bezerra de Menezes, refere-se exatamente a esta questão, quando diz para que logremos a Unificação necessitamos da união. Será através da união, da fraternidade, do bom entendimento, da troca de afetividade entre os membros do Movimento Espírita que se estabelecerá à Unificação das ideias. Muitas vezes os indivíduos, quando nós falamos sobre Unificação, reagem pensando que se trata de uniformização. O objetivo da Unificação é apresentar normativas de identidade do trabalho, para evitar os apêndices que são muito normais de serem colocados pela maneira de cada um conduzir-se. A união é o resultado da afetividade. O Codificador falou sobre isto inúmeras vezes, em todos os seus discursos, apelando exatamente para este entendimento em nome da caridade e, a caridade é o amor na sua mais elevada expressão. Se nós não formos capazes de nos estimarmos uns aos outros, tão poucos que somos, como poderemos esperar a fraternidade universal? Se não somos capazes de tolerarmos, quando algum de nós tomba ou de- linque, como poderemos falar de tolerância em relação àqueles que nos



agredem, que nos perseguem e que nos criam embaraços? É indispensável essa união. Ela se torna difícil muitas vezes, por causa do nível de evolução daqueles membros que constituem as instituições, porquanto reminiscências transatas fazem que haja, ao invés de uma empatia positiva, uma antipatia natural e, ao invés de trabalhar contra este sentimento negativo, que tem as suas raízes no pretérito, as pessoas cultivam, dando margem a censuras, a maledicências, a comentários desairosos, que somente tornam a situação mais embaraçosa. Essa dissensão perigosa, como o proprio Codificador assinala, quando fala dos inimigos do Espiritismo que estão dentro do Movimento. A maioria de nós exerceu determinadas funções eclesiásticas no passado e vinculamo-nos profundamente a elas. Uma reencarnação depois, não nos muda inteiramente, abre portas para as mudanças, mas o nosso comportamento | ancestral e isso nos leva a desejar manter atitudes de arrogância, procurar ser superior em relação aos outros, gerando essas antipatias, essas animosidades. A verdadeira união

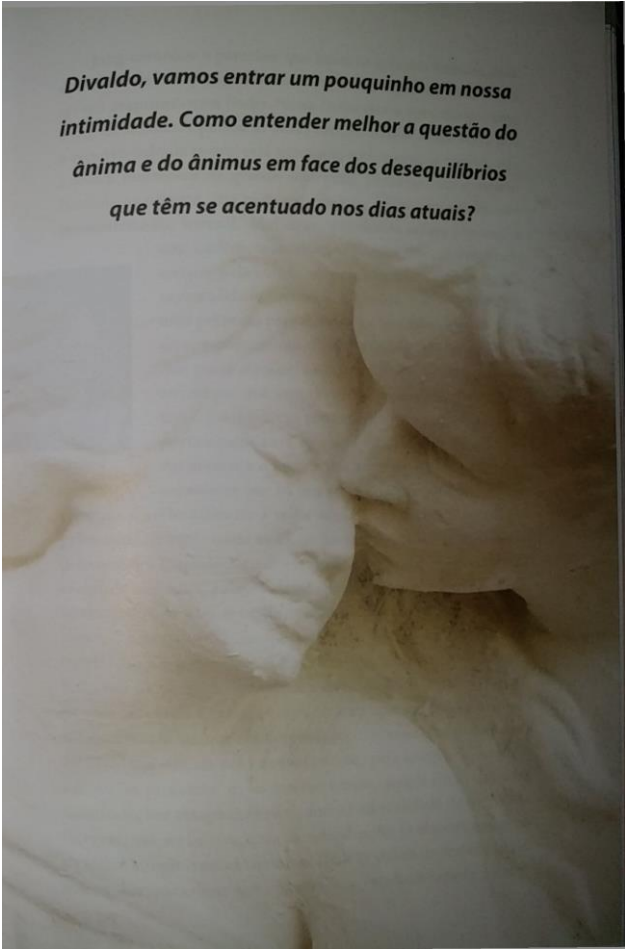
— Cumpre com o teu dever porque eu já cumpri com o meu.

O soldado, agora, diante daquele gigante, não é capaz de dar um golpe único e fatal, aplica-lhe duas vezes martirizando-o um pouco mais. No outro lado, Pedro estava sendo colocado na cruz e, lembrando-se do Mestre, pede para ser crucificado de cabeça para baixo, porque não merecia ter a morte do gênero do Mestre que ele tanto amava. Ali estava ele nos pântanos vaticanos. Há um livro extraordinário de Giovanni Papini, um livro muito antigo que se chama "As Testemunhas da Paixão". Narra uma história rica de beleza a respeito de Malco, aquele a quem Pedro tira a orelha no Getsêmani e Jesus sara a ferida. O Evangelho não diz que ele recolocou a orelha, ele sarou a ferida. Giovanni Papini utiliza-se disso para tornar aquele Malco um tremendo adversário do Cristianismo. Ele era um ocioso de Roma que estava ao lado de Pilatos, ali para servir ao seu suserano e a falta de uma orelha, à época, significava que o indivíduo era um ladrão da pior espécie. Ele disfarçava o possível. E uma longa história. Por fim, ele se transfere para Roma, depois que as circunstâncias imperiais modificam-se. Ouve falar a respeito de Pedro e corre onde Pedro está para ridicularizá-lo, para poder infligir-lhe aflições. No momento em que Pedro vai ser crucificado, Giovanni Papini cria uma imagem muito bonita. Malco aparece triunfante e humilha Pedro. Pedro ajoelha-se e pede perdão. Os romanos, que não entendiam nada daquilo, dizem: Se este é o maior de todos e está de joelho diante dele é porque Malco é mais importante. E Malco, mais tarde, também foi crucificado. A união é fundamental, se não nos estimarmos, pelo menos, nos respeitamos, dando a cada um o direito de ser como é.

Frase de Chico Xavier: "Vamos trabalhar por dias melhores. Não estamos numa doutrina teórica, mas numa que trabalha pela nossa transformação moral."

# Os mistérios do ânima e do ânimus sob a visão espírita

*Divaldo, vamos entrar um pouquinho em nossa intimidade. Como entender melhor a questão do ânima e do ânimus em face dos desequilíbrios que têm se acentuado nos dias atuais?*





Carl Gustav Jung

Jung começou a perceber que havia na criatura humana uma dualidade de emoções; em toda parte o indivíduo era dual. Havia no seu psiquismo uma fissão. Nessa fissão estava presente um anjo e um demônio. A pessoa às vezes está pensando numa coisa boa e o outro lado da mente está pensando exatamente o oposto, que a leva a momentos de grande amargura. Homens com a masculinidade anatômica, das mais expressivas, e um comportamento eminentemente feminino. Mulheres, excelentes mães, esposas, e um caráter masculino. O indivíduo atormentado sempre pela culpa, por fenômenos estranhos da sua personalidade, começa a pensar como estruturar uma proposta para atender a esses diferentes estados do comportamento. Procura na história uma palavra que possa atender a sua busca e encontra a palavra arquétipo, que vem do grego *arquestipoi*, marcas antigas. Essas marcas antigas geram no indivíduo comportamentos para os quais ele não tem resistência. Ao montar a doutrina dos arquétipos, Jung teve que considerar que há um arquétipo primordial, que ele chamava o velho sábio ou a velha sábia, mas que era o arquétipo primordial de onde todas as ideias haviam nascido e se espalhado pelo mundo. Estabeleceu que esse indivíduo, que tem o caráter da realidade é o *selbst*, palavra alemã, para definir a si mesmo, mais tarde traduzida para o inglês, popularizou-se como *seff*. Esse "si mesmo" é de natureza transpessoal, mas, quando se manifesta no corpo, propõe o ego, que são as necessidades humanas, as manifestações da persona, da máscara que nós colocamos. A função da vida no corpo é fazer a união do eixo ego /*seff*, exigindo que a sombra, o conflito que nós devemos aceitar como uma coisa muito natural, seja diluída pelo conhecimento, pela integração naquele *self*, no "si profundo" e, ao mesmo tempo, aquela fissão das duas manifestações antagônicas deve unir-se na realidade do indivíduo integral, que será a conquista da individuação. O objetivo



Golda Meir

essencial da vida é atingir o estado numinoso. Ele se utiliza do verbete latino *numem*, luz, para dizer que a plenitude, o estado de *samadi*, o Reino dos Céus é este estado numinoso. Foi estudar profundamente esta dicotomia, que deu uma organização fisiológica masculina a um comportamento psicológico feminino e o revés, uma organização anatômica feminina a um comportamento masculino. Utilizou-se de duas palavras latinas, o anima e o ânimus. Fez uma colocação,



Frédéric Chopin

procurando demonstrar que o indivíduo masculino que tenha a predominância do anima, necessariamente não se pode permitir o direito de um comportamento ético-moral, que inflija a sua compostura. A pessoa feminina, que tenha a predominância do ânimus, não se pode permitir o direito de ter um comportamento masculino, por causa da sua anatomia. Dizia, na sua chamada psicologia analítica, psicologia profunda, que o ideal era a integração do ânimus no processo de natureza anatômica, assim como do ânimus na feminilidade, criando um tipo ideal. Por exemplo: Quando Israel adquiriu independência, destacou-se uma mulher notável, Golda Meir, que foi a segunda primeira-ministra de Israel. Golda Meir era uma mãe exemplar, uma mulher dedicada, mas era um homem, no sentido da coragem. Ela não teve medo de enfrentar o império inglês. Era, portanto, uma perfeita síntese da mulher com o ânimus muito forte. Frédéric Chopin era um ser masculino, com uma libido muito acentuada, uma libido masculina, no entanto era meigo, era dócil, os dedos eram longos, apaixonava-se facilmente pelas mulheres, curiosamente, pelas mulheres que tinham predominância do ânimus. Quando ele elege, entre todas as mulheres a melhor companhia, se vincula a George Sand, que era uma grande escritora, com predominância do ânimus. Ela era tão notável na sua coragem que se vestiu à masculina, para poder sentar-se nos cafés de Paris, para poder conviver com os intelectuais. Chopin encontrou no ânimus de George Sand a perfeita identificação. Vemos mulheres tão dominantes, com maridos tão calmos. Exatamente por isto que dá certo, porque se dois ânimus se encontrarem, o casamento está fadado ao insucesso. Se dois animas se unirem, duas almas femininas, embora corpos diferentes, não haverá uma perfeita sintonia. Caetano Veloso, numa música muito bonita, fala das duas metades. Da metade masculina e da metade feminina. Na atualidade, vem

experimentando conotações que não correspondem ao sentido da psicoterapia. Quando surgem as expressões da manifestação sexual, sem nenhum preconceito ao comportamento homossexual, chamado comportamento gay. Não é uma crítica, devem-se evitar comportamentos que agridam o senso moral. O Espiritismo tem uma linha ética. Se não é lícito ao heterossexual uma vida vulgar, uma vida de corrupção moral, tampouco àqueles que transitam no homossexualismo ou no chamado bissexualismo. O indivíduo deve procurar fundir o seu conflito, diluir a sombra num comportamento saudável, esta é a posição do Espiritismo. O Espiritismo não condena, mas também não aplaude, tem uma linha de conduta. Quando reencamamos com a manifestação psicológica superior às forças anatômicas da fisiologia, o ideal é o procedimento ético. Gostaria de contar o que me narrou Chico Xavier a respeito das suas experiências no momento da erupção sexual. Era muito jovem, em , quando o conheci e trazia na mente essas perguntas todas de como fazer. Estava no auge das energias, a pineal, os hormônios masculinos e os hormônios dos órgãos complementares da sexualidade liberados.

Não sabia como conduzir-me, vinha da Igreja, a Igreja castradora, punitiva. Ao encontrar Chico Xavier, convidou-nos para ir à sua casa com Martins Peralva e Carlos Cavalcanti. Estava ansioso para lhe perguntar a respeito da conduta moral sobre o sexo. Mas Chico Xavier era de uma sabedoria ímpar. Recebeu-nos a todos na casa de sua irmã, almoçamos, serviu-nos com uma gentileza incomum e, naturalmente, deve ter captado meu pensamento, porque quando nós saímos, era junho, havia uma laranjeira em flor, suavemente pegou uma haste que estava florida e disse: "Veja bem, meu filho, tudo o que existe no universo é sexo. A raiz que se introduz na



madre terra exerce uma função sexual da qual os filhos são o lenho, as flores, os frutos". Ele foi alongando, alongando, e me disse:

— Olha, esta é uma mensagem de André Luiz para você. Diz que nada melhor do que a disciplina.

A noite, depois da reunião, prosseguiu:

— Divaldo, eu passei por esse trânsito. Era muito jovem e, como é natural, a mediunidade atraía também entidades perturbadoras. Eu as via em atitudes e situações deploráveis. Muitas vezes eu ia para as florestas daqui de Pedro Leopoldo para me

cansar, para desgastar as energias. Gritava e abraçava as árvores. Um dia disse a Emmanuel:

— Mas o que é que eu hei de fazer?

Emmanuel sorriu e disse:

— Eu vou contar-te uma história, Chico.

Havia um rei que vivia num palácio cercado de opulência, era um rei muito feliz, o seu povo era gentil, os seus ministros eram sábios e havia ali abundância de tudo. Com o tempo, começou a surgir a escassez, até que veio uma época de seca e a fome alastrou-se pelo reino. Aos primeiros sinais de fome, o ministro, muito sábio, acercou-se do rei e lhe disse:

— Majestade, está na hora de abrir os celeiros onde estão guardados os grãos para o exército e distribuí-los com o povo.

O rei respondeu:

— Mas como? Se eu der o alimento dos soldados, corremos o risco de um dia sermos invadidos pelas potências vizinhas.

— Majestade, o povo com fome não raciocina e pode ameaçar a estabilidade de seu governo.

E o rei retrucou:

— Mas os meus inimigos das fronteiras ameaçam-me constantemente. Tenho que manter os meus exércitos.

A seca prosseguiu... A fome continuou. Periodicamente, o ministro insistia:

— Majestade o povo tem fome, os campos estão desertos, as pessoas afluem para a capital, o número de mendigos e necessitados em volta do palácio é muito grande. É necessário abrir os

celeiros e distribuir grãos.

— Mas eu não posso, não posso correr riscos, lamentava o rei.

O sábio silenciou. Certo dia, o rei almoçava com seus ministros, quando uma pedra arrebentou a vidraça e caiu sobre a mesa. Era clamor da multidão. O rei teve um choque, assustado perguntou:

— Mas, o que é isto?

O sábio tornou a dizer:

-to povo, já sitia o palácio; está agora nos jardins e vai entrar e irá matar o rei. Tem fome e nós temos que o ajudar.

O rei, aturdido, indaga:

— O que é que eu faço agora?

Disse o conselheiro:

— Tem que falar com o povo.

— Mas ele vai me apedrejar, lamentava o soberano.

— Vai, vai apedrejar, mas é um risco que deve correr. Quando sua majestade falar honestamente, eles se sensibilizarão.

O rei amedrontado dirigiu-se | sacada da janela, o povo vaiou. Descarregou seu ressentimento, pedras voaram. Alguém propôs:

— Deixemos este infame falar.

Fez-se silêncio e o rei discursou:

— Vocês acham que ser rei é uma coisa muito boa. Somente pensam no meu conforto, naquilo que eu desfruto. Talvez os meus súditos não saibam das minhas noites indormidas, das intrigas na corte que eu tenho que contornar, dos partidos políticos que me afligem, dos interesses: É certo que não tenho fome, mas não tenho amigos. Os senhores têm amigos até na miséria, mas, na minha postura, sou um homem solitário e triste. Rogo perdão por não ter aberto os celeiros, mas é que eu desejava a defesa da nossa pátria. As pessoas começaram a se olhar e disseram:

— Pois é, nunca pensamos nisto. Como é que nós íamos saber que tinha problemas, ele é o dono do reino.

O povo aquietou-se e terminou aplaudindo-o. Os celeiros foram abertos e a paz voltou.

Emmanuel, com aquela paciência e austeridade que lhe são familiares, concluiu:

— Chico, você é o rei deste império. A sua mente, no trono do Espírito, comanda este império. Nas primeiras fases da vida, abundância, todos felizes, as multiplicações naturais. Com a adolescência, começam as modificações básicas da estrutura orgânica e as funções fisiológicas da procriação começam a exigir o seu direito. Você, por uma questão moral, pela religião que abraçava, era um ex-católico, diz ao seu corpo:

— Não, eu não vou ceder os meus celeiros de paz. Para atender a estas necessidades tenho que preservar-me.

Mas a fome é muito grande e agora elas agridem-no. Estão chegando ao seu palácio mental, estão sitiando, provocando desequilíbrio. Você tem que ceder.

Chico assustado lamentou:

— Terei que me corromper, visitar alguma casa suspeita, terei...

Emmanuel interrompeu:

— Não necessariamente. Elas estão com fome, é uma fome específica, não é a fome da libido sexual, é a necessidade de transformar as suas energias para poderem ficar mantendo o equilíbrio psicofísico do corpo.

— Não entendi!

— Chico, você deseja ser fiel à psicografia?

— Mas é claro...



— Você tem a coragem de descer as suas células e conversar com elas?

— Se for necessário, faço isto.

Meu filho, fechei os olhos e comecei a descer, fui descendo até o aparelho genésico. Não é que eu vi?! Eu as vi, como se fossem pequeninos grãos de ervilha, bem pequenos, agitados e dizendo:

— Tenho fome, tenho fome, Chico Xavier, tenho fome.

Eu disse:

— Calma gente. Meninas, tenham calma, o que é que vocês estão pensando? Que eu estou bem, nesse conforto? Eu também estou com fome, mas não posso me alimentar do que vocês querem. Nem lhes posso dar o alimento que vocês exigem. Façamos um negócio. Se é necessário que vocês diminuam a potência da força ou queiram reproduzir-se, venham para o milagre da procriação, subam e venham para transformarem em força mediúnica e, só por força mediúnica, as atenderei carinhosamente, darei campo a todas e estaremos bem.

Comecei a sentir aquele calor que subia.

Emmanuel explicou:

-- São elas.

Comecei a psicografar. Toda vez que necessito, digo:

— Meninas, está na hora de trabalhar. Venham ajudar-me.

Aí resolvi o problema delas e resolvi o meu problema. Não as castrei, transformei as suas necessidades em campo de trabalho edificante.

Emmanuel estendeu:

— O artista de tal forma se envolve com a arte e nela mergulha, que esquece até de alimentar-se.

Há um fato muito curioso na vida de Einstein.

Em Princetown, quando estava elaborando a fórmula a respeito do surgimento do Universo, ficou três dias e três noites dentro do laboratório e, quando saiu, notou que as coisas estavam meio desarrumadas. Deixando o campus, havia umas árvores fora do lugar; achou aquilo estranho, em casa perguntou à mulher:

— O que é que aconteceu?

— Um terremoto.

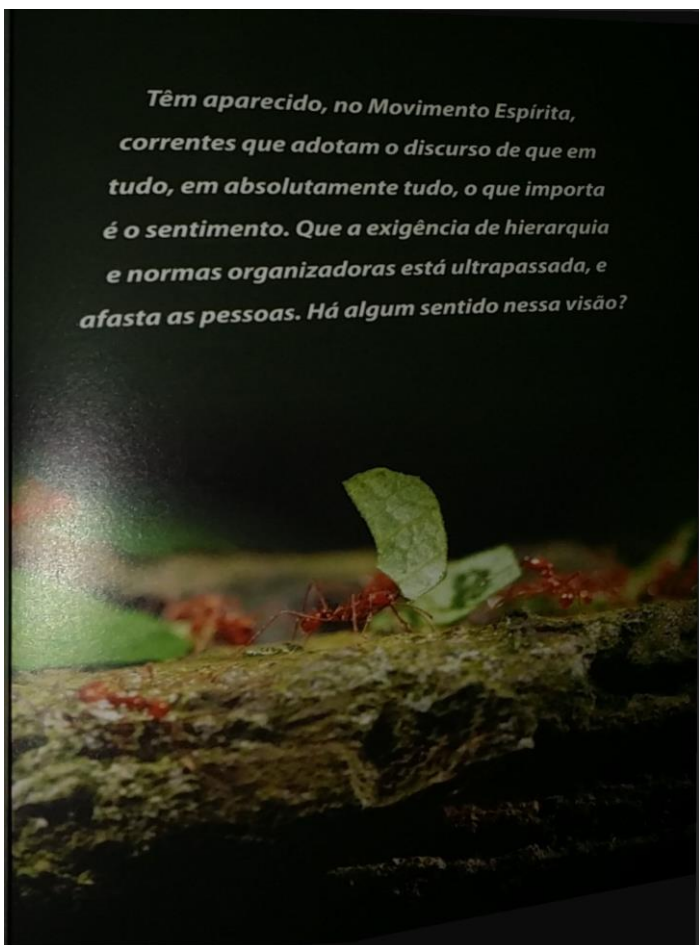
Não havia notado, porque estava mergulhado naquela busca, Todas as funções orgânicas trabalhavam para que a mente dele pudesse conceber a fórmula que interpreta as leis do Universo.

Então, o ânima e o ânimus, à luz da Doutrina Espírita, são as nossas experiências em encarnações passadas. São as questões duzentos, duzentos e um e duzentos e dois de "O Livro dos Espíritos". O Espírito em si mesmo é assexuado, o sexo é uma necessidade da função biológica para reprodução e, muitas vezes, o Espírito pede para nascer nesta ou naquela anatomia de acordo com a sua necessidade em relação à tarefa que vai exercer na Terra. O Espírito, que durante muitas jornadas vivenciou a masculinidade, quando reen- cama na experiência feminina, para manter-se equilibrado, necessita da fusão do ego com o *self*. Há nele a anatomia feminina, mas a psicologia é masculina. O Espírito, que muitas vezes reencarnou na feminilidade e que, de repente, vem na masculinidade, traz uma anatomia masculina, mas os seus ademânes, as suas manifestações, a sua psicologia é feminina. Não quer dizer que tenha de usar o sexo violentando as funções orgânicas. No entanto, muitas vezes, ocorre que os impulsos são tão poderosos, os reencontros são tão severos, que o indivíduo volta a viver a função psicológica, contrariando sua anatomia, vai realizar a fusão afetiva de natureza homossexual. Conversando ainda com Chico sobre o assunto, ele me esclareceu:

— Dos males o menor. Ao invés da loucura, da depressão profunda, do suicídio, porque muitas vezes as evocações do passado são tão poderosas, que o indivíduo masculino ou feminino não resiste a este desbordar de emoções. O amor, em qualquer expressão, é digno, mas, mudar de parceiros, ter uma vida de experiências prostituídas, | grave, seja no homo como no heterossexualismo.

A mudança sociológica dos anos sessentas e o comportamento "rock in roll" fizeram surgir uma terceira sexualidade que não existe anatomicamente, que é aquela que diz respeito aos bissexuais. Não existem bissexuais. O hermafrodita ou a hermafrodita são anomalias fisiológicas. No entanto, há indivíduo que de tal forma exorbita, na função da sua masculinidade ou da sua feminilidade, que passa a exercer uma função agressiva ao organismo por desequilíbrio e desrespeito ao corpo. O que acontece com estes indivíduos? Na tese das reflexões espíritas, ele reencarnará na assexualidade. Tem anatomia, tem psicologia, mas não tem impulso, reencarnará na frigidez ou na impotência sexual. Daí a problemática do ânima e do ânimus, muito bem definida por Jung. Só a reencarnação para explicar. Esses arquétipos, diz Joanna de Àngelis, na sua Série Psicológica, nada mais são do que a visão espiritualista de Jung, porque o arquétipo primordial, a causa cáusica, é Deus. Então, o que é a sombra? É a culpa que trazemos dos nossos erros, uma culpa inconsciente, são os complexos, são a timidez, o narcisismo, o complexo de inferioridade, de superioridade, a dupla personalidade. São heranças de encarnações passadas. O *seff*, em si mesmo, e o Espírito que somos, porque esse *selj*, no conceito de Jung é o herdeiro do chamado inconsciente coletivo. O inconsciente coletivo estaria em nós, é natural que esteja, porque aquilo que possamos lembrar do século dez, do século dois ou de há quinhentos milhões de anos, é porque vivemos nessa época. No inconsciente, cuja sede seria o perispírito, estão arquivadas estas lembranças. Na questão do ânima e do ânimus, temos, hoje, uma postura de comportamento, para a qual a conduta espírita estabelece parâmetros de dignidade, para que todos os portadores da libido, exacerbada ou não, possam viver com dignidade, sem constrangimento nem culpa, sem entrar em depressão e pensar na solução pelo suicídio.

## Crises nos lares espíritas



*Têm aparecido, no Movimento Espírita, correntes que adotam o discurso de que em tudo, em absolutamente tudo, o que importa é o sentimento. Que a exigência de hierarquia e normas organizadoras está ultrapassada, e afasta as pessoas. Há algum sentido nessa visão?*

Quando conheci pessoalmente Alziro Zarur, no Rio de Janeiro, ele já havia adotado o discurso da boa vontade. A boa vontade é essencial para tudo. Se há boa vontade, Deus tem misericórdia. Era um discurso atraente para os padrões da época. Mas, certo dia, li uma frase que me impressionou muito e demitizou este conceito de Alziro Zarur. A frase é de Goethe, que diz o seguinte: "Nada pior do

que um grupo de pessoas de boa vontade e ignorantes, porque atrapalha muito mais do que ajuda. Melhor pessoas de má vontade com o conhecimento, porque quando opinam oferecem segurança." Fala-se muito a respeito do sentimento, dessa igualdade. Essa igualdade é natural, mas ela é impossível de ser colocada em termos administrativos. Nós encontramos, em "O Livro dos Espíritos", uma página extraordinária a esse respeito, na Lei do Trabalho. Sempre haverá alguém que administra, sempre haverá alguém que orienta, é inevitável. Ora, a hierarquia é de natureza moral, essa hierarquia tem que predominar em todos os setores. Quando os pais, em casa, não mantêm essa hierarquia e se tornam iguais aos seus filhos, a família é um desastre, porque as crianças não sabem discernir, elas dão vazão aos seus impulsos e todos os objetivos familiares fracassam. Numa instituição espírita não se pode deixar de ter, por exigência legal, uma diretoria administrativa. Temos aí uma hierarquia natural. Não se trata de uma hierarquia que imponha os seus desejos, as suas aspirações, porque para isso existem membros, que compartilhem, que discrepam, que concordam, que estabelecem normativas para o bem geral. Mas, dizer que a hierarquia afasta os indivíduos, não encontra fundamento histórico, pelo menos. A Igreja tem uma hierarquia autocrata e, no entanto, a humanidade se submeteu por causa da sua imposição, a ferro e a fogo no Ocidente, por muitos séculos. Vemos isso na administração das empresas. Hoje, as administrações das empresas não têm alma, são terríveis, o que celebrou o livro a esse respeito, que é "A Morte do Caixeiro Viajante". Quando o personagem tenta tudo, mata-se e sofre para atingir o ápice da sua posição na empresa, tornando-se um dos diretores. Então vaga o cargo de presidente e ele aspira à presidência. Era natural, era a sua meta. Quando aspirou a presidente já era um homem de mais de cinquenta anos, quase sessenta. Não era um homem ideal para administrar a empresa como presidente. Os diretores reúnem-se e dizem:

— Está na hora de você tirar umas férias, está na hora de você aposentar-se, terá uma fortuna colossal, poderá fazer uma viagem à volta do mundo, descansar.

Ele responde:

— Não, trabalhei a vida inteira para este momento.

— Sim, compreendemos, mas veja bem: você já alcançou seus objetivos, temos que colocar aqui um jovem que tenha garra, porque por mais que você trabalhe, já conseguiu o que queria, e o jovem que tem ambições...

Compreendeu a farsa, queriam expulsá-lo. O livro é trágico, suicida-se e deixa uma carta para os filhos, que é um libelo: "Mintam, furem, roubem, bajulem e, se for necessário matar, matem, mas consigam as suas metas". Ora, isto é uma tragédia, porque é o retrato das empresas. Vimos, agora, nos Estados Unidos da América do Norte, a crise das grandes empresas automobilísticas, o pedido de apoio ao governo, a necessidade de importâncias exorbitantes. O governo ficou chocado. Os presidentes das empresas foram todos em avião à jato, três aviões à jato, quando poderiam os três ir num só. Era um desperdício! O governo pretende ajudar, mas exige a diminuição dos salários, considerando a arbitrariedade das autoridades que extrapolam. No nosso caso, a administração tem que existir, para que haja também o respeito. O apóstolo Paulo foi muito claro: "Dá conta da tua administração". Só dá conta da administração aquele que administra. Desta forma, o sentimento é muito valioso, mas muitas vezes torna-se piegas e é necessário não abdicar-se da razão para que esse sentimento não se transforme em sentimentalismo. Em nosso Movimento, houve um momento em que as obras sociais foram um verdadeiro *Jrisson*. Todo Centro Espírita tinha que ter uma obra social. Descuidava-se do estudo da Doutrina, para se trabalhar na caridade, que, no fundo, não era caridade, era projeção da imagem do administrador.

Isso se tornou uma verdadeira epidemia, porque as pessoas deixavam a Doutrina à margem para transformar as reuniões em rifas, em pedidos de dinheiro, em promoções pagas. Perguntamos: Mas como promoções pagas? Em nome de uma Doutrina de liberdade, de gratuidade, etc. Passou esta onda, diminuiu, mas, hoje, ainda ocorre, pessoas vêm até mim:



— Ah! Seu Divaldo, eu tenho uma missão na Terra, queria fazer um lar de crianças.

Pergunto:

— De que cidade você é?

— Tal.

— Porque que você não vai ajudar o lar que já existe e que está por fechar por falta de colaboradores.

— Ah! Mas eu queria fazer o meu.

— Nunca será seu, é de Deus, porque você vai morrer, vai deixar aí. Se você quer começar um lar e não sabe, vá colaborar num que existe, aprenda, participe e, se um dia você tiver recursos e oportunidade, você constrói um dentro do seu propósito. Mas comece pelo menos num que existe.

A pessoa tem uma tarefa, define a tarefa mas não sabe como começar. Precisamos dizer a ele como é que começa. Falta impulso seguro para administrar. E sentimentalismo. O indivíduo acha que fazendo isso já ganhou o Reino dos Céus, que já conseguiu o máximo.

Certo dia, cheguei numa instituição e uma senhora me disse entusiasmada:

I — Olha Divaldo, está vendo aquela moça ali, é neta de uma das nossas beneficiárias. Nós cuidamos da avó, da mãe e da filha.

Então, me escapuliu e disse:

— Minha filha, como é que você conseguiu manter na miséria três gerações?

Aí me dei conta, mas já tinha saído. Então remendei:

— E às vezes. Já que a avó veio na pobreza, seria necessário dignificar a mãe, para que a filha não fosse uma necessitada.

O propósito da Doutrina Espírita não é manter na miséria, é libertar da miséria, é trabalharmos na promoção do indivíduo e na emergência do socorro imediato. Como respondeu Madre Tereza de Calcutá a um cético inglês, da imprensa britânica, que a acusou de manter os pobres na miséria, quando deveria pô-los a trabalhar. Ela era terrível, ninguém pense que era mansinha não, era terrível.

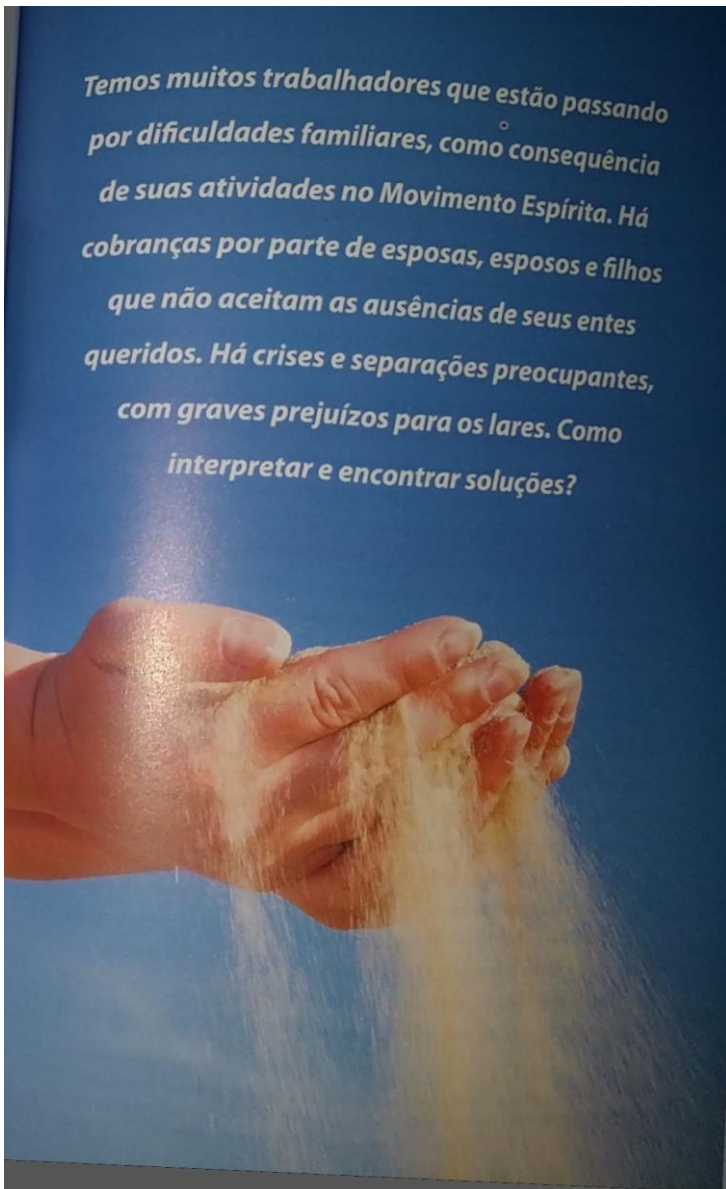


Como Irmã Dulce, da Bahia, que era uma santa que conheci, com intimidade, era terrível, no bom sentido da palavra, nem poderia deixar de ser. Então, Madre Tereza diz:

— E que eles estão morrendo de fome e, para não morrerem de fome, eu dou a comida. Agora, você, que está confortado e tem meios, arranje emprego para eles.

Uma resposta muito boa! A entidade deve ser preservada, porque aprendemos a respeitar aqueles que nos dirigem para podermos respeitar aqueles que são dirigidos.

# Palestra proferida em 26 de dezembro de 2008, no teatro da FEP, sobre “Jesus e a Canção de Natal”



A chamada Revolução Industrial<sup>13</sup>, mais tarde denominada Revolução da Pós-Modernidade, trouxe valiosos contributos para a sociedade. Mas, ao mesmo tempo, pela imaturidade dos grupos sociais, aquilo que era concessão de liberdade, transformou-se em libertinagem. Graças à ciência e à tecnologia de ponta, particularmente a tecnologia virtual, que nos permite ver em tempo real acontecimentos em qualquer parte do planeta, a soma de informações tem uma carga tão pesada, que o nosso ser espiritual não tem condições de digerir. Amontoadas no subconsciente, se transformam essas informações em conflitos. De um lado é a mídia enlouquecida por vender. Vender o escândalo, a vulgaridade, o crime, porque dá manchete. Criaram-se as necessidades aparentes de estar a par de tudo com a velocidade dos acontecimentos. Tudo isto pesa no que os modernos psicólogos chamam de a Era da Ansiedade. Vivemos ansiosos, porque não temos tempo de aproveitar o chamado tempo. A soma de necessidades reais e imaginárias é tão grande que vivemos aturdidos, lamentando não

<sup>13</sup> li A Revolução Industrial consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com profundo impacto no processo produtivo em nível econômico e social. Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, expandiu-se pelo mundo a partir do século XIX.



estarmos informados disso, não haveremos resolvido esse problema, jogado para frente, empurrado para adiante, e isso se reflete principalmente na família. A família da Era Industrial, da chamada Pós-Modernidade, é uma família estruturada em bases de interesses imediatos. Para que o ego predomine no relacionamento, com a liberação da mulher que passou a trabalhar, a ter uma independência econômica, surgiu também um pouco de fragmentação do sentimento profundo da maternidade. Esse sentimento, que é inato no ser humano, as vezes fica em plano secundário quando a mulher dá-se conta de que necessita projetar a sua imagem, de ser uma executiva, de ter fama, de desfrutar a sua vida. Mesmo consorciada, não deseja abdicar dos seus direitos, da liberdade, todos eles liberdades e direitos, adquiridos com grandes sacrifícios. Depois de um período de grande escravidão, quando vem à liberdade, o indivíduo extrapola porque não sabe quais são os limites, até que as grandes dores fazem com que ele retorne ao começo e os limites se imponham naturalmente. No que tange a essa problemática do relacionamento familiar, que envolve o Movimento Espírita, há um elemento muito sutil, que é a interferência do mundo espiritual inferior. As Entidades perversas, quando não nos podem atingir em determinadas brechas morais que temos resguardadas, procuram alguém que nos possa ferir mais diretamente e vão encontrá-lo em nosso relacionamento afetivo. É a esposa que exige a presença do companheiro, do marido ou do parceiro, mais do que ele pode dar; é o marido, que fica receando que a esposa esteja abandonando o lar, porque adquiriu uma outra forma de afeição; é o filho que se sente carenciado e acusa o Espiritismo de ser responsável pela deserção dos pais do seu lar, mas não acusa esse filho a sociedade quando os pais desertam do lar para os falsos compromissos sociais, para a vida frívola, para as piscinas, para os chás, para os encontros, para os desfiles de moda, porque isso não, isso faz parte da sociedade. É curioso como o bem incomoda a estrutura organizada da nossa sociedade deficiente. Nós tivemos um exemplo muito grande em nossa Casa, quando uma jovem, de uma família distinta da cidade resolveu morar conosco para ajudar-nos a criar crianças abandonadas. A família se opôs tenazmente e ela respondeu:

— É curioso, vocês se opõem que eu vá me dedicar ao bem, e com minha irmã, que se tornou uma prostituta de luxo em Paris, ninguém se incomoda. É um paradoxo. Chegou aqui homenageada, carregada em triunfo, bem economicamente, mas é prostituta como outra qualquer. Porque ela recebe clientes que lhe pagam, a diferença é que são clientes ricos. Eu quero me dedicar a uma obra do bem, mas virei escândalo para a família.

Isso me deu a dimensão dos velhos hábitos que temos para as coisas que o mundo projeta e aplaude. Para aquelas que ainda não se implantaram como sendo as essenciais da vida, o mundo está fechado. Em uma mensagem que recebi, está numa das obras de Manoel Philomeno de Miranda, diz que o espírita encontraria três inimigos sutis, como resultado de uma reunião nas trevas. Entidades perseguidoras começaram a pensar qual seria a melhor maneira de gerar embaraços ao Movimento Espírita. Cada uma dessas entidades apresentou um projeto. Os projetos foram recusados, até que alguém disse:

— Eu tenho um projeto constituído de três elementos, e nesse projeto, aquele que resistir a um ou a dois dos elementos, não resistirá ao terceiro. Proponho que nós estimulemos os espíritas para o culto da vaidade. A vaidade é uma das brechas morais da criatura humana.

— E sobre o dinheiro?

Com muita sabedoria, respondeu:

— Meu filho, existe hoje no movimento da mediunidade algo que é muito censurável. Muitas vezes, os médiuns não aceitam dinheiro daqueles que se beneficiam, mas foi criada a indústria do presente. As pessoas não remuneram diretamente, mas dão objetos de alto valor, oferecem coisas, e o médium começa a preferir, inconscientemente ou conscientemente, aqueles que lhes dão presentes caros e se afastam daqueles que têm necessidades e não dispõem de recursos para retribuir os benefícios recebidos. Isto é um crime hediondo, porque, de alguma forma, é a venda das coisas sagradas, é a simonia. Não recebe o dinheiro, mas recebe uma medalha de ouro para pendurar no pescoço, um anel

de ouro com uma pedra preciosa, preciosa porque é rara, mas é uma pedra como outra qualquer, o relógio de alto preço. Está vendendo o tesouro que não lhe pertence.

É claro, os inimigos de sua dignidade estão vigilantes e substituem os benfeitores, que não anuem com este procedimento. A mediunidade continua, porque ela é inerente ao indivíduo, é uma faculdade orgânica, mas os Espíritos que trabalham nela mudam; os nobres cedem lugar às entidades vulgares que urdiram essas armadilhas. É uma grande verdade! Quantas vezes vemo-nos em situações embaraçosas! Certa feita, estava numa cidade e o meu voo foi cancelado e precisava chegar em casa. Naturalmente tinha outra companhia, mas como uma não aceita o bilhete da outra, fiquei numa situação muito embaraçosa. Um amigo, que estava ao lado, me disse:

— Olha, Divaldo, vamos lá que regularizo.

Aquiesci. Ele regularizou e, só mais tarde, é que percebi que havia pago a passagem. Depois desse passo, numa outra oportunidade, disse:

— Olha, estive pensando e encontrei uma boa solução, porque sou funcionário público aposentado e como funcionário público ganho muito bem. Sou um homem independente, tenho muita estima por você. Pensei em dar-te um cartão de crédito, basta usar o cartão. Não vai abalar os meus recursos. Coloco uma certa importância em teu nome e com esse cartão de crédito, resolves muitos problemas.

No primeiro instante me pareceu uma coisa tão bonita, porque muito ingênuo. Orei bastante, repensei: Vai me dar um cartão de crédito com o dinheiro dele, para eu usar o dinheiro dele. Fiquei muito embaraçado e constrangido, respondi:

— Lamento muito, mas não posso aceitar, você vai me desculpar. Não sei lidar com esse negócio, sou um trapalhão em matéria de cartão.

Consegui cortar. Tinha um outro amigo que era um senhor muito rico no Rio de Janeiro. Esse homem me tinha muita estima. Era mais jovem, ele já era um senhor de idade, era um libanês. Certo dia a sua esposa desencarnou e ele, portador de uma fortuna muito grande, graças a amigos nossos, teve uma ideia de fazer um depósito no banco Bamerindus, de uma importância, na época muito grande, que hoje corresponderiam a uns duzentos mil reais. Os meus amigos me telefonaram eufóricos. Divaldo, o seu fulano de tal depositou esta importância, fez uma caderneta em teu nome. Agora não passarás mais fome. Nas viagens internacionais, eu cancelava o lanche para não engordar. Cancelava até meus jantares, principalmente com hambúrguer que é tão acessível. Ele sabia que eu ia a países onde não tinha sido convidado, para lançar as ideias, ia por conta própria, pagava passagem à prestação, hospedava-me em hotéis mais modestos, hotéis com e sem estrelas. Ele disse:

— I um risco, meu filho. Você vai para um hotel deste porte, pode ser assassinado, tem que procurar um hotel melhor.

Sim, mas eu não podia pagar o hotel melhor. Sorri e disse assim:

— Ah! Perfeitamente, da próxima vez...

Da próxima vez, voltava a aqueles que eu conhecia, até quando se criaram os grupos e quem me convidava passava a oferecer a passagem e a hospedagem. Quando eu soube que o homem tinha depositado aquele dinheiro, eu tive logo uma dor de cabeça terrível. Meu Deus, ele está me comprando, sem querer, coitado, era um homem de bons sentimentos. Fiquei aturdido, tinha que ir ao Rio de Janeiro para resolver isto, mas não podia comprar a passagem. Depois de pensar muito, pedi ao advogado da nossa Instituição para que me ensinasse o que é que eu tinha que fazer, porque não podia desmanchar. Como é que eu podia desmanchar a caderneta que já estava pronta. Resolvi fazer uma reunião da diretoria do Centro Espírita Caminho da Redenção. Expus e perguntei a todos o que é que achavam, o que é que deveria fazer, porque não podia ficar com o dinheiro. Lembrei-me do belo exemplo de Chico Xavier. Como os bons exemplos são luzes no caminho! Ele havia recebido uma doação de uma pessoa muito querida, que mais tarde escreveria através dele "Voltei", com o

pseudônimo de Irmão Jacob<sup>14</sup>. Ficou muito aturdido e o que fez? Ofereceu aquele patrimônio à Federação Espírita Brasileira; renunciou. Eram noventa contos, na época. Então eu digo, ah! Já sei, vamos doar ao Centro Espírita Caminho da Redenção, é a Instituição na qual eu trabalho. Mas tem tanta gente aí passando fome e como ele não dá o dinheiro para passar a fome, ele deu de qualquer forma. Fizemos a reunião, lavramos uma ata, foi feita a transferência. O advogado foi ao Rio de Janeiro levando os documentos, transferiu o dinheiro para a Instituição e me vi livre. Meu Deus, ter dinheiro no banco é uma coisa horrorosa, ainda mais de repente. Não quis me apegar, para não sofrer o desapego. Joanna me disse:

— E assim, meu filho, os bens são de Deus, o dinheiro vale pela utilização que lhe damos. Nunca se apegue, porque todo apego aflige e mata.

— E o sexo, minha Irmã?

— Ore, ore bastante e transforme as suas energias sexuais em potências para o trabalho do bem. E como eu já conhecia a história do Chico, comecei a fazer a viagem interior até o aparelho genésico e dizer assim:

— Meninas, subam para a garganta.

E tão curioso, sinto calor, parece que há uma dinâmica no aparelho reprodutor e me vem uma vitalidade estranha, aos oitenta e dois anos. Neste ano, visitei duzentas e onze cidades diferentes, proferindo, fora de nossa casa, duzentas e oitenta e quatro conferências, com a de ontem; sem deixar de fazê-las, sem cancelar, sem ter nenhum problema. Peguei só uma gripe espanhola recentemente que é uma coisa muito chique, não é? Mas que já foi abortada desde ontem, graças à homeopatia. Joanna aconselhou:

— A prece, meu filho, porque há uma área de amigos nossos que gostariam de um Espiritismo sem ética moral e sem Jesus, porque assim seriam descomprometidos. Sempre falamos em Jesus, o Modelo e Guia da humanidade. Quando falamos na importância da oração, acusam-nos de misticismo, mas isto não é misticismo, é transcendência. Orar é vincular-se a Deus, a oração é o grande recurso.

Aqueles confrades que, no lar, enfrentam dificuldades com a esposa ou com o companheiro, com os filhos, que fazer? A família é prioritária. Quando nós procriamos, quando recebemos esses filhos para educar, eles são prioridade. Mas não quer dizer que nós não tenhamos outros compromissos. São os compromissos religiosos, os compromissos sociais, os compromissos do trabalho, essenciais à nossa manutenção, ao nosso equilíbrio. Instigados pelas forças negativas que nos constroem a abandonar o trabalho para ficar em casa, não admitiremos, de maneira nenhuma. Eu cumpro com meus deveres de pai, de esposo, de amigo, no lar não falta nada, mas eu tenho deveres também para comigo, para com meu ser profundo, a alma que eu sou. E disso não abduco. Naturalmente, não estarei no Centro Espírita todo dia, porque é uma fuga. Há muita gente que foge do lar em nome da abnegação e não é. É porque não aguenta a

família, então foge. É um mecanismo de transferência psicológica. Nem isso, nem deixar o Centro Espírita pelo lar, porque perdemos a sustentação para suportar uma família difícil onde estão as nossas necessidades evolutivas. Temos, inapelavelmente, a necessidade da proteção espiritual. Que seria de mim se não fosse o concurso dos bons Espíritos? Pergunto-me, diariamente, onde andaria? No sanatório psiquiátrico ou no vale dos suicidas? Quantos desistem, expulsos pelas entidades perversas, suas inimigas, que os aguardam mais tarde e, quando os pegam, não os deixam mais? Esta questão é muito delicada. É necessário ter a sabedoria de não ceder, porque, cedendo hoje, amanhã faremos outras concessões. Para aqueles que estão com problemas domésticos, com deserção de companheiros, que foram estimulados pelo sexo e debandaram, não suportando a vida disciplinada,

<sup>14</sup>. Irmão Jacob é o pseudônimo utilizado por Frederico Figner, que foi vice-presidente da Federação Espírita Brasileira.

envolvamo-los em compaixão, mas não nos deixemos desanimar. Lembremos que todo ideal exige testemunho. Não se pode ser fiel a um ideal sem testemunhar-lhe a grandeza, sem darmos esse contributo de fidelidade à fé. O Espiritismo, não esqueçamos, é o Cristianismo de volta. E o Cristianismo de Jesus e dos seus primeiros apóstolos. Não é o Cristianismo dos teólogos, é dos homens e mulheres do caminho. Que nós não nos esqueçamos das provas, recebidas com certa euforia, sem masoquismo, dos testemunhos no lar, dos grandes silêncios, das traições, das humilhações que, às vezes, nos assaltam e nós não entendemos. E a fidelidade a Jesus, porque para quem opta por Jesus, o mundo está em segundo lugar.

Recordo de uma página lírica, do espírito Irmão X<sup>15</sup>, através do apóstolo Chico Xavier. Naqueles dias, Pedro havia erguido a Casa do Caminho<sup>16</sup>, na estrada entre Jope e Jerusalém. Ali os telheiros multiplicavam-se, eram crianças órfãs, vítimas das lutas tribais, idosos que foram abandonados, o povo do campo que chegava a Jerusalém e não encontrava o amparo, principalmente os portadores da hanseníase. Naquela época, qualquer dermatose era diagnosticada como lepra, por falta de conhecimento; os alucinados mentais, os obsediados, buscavam a Casa do Caminho, administrada por Pedro, Tiago e João. Era o reduto daqueles que não tinham lar. Mulheres piedosas de Jerusalém, que se haviam fascinado pela proposta de Jesus, nas terças-feiras à tarde, iam visitar a Casa do Caminho, levando víveres, levando socorro, ajuda. Simão reunia-as numa pequena sala, que funcionava como cenáculo e falava sobre Jesus.

Narrou-me Chico Xavier que esta Casa, segundo Emmanuel, tinha forma da letra U, aqui era o templo, um quarto modesto de Simão, de João, de Tiago. Logo ali era o atendimento geral e os pavilhões. Diz Emmanuel, impregnado de emoção! Eram os braços da caridade, afagando os infelizes. Numa dessas oportunidades, Pedro falava de Jesus com grande inspiração. Falava sobre o fardo, o fardo leve, o jugo suave, quando se ouviram vozes do lado de fora, gritos, uma movimentação inusitada e a porta da sala foi aberta com estrepito e uma mulher entrou, com cabelos desgrehados e algumas marcas de pedradas na face. Correu na direção dele, segurou-lhe as pernas e agora, lacrimejante, disse:

— Socorra-me, por amor de Jesus.

Pedro olhou-a e a reconheceu. Era uma vendedora de ilusões, muito famosa em Jerusalém. As mulheres que ali estavam, viram-na e naturalmente recuaram, odiavam-na, porque aquela era uma ladra dos seus maridos. Quase todas sabiam da sua vida de indignidade, das festas, das bacanais, e vendo-a ali, sentiram repugnância um pouco de prazer, porque ela estava sendo perseguida pelos representantes da lei. Pedro ficou aturdido. Sabia que aquela era uma pecadora e uma pecadora das mais graves, porque não se arrependia da prática a que se permitia. A mulher chorava. As leis israelitas não permitiam invasão de domicílio, em uma das seiscentas e treze regras e preceitos da Torah. Como albergá-la? Era um escândalo. O apóstolo olhou para aquelas senhoras generosas e todas fitaram-no com severidade, como a dizer, expulse-a, porque nós não podemos concordar que seja agasalhada. A mulher chorava em desespero e ele ouvia as vozes que pediam para que a infeliz fosse mandada de volta. Sem saber o que fazer, correu ao seu quarto modesto, um quarto de taipa, e atirou-se ao solo, começando a chorar. Emocionado, viu Jesus. Desenhou-se suavemente a figura veneranda do Mestre, como no dia da ressurreição. O semblante suave, os olhos enternecidos, as mãos distendidas, na atitude de quem afaga. Simão percebeu que ele esperava a pergunta, e fez:

— Senhor, quando tu entraste, viste a prostituta que estava lá na sala?

— Não Simão!

— Não a viste?

— A prostituta não, eu vi uma irmã doente, que chorava copiosamente.

<sup>15</sup> -S\* Pseudônimo adotado por Humberto de Campos, que escreveu várias obras através da me\* diunidade de Chico Xavier.

<sup>16</sup> • Primeira instituição cristã, fundada pelo apóstolo Pedro em Jerusalém.

— Mas Senhor, ela desencaminha os homens e leva infelicidade aos lares, tu sabes!  
— Não, não Simão, o que sei é que ela está muito doente e vem pedir socorro.  
— Mas Mestre, o que farei? Se eu a proteger, as mulheres dignas ir-se-ão e não terei como sustentar os necessitados.

— E se tu não a agasalhares, ela morrerá sob tua responsabilidade. Já que tens dúvida no que fazer, interrompamos o diálogo, porque irei atendê-la.

Simão assustou-se, levantou enxugando as lágrimas e quando chegou junto da mulher, ela perguntou:

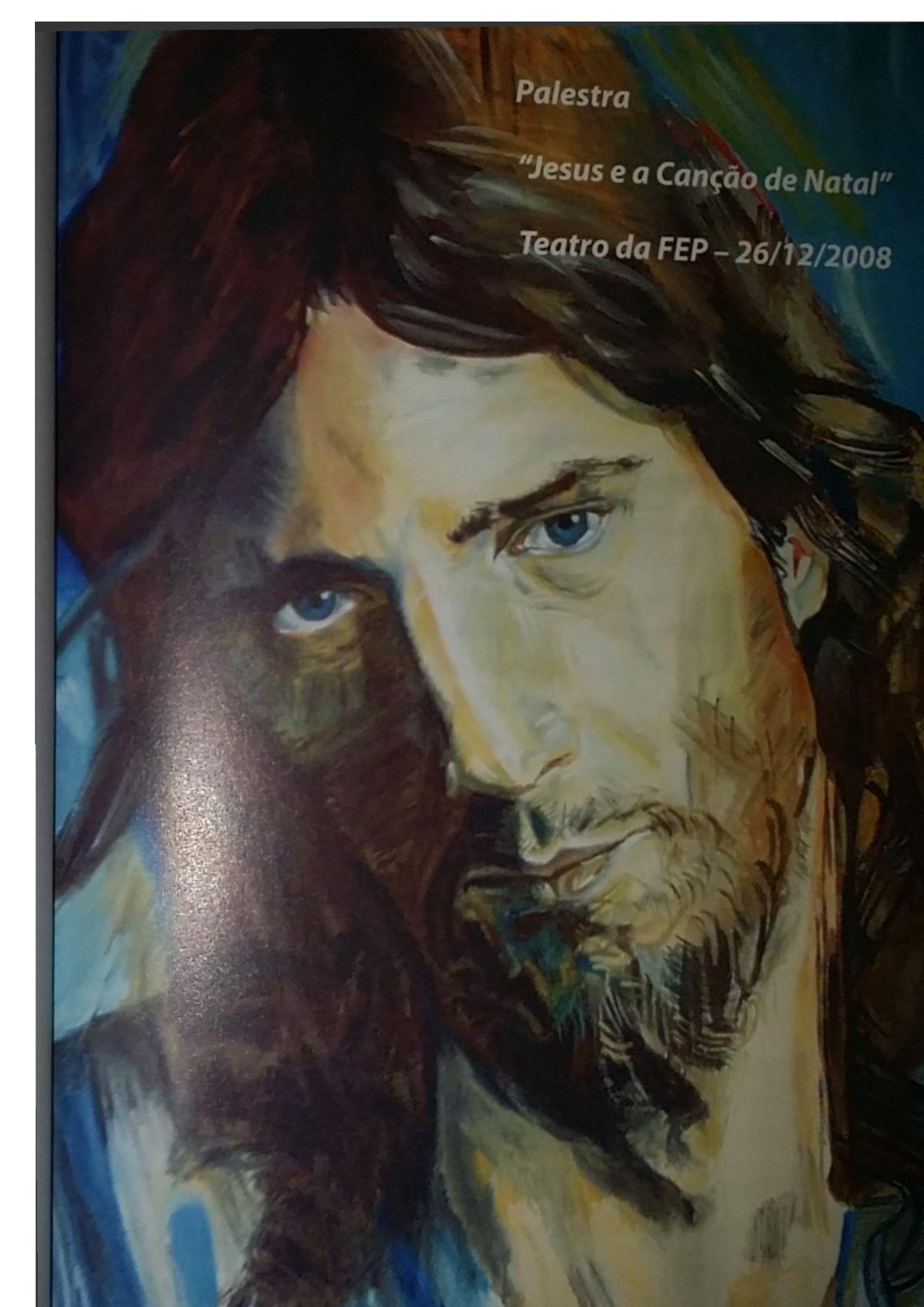
- Então?
- Fica minha irmã, a casa é tua.

Nessa mensagem podemos comparar a mulher equivocada à sociedade enferma deste momento. Na sua grande enfermidade não tem para onde ir. Vem à Casa do Caminho, que é a Doutrina Espirita, na qual Jesus está de braços abertos. A nossa atitude tem que ser de compaixão, em qualquer circunstância. Não nos cabe o direito de censurar. Nos cabe o direito de não concordar com o erro, mas não de atirar epítetos, pedras morais e receber a todos, para que aqueles que não nos conhecem, entendam que somos verdadeiramente cristãos pelo muito que nos amamos.

Ao encerrarmos o nosso encontro pela exigência da viagem, eu quero agradecer, profundamente comovido, à Federação, por me haver convidado para este momento de intercâmbio de ideias, de convivência, momento que a mim me fez um grande bem. Depois de cinquenta e quatro anos visitando esta Instituição, desde a sua sede velha, até agora, este para mim foi o momento culminante na minha jornada que vai sendo encerrada. A medida que os anos se aproximam, a irmã morte também se acerca com mais rapidez. Agradeço aos amigos queridos, praticamente de todo o Paraná, mas também do Paraguai, dos nossos irmãos de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul que estiveram conosco. Agradecer a todos por terem interrompido os seus momentos de lazer, as suas atividades neste fim de semana, tão significativo para as famílias e terem deixado a comodidade do lar para esta convivência. Agradecer à equipe de apoio pelo carinho. Agradecer sobretudo a Jesus, o Sol de nossas vidas, e aos Benfeitores queridos, que nunca nos abandonam. Que os queridos amigos, as irmãs, os irmãos, prossigam intemoratos, intemeratos, com a certeza que Jesus está nos esperando. Que o mal dos maus não nos faça mal, que a perversidade dos infelizes não nos transtorne, que os maus exemplos não nos sirvam de diretriz, mas sim os bons. E que através da união da nossa afetividade, tornemos o nosso Movimento unificado. Que discordemos em opiniões, mas que não venhamos a dissentir, a nos separar no trabalho da Unificação. Rogo ao Divino Mestre que nos abençoe, que nos dê paz!

E até breve, se Deus quiser!





**Palestra**

**"Jesus e a Canção de Natal"**

**Teatro da FEP – 26/12/2008**

Meus queridos irmãos, permaneçam conosco as dólidas vibrações do Natal.

Como ainda estamos vivendo esses momentos evocativos da época em que Jesus veio ter conosco, recordei-me de narrar pequena história a respeito de uma das mais belas músicas natalinas: *Noite Feliz*.

A história real foi publicada em *Seleções do Reader's Digest*<sup>17</sup>, em . Quando a li, na época muito jovem, fiquei fascinado pela beleza da narrativa, tanto quanto me fascinara pela música ouvida pela primeira vez.

Tudo começou em Oberndorf, uma aldeia próxima a Salzburg, na Áustria. Ali se encontrava um dedicado sacerdote do Cristianismo que, quando criança, havia revelado uma aptidão muito grande para o canto. Tinha uma voz considerada angélica. Foi convidado a ir para o seminário. Mas, por ser filho legítimo de um soldado e de uma costureira, o jovem Joseph Mohr experimentou preconceito de todos os lados.

Quando cantava, a doçura de sua voz enternecia as criaturas. Um velho sacerdote convidou-o para que entrasse na grande vocação de libertar consciências através da música e também da dedicação à fé religiosa.

No ano de , ele chegou à Oberndorf e ali construiu um sentimento de fraternidade entre os aldeãos.

Era Natal. O velho órgão estava quebrado e os aldeãos estavam acostumados a participar da festividade, ouvindo o precioso instrumento, constituindo, através do tempo, uma verdadeira tradição.

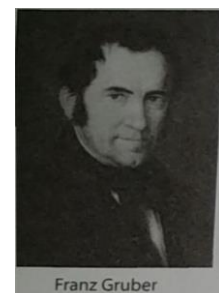


Joseph Mohr

Às h, começou a pensar. O que poderia fazer, de maneira a assinalar definitivamente a noite evocativa do nascimento de Jesus?

Orou e começou a escrever. Palavras simples brotavam ora da mente, ora do coração. Escreveu quatro quadras, conduzido por uma força estranha. Ao terminá-las, pensou: E agora, o que fazer?

Lembrou-se que, numa aldeia muito próxima, havia um admirável cantor que também era compositor; Franz Xaver Gruber.



Franz Gruber

Esse homem havia tido uma vida muito especial, de família abastada,

desejava ser cantor.

Mas o pai, intolerante, havia afirmado que a profissão de cantor não era rendosa e o impediu, desde o começo, quase perturbando a vocação da criança.

O sacerdote local começou a desenvolver, no menino Gruber, o gosto pelo canto e, certo dia, convidou o pai para que ouvisse alguém cantando na igreja, enquanto tocava órgão.

O pai fascinou-se com aquela voz e quando descobriu que era o filho, estimulou-o para que prosseguisse cantando.

Para agradar o pai, Gruber tentou formar-se na condição de professor primário, ser um modesto mestre-escola. Era um homem simples, bom.

Mohr atravessou a neve e, chegando à casa de Gruber, falou-lhe da dificuldade. Poderia colocar melodia naquelas palavras?

Olhou as palavras e começou a sentir o corpo fremir. Sua mão, celeremente, começou a escrever. Utilizou-se apenas de quatro motes musicais e, às dez da noite, havia composto a melodia.

Os dois ensaiaram, Mohr ao violão e ele fazendo o contracanto. Correram de imediato até a igreja de Oberndorf. Estava às escuras quando os pastores, os aldeãos começaram a chegar. Ficaram surpresos por ver que a igreja estava toda apagada e, na surpresa que lhes toma conta,

<sup>17</sup> **The Reader's Digest Association** é uma editora global, líder em Marketing Direto, com presença em mais de **60 países**. Seu produto de referência, a Revista Reader's Digest - fundada em **1922, nos Estados Unidos** - é hoje a revista mais lida no mundo, com edições em **19** línguas.

lentamente as velas começaram a ser acesas, e o coro começou a cantar a doce melodia.

Cantando em alemão, aquela melodia penetrava a alma dos pastores. Então destacou-se o dueto de Joseph Mohr e de Franz Gruber.

As pessoas comoveram-se e choraram copiosamente. Era a noite mágica de Natal.

A partir dali, em todos os anos que se sucederam, cantou-se a doce música de Natal. Depois, caiu no esquecimento.

Em 1846, o órgão apresentou o mesmo defeito. Foi convidado um especialista, porque Joseph Mohr tentava mover o teclado e, naturalmente, dos foles saía somente vento, quando veio o consertador à tarde de Natal. Ao abrir o órgão, encontrou a partitura. Leu-a entusiasmado, consertou o órgão e resolveu cantar de surpresa, para aqueles que lotavam a igreja.

Mohr fez com ele o contracanto. As vozes infantis faziam o estribilho e as pessoas comoviam-se.

Noite silenciosa, noite sagrada, nasceu Jesus. A música permanece agora, em cada noite de Natal.

Em 1848, ou 1849, uma família austríaca foi vender luvas no Natal, em Salzburg, e quando chegou na cidade, ocorreu ao pai de família, os Strasser, colocar os filhos cantando na porta. Começaram a cantar a doce melodia natalina. As pessoas aproximavam-se e, é claro, compravam as luvas.

Em 1854, Franz Wagner, viajando aos Estados Unidos, levou a melodia e, a partir de então, ela começou a fazer parte das celebrações natalinas. Silent Night, Holly Night, Noite Silenciosa, Noite Sagrada.

Em 1854, o rei austro-húngaro procurou saber quem era o autor da letra e da música. Talvez fosse da família Hadney. Foi quando Gruber, que ainda se encontrava encarnado narrou ao monarca a história daquela música especial. Mohr morrera de pneumonia, pobre, ignorado.

Pedeu que, a partir daquele momento, constassem, na partitura e na letra, os nomes dos seus autores e a aldeia de Oberndorf ergueu uma estátua comemorativa para aqueles dois homens modestos que criaram a música, que deveria permanecer na sucessão dos tempos.

Em 1914, numa das mais terríveis guerras que a humanidade jamais enfrentou, houve um armistício. As nações beligerantes resolveram que, no dia de Natal, não haveria combate.

O gelo era inclemente. Nevava. Foi quando um soldado alemão ergueu-se na fronteira próxima à Linha Maginot da França e começou a murmurar a suave canção.

Depois, foi anunciando palavra por palavra. O céu de azul turquesa, cuspidando neve sobre a Terra, parecia um aplauso angelical e silencioso. O soldado empolgou-se. Do outro lado, do lado do inimigo, alguém se levantou e começou a cantá-la também, em francês.

Era um dueto estranho. De um lado, os alemães faziam o coro, do outro, os franceses faziam o contracanto e, mais adiante, os ingleses começaram também a cantar. Foi a noite mais formosa do atormentado ano de 1914.

Trinta anos depois, a Tchecoslováquia encontrava-se sob as botas nazistas. Era noite de Natal, 1944. Um coronel das tropas SS, encarregado da solução final, do extermínio dos Judeus na Europa, adentra-se por um orfanato numa das cidades eslovacas.

Pede que reúnam as crianças. As crianças tremem, apavoram-se, e ele pergunta:

— Alguém aqui sabe cantar? A noite silenciosa, a noite sagrada.

Estava emocionado. Duas crianças saíram do grupo, de mãos dadas e começaram a cantar como dois anjos, em alemão.

De repente, assustaram-se, haviam caído numa armadilha. Na Tchecoslováquia, somente judeus falavam alemão. Eles se haviam denunciado. Ficaram atemorizados.

O coronel ajoelhou-se, abraçou-os e disse-lhes:

— Cantem outra vez. Também sou pai, estou lembrando de meus filhos em Berlim. Que me importa a raça que tendes? Cantai, cantai outra vez!

As crianças começaram a cantar em alemão, enquanto as outras tchecoslovacas foram murmurando no idioma tcheco.



Oito anos depois, era a terrível guerra da Coreia. Noite de Natal! O clima tropical, a temperatura quase asfíxiante, a floresta, o cricrilar dos grilos, as onomatopéias, e o jovem soldado Johnny Tainer estava à porta da barraca enlameada, lembrando-se de sua pátria.

Tinha recebido chocolates de Natal, havia alguma decoração. Sentia-se profundamente emocionado, as lágrimas corriam-lhe espontâneas.

Naquela hora, em Nova York, as pessoas andavam pelas ruas, certamente na Broadway, em Times Square. Os sinos estavam badalando, quando um grupo de crianças coreanas aproximou-se dele e cantou, em coreano, *Silent Night, Holy Night*. A música se havia tornado universal.

No ano , a música era cantada em aproximadamente quinhentos idiomas e dialetos, celebrando o momento culminante da história da humanidade, aquele em que havia nascido Jesus.

Toda vez que ouvirmos a doce canção da noite silenciosa, que nos lembremos desse homem incomparável, conforme o disse Ernest Renan, ao dar a aula inaugural no Colégio de France, no dia de fevereiro de , quando foi convidado para inaugurar o célebre educandário parisiense.

Ateísta, combativo, Ernest Renan era o protótipo do homem anti-religioso. Parecia que detestava qualquer expressão de fé.

Era "imortal" pela Academia Francesa de Letras. Quando a notícia correu informando que ele estaria ministrando a aula de abertura, o Colégio de France teve o seu auditório superlotado.

Foi nesse momento que Ernest Renan levantou-se e tomado de uma grande emoção, após a saudação convencional, começou a sua aula com as seguintes palavras:

"Jesus é um homem incomparável."

Foram poucas palavras, mas elas traziam embutidas uma mensagem que era a sua reação ao totalitarismo dogmático da Igreja Católica Apostólica Romana.

Era a maneira que ele tinha de dizer, que Jesus não era um ser divino, que Jesus não era Deus. Fora um homem, porém um homem incomparável.

Ele entretenceu considerações sobre esse Jesus incomparável. Arrematou o seu discurso dizendo que Jesus havia sido tão grande, mas tão grande, que não coube na história da humanidade.

O Seu berço dividiu a história em dois períodos; antes e depois Dele.

Ao terminar *o jrisson* das suas informações, perturbou algumas pessoas, mas a ovação foi tremenda. No dia seguinte, o "Paris Soir", o grande jornal católico, lançava um libelo contra Ernest Renan, o ateu, informando que ele extrapolara, de tirar de Jesus o caráter de divindade.

Era o velho mistério da Santíssima Trindade. Não podia compreender que Deus fosse o pai de Maria, a mulher de Nazaré e que ela fosse a mãe de Jesus, portanto a mãe de Deus.

Por consequência, o Imperador Napoleão III, que administrava o país com mão de ferro e o apoio da Igreja, demitiu Ernest Renan da Cátedra de Hebrai, na Universidade de La Sorbonne.

Mas, ele não se preocupou. Melhor perder um título, uma função, do que a dignidade. A história pergunta: o que teria acontecido

com aquele homem, um crítico terrível, o mais hábil inimigo da tradição religiosa?

Anteriormente, havia acontecido um fato muito especial na sua vida. A sua irmã Henriette, a quem muito amava, contraiu a tuberculose pulmonar. Naquela época a tuberculose pulmonar era pandémica, chamada de peste branca.

Os médicos de Henriette sugeriram que ela abandonasse Paris.

clima úmido durante o verão e o clima muito frio durante o inverno eram um tremendo inimigo dos seus pulmões, vencidos pelo bacilo estranho.

Naquela , Koch ainda não havia descoberto os bastonetes que receberam o seu nome. Viajaram para o Líbano, por ser uma possessão francesa, na época.

Deslumbrou-se com os cedros do Líbano, mas, a conselho médico, foi residir na orla do deserto. O clima quente seria um grande auxiliar para a sua vida.



Ernest Renan

Também ela participava, ao lado do irmão, do movimento contrário às doutrinas totalitárias.

Ali no silêncio do deserto, nos dias quentes e nas noites frias e secas, começou a visitar velhos escombros de igrejas cristãs primitivas, as antigas igrejas por onde passeara o verbo flamívulo do apóstolo Paulo.

Teve a impressão de que aquelas pedras amontoadas guardavam uma mensagem rutilante daquele homem singular que um dia sensibilizara a história da humanidade. De igreja em igreja, somente escombros. Com o Evangelho na mão, um texto que conseguiu em hebraico, encontrou-se com Jesus, ou melhor, Jesus que estava nela adormecido, despertou numa noite suave de beleza e encantamento.

Então, fez uma carta a seu irmão, era um repto:

"Tu detestas a Jesus, eu te lanço um repto. Tu não gostas de Jesus, porque não O conheces, tu tens lido as traduções, as interpolações, as adulterações, o Jesus teológico que nada tem a ver com o Jesus histórico. Desafio-te para que tu leias Jesus no hebraico, tu és professor de hebraico, tenho certeza, Jesus tomará conta da tua vida e nunca mais serás rebelde."

Renan aceitou o desafio. Procurou nos alfarrábios dos museus e bibliotecas francesas, e também do Vaticano, as primeiras anotações a respeito de Jesus e, lendo-as, constatou que nada tinham a ver com aquele Jesus teológico, com aquelas traduções adulteradas e de interesses próprios das pessoas perturbadas e de patologias várias que, através da história, criaram um modelo para escravizar consciências.

Ernest Renan optou por escrever a vida de Jesus dentro da sua óptica. Escreveu três volumes. Aquele discurso era o resultado dessa investigação.



Anna Freud

Allan Kardec, o egrégio Codificador da Doutrina Espírita, em , em dois belos artigos, entreterá considerações a respeito da vida de Jesus, do Sr. Renan, dizendo que se trata de uma obra respeitável, histórica, embora as interpretações dadas pelo seu autor.

Ernest Renan não se deteve em escrever somente a vida de Jesus. Logo depois escreveu um quarto tomo, a respeito dos Atos dos Apóstolos.

Esse Jesus, um homem incomparável! Por que incomparável?

A Dra. Anna Wolf, a notável psicanalista alemã, assevera com propriedade que Jesus não é apenas um homem incomparável, é o maior psicoterapeuta da humanidade de todas as épocas. Ela que foi considerada uma das maiores psicanalistas femininas, depois de Anna Freud, a filha de Freud, que se deixou arrebatada pela figura de Jesus. Disse que Jesus é tão transcendente que resistiu a todas as revoluções históricas e especialmente à dominação dogmática.

Mesmo no período sociológico da revolução dos hippies, quando Herbert Marcuse, numa universidade, nas costas da Califórnia, proclamou a jornada da flor e do amor, em uma reação psicológica contra a guerra suja do sudeste asiático, os jovens rebeldes não conseguiram fugir a presença desse homem incomparável e em sua homenagem criaram uma ópera rock: *Jesus Cristo Superstar*.

Jesus é uma figura estranha! Por mais que desejemos penetrar-Lhe o cerne, o conteúdo profundo, a Sua realidade, Ele escorrega de nossas mãos, porque Jesus é uma figura paradoxal.

Ao examinarmos Jesus, do ponto de vista histórico, teremos uma grande surpresa. Os bibliófilos asseveram que o personagem mais biografado do mundo é Napoleão Bonaparte. A seu respeito já foram escritos duzentos e cinquenta mil títulos, mas Jesus suplanta-o com quinhentos mil títulos.

Nem todos favoráveis, é claro. Jesus é um anarquista, Jesus é comunista, Jesus é psicoterapeuta, Jesus é revolucionário. O importante que a Sua figura arrasta e cada qual deseja sorvê-la em seu ponto de vista. Por isso, Ele é paradoxal.



Herbert Marcuse



Tudo em Sua vida é muito especial. Por exemplo, não há registros históricos autênticos que confirmem que Jesus existiu.

Será que Ele foi um mito? Será um arquétipo? Será alguém como Krishna<sup>18</sup> ou Zeus? Será que Ele pertence à galeria do Olimpo, não do Olimpo Romano, mas do Olimpo Israelita como tantos outros profetas que hoje nada mais são do que figuras elaboradas para atender as suas necessidades históricas?

Na vida de Jesus, apenas quatro fatos históricos a Ele se referem.

Domício Nero, por exemplo, verdadeiro monstro, tem biografias escritas por historiadores da sua época. Aníbal, o cartaginês; Alexandre Magno, da Macedônia; Júlio César, foram biografados várias vezes.

Jesus é narrado apenas por Flávio Josefo. Historiador do povo Hebreu refere-se a Ele apenas uma vez.

No ano da nossa era, Tiago, irmão de Jesus, foi degolado em Jerusalém. É uma citação que pode ser considerada de maneira muito vasta, porque Yeshua era nome bem popular, como Manoel, no Brasil.

Se foi Yeshua ben Yosef, Jesus filho de José, muito bem. Mas, é apenas Yeshua. Mais tarde, Flávio Josefo refere-se a um grupo de cristãos que viviam na intimidade das catacumbas.

Eram pessoas honoráveis que pagavam impostos. Os impostos sempre foram odiados, mas pagavam impostos. Eram pessoas nobres que saudavam o dia cantando hinos, eram pessoas devotadas ao Bem.

E uma outra referência a respeito da figura Daquele homem que, no tempo de Pôncio Pilatos<sup>19</sup>, foi crucificado.



A terceira referência é muito especial, é de Tácito, historiador romano. Nos seus anais, Tácito refere-se ao período de Nero. Logo depois que o incêndio devorou a velha Roma, o imperador havia responsabilizado homens e mulheres que pertenciam a uma seita, que adorava um certo Jesus de Nazaré.

A quarta referência é de Plínio, o Moço. Aquele sobrinho-neto de Plínio, o Velho, que descreve a tragédia do Vesúvio, principalmente da cidade de Herculano, que se tornou um documento histórico de grande valor, porque ele acompanhou, de seu palácio, a tragédia de Herculano, com as erupções do Vesúvio.

Numa carta que escreve, ao imperador Adriano, narra a história daqueles que nas catacumbas homenageavam o homem judeu, que foi crucificado durante o período de Pôncio Pilatos, sob a tutela de Roma.

São quatro referências a respeito de um homem incomparável, então é paradoxal.

Paradoxal porque celebramos a data do Seu nascimento no dia de dezembro, mas Ele não nasceu no dia de dezembro. Os historiadores perturbaram-se a princípio, quando constataram que a sua data de nascimento não era essa.

Ele teria nascido entre os dias seis e oito de abril. Por que então comemoramos no mês de dezembro?

Porque na medida em que a Doutrina tomou conta do império romano, aqueles cristãos primitivos, aqueles filhos da patrística dos grandes pais da Igreja primitiva desejavam apagar as últimas máculas do paganismo originais da cultura romana. Eram as saturnais, as festas da depravação que

<sup>18</sup> <sup>45</sup>. De acordo com a tradição Hindu, Krishna é um avatar (enviado). É considerado, segundo o Movimento Hare Krishna, a Suprema Personalidade (Deus) e Zeus, na mitologia grega, é o rei dos deuses, soberano do Monte Olimpo e deus do céu e do trovão.

<sup>19</sup> <sup>19</sup>. Pôncio Pilatos foi o juiz que, de acordo com a Bíblia, após ter lavado as mãos, condenou Jesus a morrer na cruz, apesar de não ter nele encontrado nenhuma culpa.

iam de a de dezembro, em homenagem aos dias mais curtos do inverno europeu.

Aquelas saturnais eram também chamadas de festas dos escravos. Os escravos tinham liberdade, recebiam uma ração dobrada, podiam entregar-se às bacanais, era o grande período do prazer.

Os cristãos, desejando apagar esses desregramentos, resolveram trazer a data do nascimento de Jesus, de abril para , de dezembro. Era uma maneira de mudar a estrutura do pensamento e acabar com o paganismo.

Por isso, ela se tornou aceita e, mais tarde, definitiva, mas historicamente Ele teria nascido entre e de abril.

Então é paradoxal. Mais paradoxal é que Ele não nasceu no ano . O ano foi o resultado dos ajustamentos do calendário. Do calendário lunar para o calendário solar. A necessidade de introduzir os meses de julho e de agosto. Julho, em homenagem a Caio Júlio César Otávio, conquistador da África e agosto, em homenagem a Caio Júlio César Otaviano, O Augusto.

Foi necessário adaptar o calendário e tirar do mês de fevereiro três dias, oferecendo-lhe um em cada quatro anos para corres- ponder ao périplo solar. Quando teria nascido Jesus? Se Ele não nasceu no ano , deve ter nascido antes.

Narram as tradições, que três homens<sup>20</sup> do oriente, considerados astrólogos, possivelmente caldeus, haviam percebido sinais nos astros, de que chegara à Terra um homem singular, um Messias.

Aqueles homens, fascinados por encontrar esse ser angélico, atravessaram as longas distâncias, desde a Caldéia até Jerusalém. Foram hóspedes de Herodes, O Grande.

Herodes, na opinião de Giovanni Papini, no seu livro, "A vida de Jesus", é o personagem mais ignóbil que a história de Israel pode apresentar. Devasso, perverso, psicopata.

Esse homem era singular. Ele não era judeu, era asmoneu e governou judeus por imposição imperial de Roma. Governou com mão de ferro. Extraiu-lhes o sangue e o suor, diz Giovanni Papini. Casou-se com uma nobre princesa asmoneia, Mariane.

Mas, como era um esquizofrênico, suspeitava de todo mundo. Quando viajava, colocava um escravo para vigiá-la e matá-la, se houvesse qualquer suspeição a respeito da sua conduta.

O escravo terminou por confessar a Mariane essa tarefa ingrata. Herodes mandou matá-lo e depois mandou matá-la também, dizendo-lhe que não era fiel.

Era tão vil, que mandou matar três filhos, filhos biológicos, porque suspeitava que eles estavam conspirando para tomar-lhe a coroa.

Esse homem, que morreu com enfermidades terríveis na área sexual, apodrecendo em vida; por outro lado, era um gênio.

Ergueu Cesaréia em homenagem ao imperador. Um dos maiores portos do mundo na época, uma construção toda especial na arte da engenharia, que ainda hoje surpreende os estudiosos.

Construiu Heródium, cavando uma montanha. Ali construiu seu palácio, um dos mais admiráveis do mundo, naquele período.

Para poder tentar conquistar os Hebreus, reconstruiu o templo de Salomão, embelezou, adornou, mandou esculpir numa parede de mármore uma parreira em ouro, para homenagear o deus Javeh, e continuou odiado, odiando.

Ao receber esses reis ou esses indivíduos, esses viajantes que estavam procurando o Messias, ficou aturdido e pediu-lhes:

"Se encontrardes o Messias, vinde e dizei-me para que eu também vá adorá-lo."

Entre Jerusalém e a cidadezinha que Ele teria nascido, Belém de Judá, são oito quilômetros; a região é de calcário, ali os pastores guardam seus rebanhos em verdadeiras cavernas naturais, e,

<sup>20</sup> \ Trata-se dos Três Reis Magos, Melquior, Baltasar e Gaspar. São personagens da narrativa *cristã que visitaram Jesus após seu nascimento* (Evangelho de Mateus).

porque não teria lugar para a sua família, que veio para o recenseamento imposto por César, é provável que se tenham recolhido em uma daquelas grutas, onde os animais dormiam nas noites invernosas. Abril é o começo da primavera, é o mês de Nizan<sup>21</sup>, ainda sopram ventos frios, as flores miúdas e as papoulas confraternizam nos campos e nas montanhas. O suave perfume das rosas de sharom embalsama o ar e há, em toda a natureza, uma doce magia de céu transparente.

Eles teriam chegado e homenageado a criança, conforme a narração evangélica, que não pode ser confirmada. Depois de ' homenagearem, perceberam que a criança corria risco nas mãos de Herodes.

Ao retornarem, evitaram passar por Jerusalém. Foram por Betânia. Herodes, ao se sentir enganado, teria mandado matar todas as crianças masculinas, de até dois anos. A tradição histórica narra que, nessa manifestação de crueldade, o seu filho de um ano e meio foi assassinado, porque os soldados não sabiam discernir, embriagados que estavam pelo sangue e pelos licores. Eles haviam atendido a ordem perversa.

Se forem autênticos esses fatos, Herodes teria morrido quatro anos antes do ano . Logo, o nascimento de Jesus deve ser recuado um pouco mais. Teria nascido por volta de seis anos antes do nosso calendário.

Mas, é importante se Ele nasceu antes, durante ou depois? Se nasceu em abril ou se nasceu em dezembro?

Importante é que Ele é uma figura histórica. Nasceu e os relatos a respeito da Sua vida são de uma autenticidade histórica incontestável.

Entre os dois mil narradores, dos textos que foram encontrados, os quatro chamados canônicos, dão testemunho real da presença deste Homem.

O primeiro narrador era Judeu, um Judeu odiado, era um homem de cultura. Mataios Matai, no dialeto samareu, que seria o evangelista Mateus.

Mataios Matai era chefe de uma coletoria. Portanto, cobrador de impostos e os cobradores de impostos eram detestados, como até hoje, principalmente porque Roma era muito hábil na arte de governar.

Quando Roma conquistava qualquer lugar, adotava os seus deuses e incluía-os no seu panteon. Isso agradava os nacionais e Roma não cobrava os impostos, leiloava-os, fazia uma subasta pública. Alguém conseguia comprar os impostos e era esse indivíduo que cobraria castigando os seus irmãos.

Era o odiado, não Roma. Roma dava-lhe proteção, porque, detestado, corria risco de morte. Naquela época os impostos eram absurdos. Havia até pedágio para sair de uma cidade e ir à outra; tanto pagava para sair como para entrar.

Havia o imposto do azeite, o imposto do peixe. Em cada dez peixes, um ia para o cobrador. Havia imposto de tudo e as pessoas

estavam exaustas. Os chamados *Hamea Haesrim*, a ralé, o povo do campo, afluíam para a cidade porque as terras não eram suficientes para produzir e pagar os impostos com grãos.

Tornara-se um período terrível de miséria, de ostentação.

Acredita-se que, àquela época, em Jerusalém havia aproximadamente cem mil miseráveis. Narram os historiadores.

Mataios Matai, certo dia, na sua coletoria, recebe a visita de um homem singular. Deveria ter um metro e setenta e cinco, um metro e setenta e oito, esguio, cabeleira abundante na tonalidade do mel ou do cobre velho ou do ouro, segundo os melhores narradores. Sholenach, por exemplo, o Judeu, escreveu sobre a vida de Jesus.

Ele entra com aquela moldura de cabelo e barba, a nazarena, os olhos como dois pedaços do céu colocados na face. A testa larga, os lábios polpudos. Ele olha para aquele cobrador de impostos e lhe

<sup>21</sup> II. Nizan é o primeiro mês do calendário eclesiástico. Conforme a tradição, e aquele em que a lua cheia cai logo depois de 20 de março.

diz, com autoridade:

Mataios Matai, Eu venho convidar-te para que contabilizes almas comigo, para o Reino dos Céus. Havia muita autoridade, o homem fascinou-se.

A empatia que Dele irradiava penetrou aquele estranho cobrador de impostos. Ergueu a tampa do balcão e se tornou seu discípulo.

Ali na praia, em Cafarnaum, à margem do suave mar da Galiléia, que não é um mar, é um lago, o lago de Genesaré ou Tiberíades, cujo volume de águas é menor do que o da Baía da Guanabara.

Mas, para o oriente, é considerado uma dádiva de Deus naquele buraco de terra de duzentos metros abaixo do nível do mar, de temperaturas amenas. A rainha Cleópatra deixava o verão do Egito e vinha beneficiar-se do clima, em Magdala, onde as brisas frescas dão uma sensação de paz e de alegria.

O primeiro narrador da vida deste Homem é uma testemunha ocular que, desde a primeira hora, acompanha-O no ministério e que está ao Seu lado. Trabalha com Ele e escreve em Hebraico, porque pretendia escrever para os Judeus em versos, fazendo o Evangelho dentro dos moldes da Lei Mosaica.

Apresenta a Lei, a tradição e o Evangelho, coroando Moisés e os profetas. É um narrador autêntico do ponto de vista histórico.

O segundo narrador não conheceu Jesus. João Marcos era um adolescente quando Jesus morreu, ou melhor, era quase uma criança; devia estar com oito anos quando Jesus morreu.

Era filho de uma mulher admirável, Maria de Jerusalém. À época, ninguém tinha sobrenome, eram apodos. Natanael Ben Yosef, Natanael filho de José, Maria de Nazaré, Maria de Betânia, Maria de Magdala.

Essa Maria de Jerusalém era uma viúva rica, que segue a *ria crucis*, ao lado daquelas mulheres que foram denominadas piedosas e que acompanham Jesus, arrostando as consequências de quebra da tradição, até o momento extremo do calvário.

Depois que Jesus morreu, ela recolheu no seu lar os discípulos amedrontados e foi ali que seu filho, João Marcos, ouviu falar a respeito Daquela homem especial.

Mais tarde, seu tio Barnabé, irmão de Maria, sua mãe, esteve com Paulo no ministério da pregação. E o próprio João Marcos, com doze anos, acompanhou o tio e o apóstolo Paulo.

Ouviu falar de Jesus, sobre Jesus. Foi a ele que Pedro pediu, em Roma, no ano , que escrevesse sobre o Cristo, para a parte da comunidade romana que se convertera ao Evangelho.

Escreve um dos Evangelhos, curto, dando enfoque aos fenômenos transcendentais, aos milagres. Exatamente para a cultura romana acostuada aos deuses.

Ele colhe as informações nas testemunhas que ainda viviam: a mãe do Crucificado, João, o discípulo amado; Maria de Magdala, a mulher atormentada que se arrependera.

O terceiro narrador também não conheceu Jesus. Lucas, era médico da marinha mercante. Certo dia, no navio em que ele exercia a profissão esculápia, viu Paulo pregar.

Fascinou-se com o verbo empolgante do orador, deixando-se fascinar mais ainda pela mensagem. Mais tarde, abandonou o trabalho e seguiu o apóstolo.

É a Lucas a quem devemos o epíteto de cristãos, porque éramos chamados homens e mulheres do caminho. Mas, a palavra caminho, em hebraico, tem um sentido também pejorativo e Lucas disse a Paulo:

“Ora bem, se nós somos seguidores de Jesus, o Cristo, por que não sermos cristãos?”

A Paulo devemos o tributo de sermos cristãos. Visitou praticamente a orla do mediterrâneo todo. Adentrou-se até Conínbriga em Portugal, pelas terras da Espanha, pelas costas da África. Esteve no Mar Egeu, no Mar Tirreno e a sua voz tonitruante levou Jesus da província pequenina da Palestina para o mundo, especialmente para o ocidente romano.

A esses dois homens, devemos a presença de Jesus em nossa consciência ocidental. Pois a ele, Lucas, Paulo pediu para anotar as memórias ainda vivas a respeito do Mestre, para os conversos denominados pagãos.

Lucas ouviu as testemunhas. Dialogou longamente com Pedro, com João, com a própria mãe de Jesus e elaborou o Evangelho que é considerado o mais lindo livro que jamais se escreveu.

Tenho a impressão de que alguns dos senhores ainda não leram o Evangelho de Lucas. Façam-no. É considerado a jóia da literatura universal e é considerado, também, como o Evangelho da Misericórdia.

E nesse Evangelho da Misericórdia, que vamos encontrar as chamadas parábolas das perdas e dos achados, que, interpretadas à luz da psicologia analítica, é uma mensagem de psicoterapia para encontrarmos a saúde integral.

Quais são as três parábolas?

Jesus subia na direção de Jerusalém e narrou dezenove parábolas, que Lucas repete, por ter ouvido daqueles que as escutaram.

As parábolas da misericórdia, da esperança, da compaixão são:

O capítulo XV, em que Jesus é censurado como beberrão, como comilão, que se mesclava com gente de má vida. Sorri e diz:

"Mas afinal, quem necessita de médico senão o doente?"

Narra, com uma beleza psicológica incomum, a história de um homem que tinha cem ovelhas e, um dia, uma delas extraviou-se.

Estando no deserto, deixou as suas ovelhas e foi em busca da que estava perdida e, ao encontrá-la, carregou-a no colo, trouxe-a, e disse aos amigos:

Rejubilai comigo, porque a minha ovelha estava perdida e agora foi encontrada."

E qual a mulher que, à semelhança daquela que tinha dez dracmas, moeda grega, e perde uma, não se vê inclinada a acender a lâmpada, varrer a sala até encontrá-la e, quando a encontra, convida as amigas:

"Rejubilai-vos comigo, encontrei a minha moeda."

E, a partir do versículo dez, narra a segunda mais bela parábola da humanidade. A do pai misericordioso, que chamamos de parábola do filho pródigo, que é interpretada pelo Espírito Joanna de Angelis com uma mestria comovedora.

Quando o jovem pede ao pai que lhe dê a sua parte e vai para um país distante. Analisando à luz do pensamento Junguiano, ela diz:

"E um herói que ele vai buscar. Esse herói que existe dentro de nós, como arquétipo. Todos desejamos a nossa aventura, a busca da nossa realidade, sair desse ego estreito. Vai analisando passo por passo."

E, quando o pai vem pedir-lhe para que ele entre em casa, diz:

"Não. A esse teu filho não o chame de irmão. Deste a ele um novilho cevado e a mim, que tenho estado a teu lado sempre, nunca me deste um cabrito para comemorar com os meus amigos."

O ciúme, a pequenez, o egoísmo, a distorção psicológica, aí estão cabalmente demonstrados.

Nós só temos amigos, quando podemos brindar-lhes coisas.

E comum no mundo, de todos os tempos, as amizades serem feitas de permutas de objetos, mas não de sentimentos, frutos da insegurança emocional.

Estas três parábolas, que têm sido comentadas nestes vinte séculos, são as da compaixão e da misericórdia.

Lucas narra a vida Desse homem, estudando os fenômenos das curas, porque ele era médico.

Como é que aquela mão mirrada pode refazer-se? Como é que esse homem, que era um cego, nascido cego, pode recuperar a visão que ele nunca teve?

A sua narração é historicamente considerada autêntica.



O quarto narrador é alguém que viveu com Jesus desde o primeiro dia da sua pregação no lago. Naquela época, era um jovem de dezesseis anos. Ele e o seu irmão foram convidados. Amou tanto Jesus, que o Mestre profetizou:

"Ele não provará do Holocausto."

Foi o único que morreu idoso, todos os demais apóstolos morreram de maneira trágica.

Judas caído em si, optou pelo suicídio. Pedro deu-lhe a vida, até o momento da crucificação, em Roma, de cabeça para baixo. Os outros nove, passaram pelo testemunho. João morreu em idade prolecta.

Os estudos modernos asseveram que ele deve ter morrido entre setenta e cinco e oitenta anos de idade.

Morreu envelhecido, narrando a epopeia da vida deste Homem incomparável. O seu Evangelho é considerado esotérico, místico, porque ele é transcendental.

Começa de uma forma *sui generis*: "No princípio era o verbo, o verbo era Deus, estava com Deus e o verbo se fez carne, e veio habitar entre os homens." Necessitando de interpretações muito complexas.

Quatro narradores, quatro histórias, o mesmo homem.

Quando dizemos:

"Mas os Evangelhos são diferentes."

Sim, não podiam ser iguais. Se fossem iguais, seriam cópias uns dos outros. Por serem diferentes, são autênticos. São quatro indivíduos escrevendo sobre o mesmo personagem.

Aquele protótipo divino de modelo e cada narrativa tem emoção própria. Dentro de cada nível de consciência, há uma carga de amor e respeito inerentes a cada um deles.

Aí está o homem incomparável na história! O que é fascinante, é que dois mil anos depois, a Sua vida interessa a antropólogos e paleontólogos, a psicólogos e a sociólogos, porque Ele conseguiu exarar, em duas frases, as necessidades humanas, que levam à conquista da felicidade:

"Não fazer a outrem o que não deseja que outrem lhe faça". Nada mais.

"Amar ao seu próximo, como a si mesmo."

Essas duas frases são suficientes para enriquecer espiritualmente qualquer pessoa, repletando-a de paz e alegria.

Concluirei, lembrando uma narrativa muito curiosa do período anterior ao Cristianismo.

Havia, na Hebréia, um homem notável, que era um grande rabi, de nome Shamai.

Certo dia um jovem foi a Shamai e disse:

— Mestre, eu seguirei a tua doutrina se tu me ensinares toda a Bíblia, durante o tempo em que eu possa ficar de pé, num só pé.

Shamai olhou para ele e respondeu:

— Impossível. A Bíblia é um livro muito complexo, são muitos livros, eu demoraria anos para ensinar-te a Bíblia.

O jovem insistiu:

— Não me interessa, tenho pressa.

Foi visitar um outro sábio, de nome Hilel, e fez a mesma pro- positura:

— Eu seguirei a tua doutrina se me ensinares toda a Bíblia, durante o tempo em que eu possa ficar de pé, num só pé.

Hilel disse-lhe:

— Toma posição.

Ele ergueu a perna e Hilel, cem anos antes de Jesus, concluiu:

— Ama.

E calou-se.

— A Bíblia toda é isso?

- Ê. Basta amar.
- Mas, e tudo aquilo que tem lá escrito?
- Ah! Tudo aquilo que tem lá escrito é explicação do amor. Quem ama, não necessita de explicações. Quem não ama, sim.

Esse é o Homem cuja magia invade a Terra nesta época, numa psicofera de esperança. Esse é o Homem incomparável de Renan, que nós, espíritas, buscamos compreender e amar, como nos pedem os espíritos elevados. Se não houvesse nenhuma prova histórica, bastaria a referência dos Espíritos Imortais, quando Allan Kardec interroga em "O Livro dos Espíritos", na questão :

"Qual o ser mais perfeito que Deus ofereceu à criatura humana, para servir-lhe de modelo e guia?"

E a resposta é a mais curta da filosofia universal:

"Jesus."

Jesus é o nosso Modelo, é o nosso Guia.

Celebrar o Natal, é permitir que Ele nasça em nosso mundo íntimo. Porque certamente Ele ficou obumbrado ou desapareceu das paisagens da nossa mente.

Celebrar o Natal, todos os dias, é ter Jesus nos lábios, a Sua mensagem no coração e a Sua vida em nossas mãos. Pelos lábios, coração e mãos, Ele Se manifestou ao Mundo.

Muito obrigado.